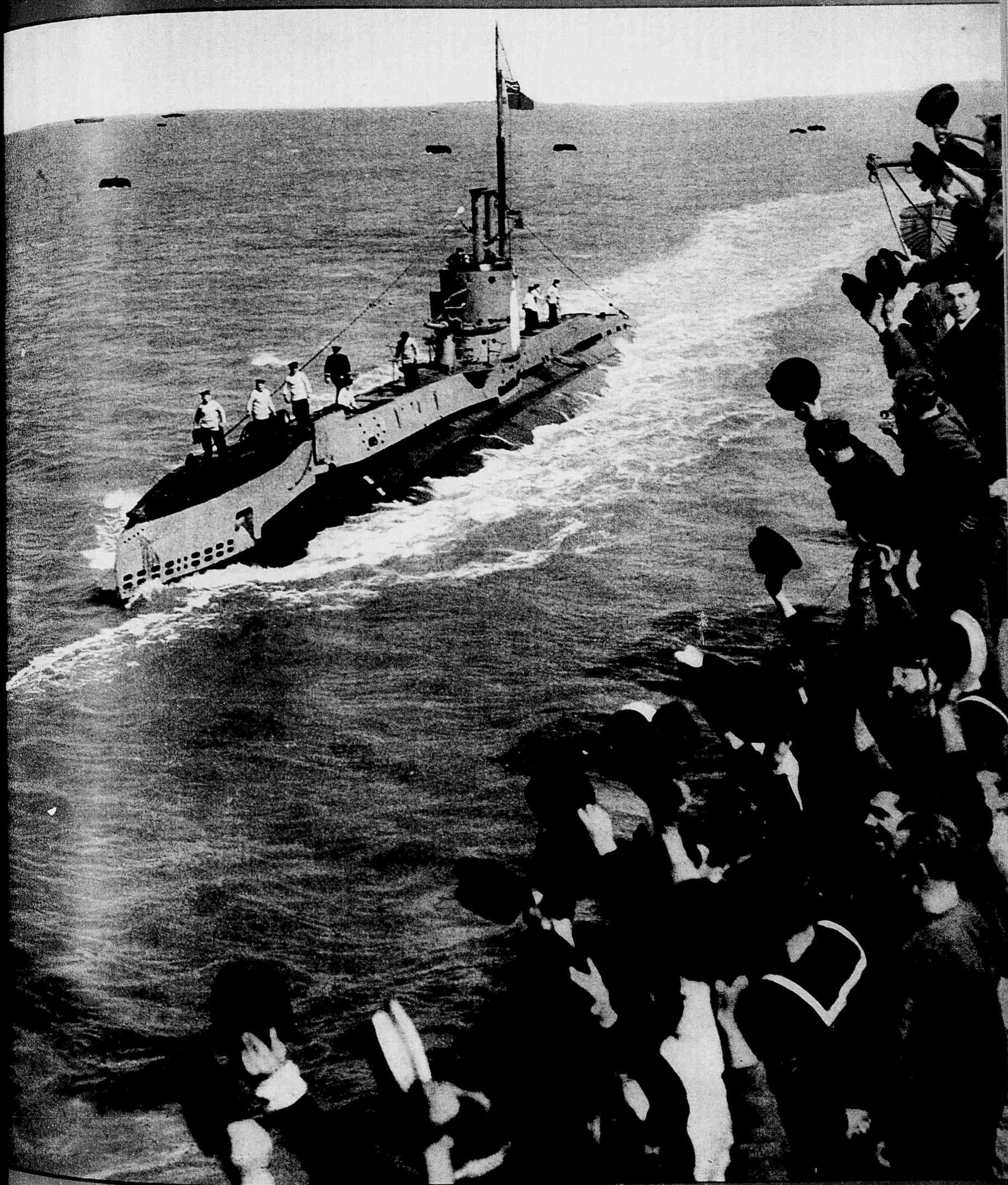


Revista da Semana

ANO XLIV -- N.º 21 -- 22 DE MAIO DE 1943 -- CR\$ 1,50 EM TODO O BRASIL



SUBMARINO, ARMA INFERNAL

REPORTAGEM
NO TEXTO

A arte harmoniosa de Marques Junior



A moça das mangas.

Marques Junior andava há muito afastado dos que lhe admiram a arte serena e harmoniosa.

Daí o alvoroço com que foi recebida a sua exposição de cinquenta quadros, realizada na última quinzena, no nosso Museu de Belas Artes.

Dificilmente se poderia conseguir, nestes tempos de violências e de truismos artísticos, um conjunto assim equilibrado, de tão sutis sugestões, repousante como uma tarde caindo sobre um jardim. A exposição era mesmo uma competição floral, com toda a leveza e a graça dos mais belos e naturais arranjos da primavera.

A arte de Marques Junior, sem perder nada de sua segurança técnica, acentuadamente impressionista, é mesmo uma arte cheia de delicadezas femininas, dama graça leve, espiritual e fina, com qualquer coisa dum toque de Whistler e Marie Laurencin.

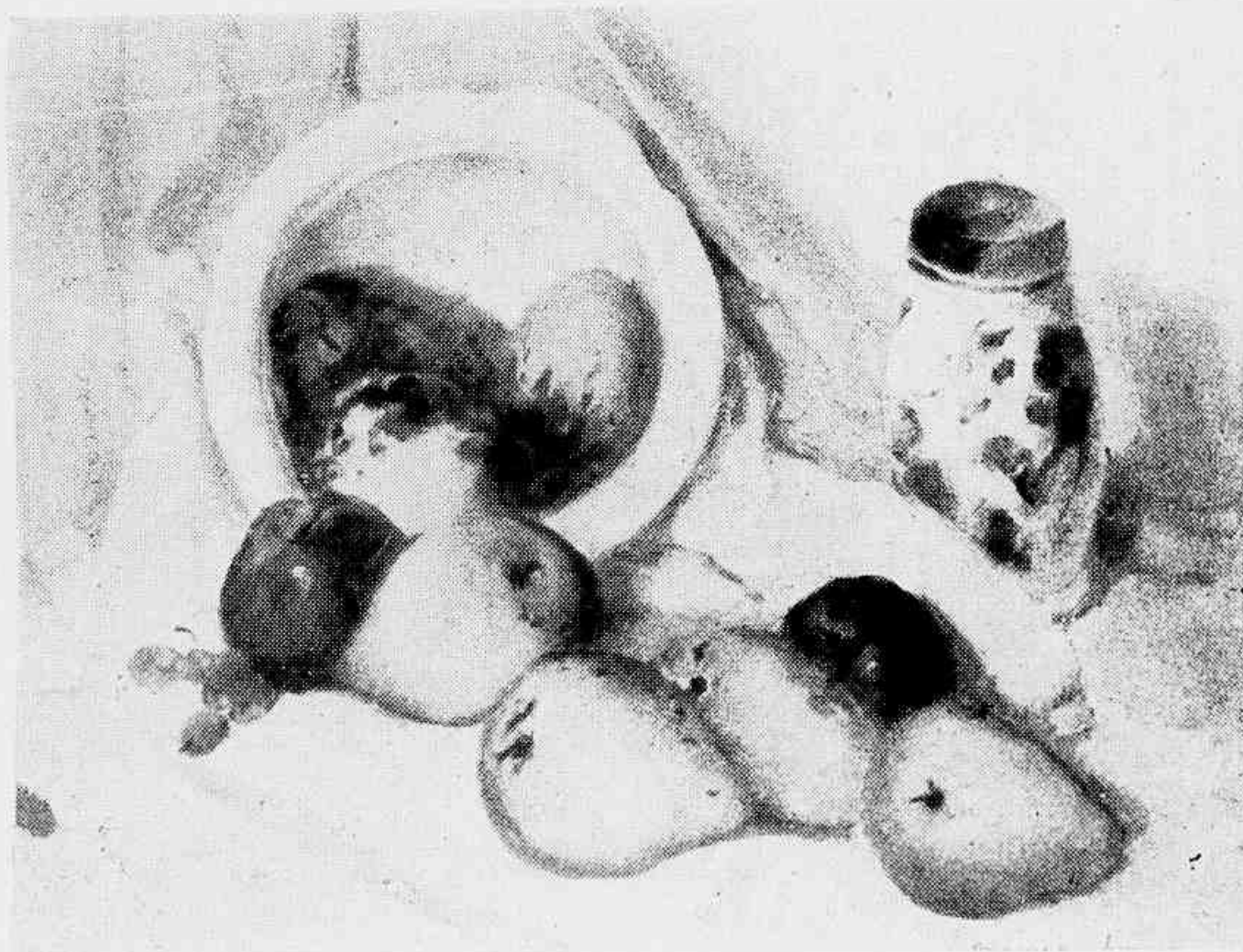
As reproduções desta página, mostrando várias nuances dessa "maneira" gentil, revelam também o excelente retratista que é Marques Junior, de par com o paisagista e animador incisivo de certas naturezas mortas.



Auto-retrato.



Tres lindas amostras da arte sutil de Marques Junior.

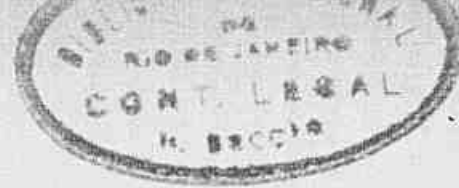


As mangas.



Casebre abandonado.

EXAGERAÇÃO



Por **JOÃO LUSO**

Revista da Semana

Houve alarme, parou o trem, acudiu uma imensidade de gente...
(DOS JORNAIS)

— Eu lhe digo, meu caro senhor... Sempre fui exagerada. Desde pequerrucha, assimzinha.
— Tão pequitinha?
— Toda a gente se admirava. A começar, naturalmente, por meus pais.
— Que tentaram corrigi-la, não?
— Talvez. No começo. Depois, conformaram-se. Em vez de me manifestar no piano, na declamação, no samba ou em qualquer outra especialidade... comum, revelei-me menina prodígio na exageração.
— Questão de gênero.
— Já está. É uma coisa, pelo menos, não me podiam negar: a originalidade.
— Perfeitamente. Mas, em que circunstâncias se exercia essa tendência, esse...
— Pode dizer: esse dom.
— De acordo.
— E por que não "esse gênio"? Por que se ha de aplicar o termo às outras precocidades e não à minha?
— Tem toda a razão.
— Mas perguntou o senhor em que circunstâncias... Por exemplo: se sentia um friozinho à toa, começava a tremer a bater o queixo, até me cobrirem de agasalhos pezadíssimos; se estava com apetite, gemia e chorava, jurando que ia morrer de fome. Aos quatro anos exigia, para dormir, cama de casados. E não suportava boneca que não fosse maior do que eu.
— Com efeito!
— Se me dava para brincar, corria, pulava, traquinava horas inteiras sem interrupção; se resolvia ficar socegada, metia-me a um canto, quieta, sem dar palavra, o dia inteiro.
— Imagino a inquietação da senhora sua mãe.
— Sim, a princípio todos pensavam que fosse doença. Consultaram — conforme mais tarde vim a saber — não sei quantos médicos, verdadeiras celebridades nacionais e estrangeiras; sujeitaram-me a uma infinidade de tratamentos, de regimes... Todos me faziam peor. Cada vez eu ficava mais exagerada — e com a agravante de só exagerar no sentido da tristeza, do queixume, da choradeira. Até que, certo dia, um grande especialista convenceu os "velhos" de que não deviam consultar mais ninguém. No meu caso, disse ele, as drogas, os sistemas de cura eram, não apenas inúteis, mas até... Como se diz mesmo? Espere! Contraproducentes!
— E em que idade entrou para o colégio?
— Aos três anos.
— Três?
— Bom, agora eu exagerarei... para menos.
— Digamos seis, oito...
— Pois sim. Por sinal que a professora se via tonta comigo. Uns dias estudava eu, mas estudava de levar na ponta da língua três ou quatro lições adiantadas. A pobre senhora enchia-se de assombro. Falava em milagre. Queria por força levar-me aos jornais, fazer-me falar no Rádio. Meus pais é que não consentiam. Pessoas exageradamente... modestas. Além disso, sabiam que não tardaria o reverso da medalha. Efectivamente, quando a mestra menos esperava, eu me saía duma ignorância e dum desleixo inqualificáveis. Não sabia nada; não tinha o menor gosto, o menor brio; ouvia a repreensão, sorrindo cinicamente...
— Criançice, criança...
— Não, senhor, fazia tudo aquilo como pessoa grande!
— Emfim, tenho a certeza de que, uns dias por outros, quer dizer: pela média, a senhorinha se colocava entre as primeiras. — Sempre fui a primeira.
— Bravo!
— Isto é: mintol! Sempre fui a primeiríssima!
— Bravíssima! Mas... como assim?
— E' que a segunda ficava a enorme distância de mim. A darem-me, portanto, a classificação de primeira, não mereceria ela a de segunda.
— E' lógico.
— Bom tempo, esse do colégio! Saí de lá com uma pena, uma saudade... Cheguei a cair de cama. E chorei, dia e noite, mais de dois meses.
— Depois, está visto vieram outras distrações...
— Inúmeras! Por exemplo, apaixonei-me pela cultura física. Meteu-se-me em cabeça, entre outras coisas ser, campeã mundial da piscina.
— Tal qual a Maria Lenk.
— Oh, não! Superior!
— Ainda superior?
— Porque teria que vencer a própria Maria Lenk.
— Sim, também é verdade.
— De repente, veio-me a idéia de tentar o cinema.
— Figura excelente...
— Fotogênica, não?
— Digo como a senhorinha: fotogeniquíssima!

— Para me certificar disso, resolvi tirar uma série de retratos. Diante da máquina, acudiu-me uma infinidade de poses: sorrindo de leve, mais acentuado, mais ainda, rindo francamente, dobrando o riso, gargalhando, com as ilhargas rebentando de tanto rir...
— As ilhargas, está claro, não se viam!
— Eram estudos fisionômicos. Via-se tudo na fisionomia. Em mais parte nenhuma.
— Compreendo.
— Passámos em seguida à tristeza e à dor, desde a primeira linha do ricto magoado, ao canto da boca, até ao golpe que vara o coração e ao grito da alma despedaçada. Naturalmente, não se via o coração...
— E a alma muito menos. Já tinha compreendido!
— Fotografámos depois, com a mesma subtilidade de gradações, a indignação, o triunfo, a fascinação, a repulsa, o desespero...
— Et coetera, et coetera.
— Numa dessas manhãs, acabaram-se as chapas da casa; doutra vez, o fotógrafo, que se esquecera de almoçar, desmaiou de fraqueza, ao lado da máquina.
— Senhorinha, tanto da sua parte quanto da dele, é o que se pode chamar amor à arte!
— Convenci-me, enfim, de que o meu fâcies se prestava a todas as expressões, todas as eloquências. A minha carreira de artista estava absolutamente assegurada.
— E com que empresa trabalhou?
— Não cheguei a estreiar-me.
— Que pena! E por que, santo Deus?
— Tive primeiramente a dificuldade da escolha do pseudônimo. Com o bom senso que nunca me abandonou — apesar de todos os exageros — reconheci que Mariana Josefina Ferreira não dava para cartaz. Precisava, portanto, dum pseudônimo. Em alguns minutos de concentração, acudiram-me dez, duzentos, cinco mil. E todos sonoros, soberbos, originais, sedutores... Isto, em dois ou três minutos. Mas depois, para verificar bem a minha preferência... nem queira saber quanto tempo gastei!
— E qual adotou, afinal?
— Decidi ficar com o nome verdadeiro que, se outra vantagem não tinha, me evitava, ao menos, o suplicio infundável de escolher.
— Muito bem! Resolvido esse problema...
— Não encontrei empresa que aceitasse as condições mais modestas de ordenado e outros proventos em que eu poderia ser contratada. Ao ouvir indicar uma dessas cifras mínimas, um dos directores com quem procurei entender-me, levou as mãos à cabeça, como se lhe tivesse caído em cima o Pão de Açúcar... ou pedregulho ainda maior. Outro ficou subitamente vermelho, côr de sangue de boi, roxo, preto de todo — e caiu para trás, na poltrona. Diante disso saí sem me despedir; e nem sei se ele voltou a si.
— Estava escrito que a senhorinha não seria uma Greta Garbo nem uma Greer Garson...
— Pensei ainda em montar empresa minha... Mas só o estúdio, como eu o imaginei, importava, calculando por baixo, em vinte e cinco milhões de cruzeiros.
— Imagino, calculando por cima!
— E imagine também, se pode, a quanto iriam outras despesas, inclusivamente as da publicidade.
— Só o Banco do Brasil.
— Emfim, tudo se arranjará talvez, se não surgisse o grande, o verdadeiro obstáculo: Gastão.
— Gastão?
— Pois não se lembra? O meu noivo: Todos os jornais deram o nome.
— Ah, sim, queira desculpar!
— Desde que o encontrei, não pude ter outro ideal, outro pensamento, outra razão de ser.
— E, sem dúvida, logo ele correspondeu...
— Infelizmente, é um rapaz todo compostura, método, moderação. Tentei convertê-lo à minha imagem e semelhança. Impossível. Com a convivência, a intimidade, e embora nos adorássemos, gradualmente, nos iam tornando incompatíveis.
— Que tragédia!
— Pelo seu lado, também ele queria à fina força transformar-me. Entre outras coisas, exigia que eu deixasse de ser exagerada.
— Oh! Mas também, era de mais!
— Ontem à noite, como eu não me submetesse à sua maneira de ver, Gastão declarou que estava tudo acabado, que partia para sempre. Apenas ele voltou costas, resolvi atirar-me à linha, ali defronte, quando fosse passar o trem.
— Daí por diante os jornais contaram.
— Mas sem explicar o motivo por que falhou a tentativa de suicidio. Sim, o trem passou, sem me fazer mal algum. Mas por que? Porque, com este temperamento incorrigível, eu atravessara a linha, indo cair do outro lado. Sempre exagerada. Já está!

ANO XLIV --- N.º 21
22 de Maio de 1943

RINS?

- Dôres nas costas
- Dôres reumáticas
- Urina turva, escassa
- Pés inchados

Aos rins cabe a tarefa de eliminar as impurezas do organismo. Com os anos ela se torna mais árdua e nem sempre mantém plena eficiência provocando os sintomas acima que podem indicar uricemia, envenenamento do organismo pelo ácido úrico. Tome as PÍLULAS DE FOSTER e ajude a remover o excesso de ácido úrico prevenindo-se de graves enfermidades.

PÍLULAS DE FOSTER

Para os Rins e Bexiga

• Diuréticas e balsâmicas — desinfectam e ativam os rins. Combatem o ácido úrico e manifestações. Também para pieles, uretrites e cistites.

Aprov. pela D.N.S. sob n.º 233 em 15-4-42.

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

SUB-PRODUTOS DE UVA E VINHO

PODERÃO SUBSTITUIR CERTOS MATERIAIS ESSENCIAIS AO PROGRAMA DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS

O Sr. H. A. Caddow, Secretário-gerente do Wine Institute, declarou aos produtores de uvas e vinho da Califórnia, que os sub-produtos de vinho poderiam contribuir para aliviar a escassez de certos materiais essenciais ao programa de defesa.

Os vinhedos dos Estados Unidos são atualmente os únicos fornecedores de tartaratos, 90% dos quais eram anteriormente importados da Europa. Os tartaratos são usados em fermentos na indústria fotográfica e na confecção de certos medicamentos.

Embora a escassez de tartaratos seja grande, o Sr. Caddow afirmou que a indústria do vinho está envidando os os maiores esforços para diminuir a gravidade da situação.

Acrescentou que se podem obter outros sub-produtos do vinho, tais como o óleo de semente de uva, considerado um bom substituto dos óleos secativos; ácido tânico, extraído da casca e pedúnculos das uvas é usado no tratamento de queimaduras; e carvão para processos de descoloração e para máscaras contra gases asfixiantes.

DOR DE ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICA

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O número avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 52 páginas

Outros riram...



— Por que não casou você com o Gonçalves? Todos dizem que ele se regenerou completamente.
— Sim, mas regenerou-se depois de ter ficado sem um tostão.



— Pensou no trabalho que lhe mandei fazer há oito dias?
— Muito, senhor diretor. Só falta fazê-lo.



— Queria que o senhor me visse quando eu tinha vinte anos.
— Mas, nesse tempo, não me causaria a senhora a menor impressão... porque eu devia ser menino do peito.



— Acredita que preciso de comprar um chapéu e não o encontro em condições?

— Por que? Tem a cabeça grande de mais?

— Não, mas queria comprar fiado.



— Estamos no ar há mais de duas horas.
— Hein? Como o tempo também voou!



— Tenha a bondade: deixe ver a língua.
— Mas será preciso, doutor?
— Muito! Para a senhora ficar calada!



— Diga-me: Tem boa memória?
— Sim, senhor.
— Então não se esqueça de me lembrar no dia 30 para o despedir no dia 31.



— Que idade tem esses meninos?
— Seis anos. São gêmeos.
— E onde nasceram?
— Um aqui, no Rio, outro em Goiás.

A nossa capa

Dedicamo-la hoje a um submarino britânico que regressa a sua base após perigosa viagem nos mares do Norte e é recebido entusiasticamente pela marujada amiga.

Prestamos, assim, uma homenagem a esses heróis do mar que perseguem os navios inimigos em todos os oceanos e preservam a navegação aliada dos corsários. Dêles será, em grande parte, a vitória futura que já se anuncia no horizonte.



UM BRINDE INTERESSANTE

De nosso amigo sr. Edson Augusto dos Santos, residente em Cachoeirinha, Estado do Paraná, recebemos dois lindos cinzeiros trabalhados em madeira do Paraná.

Curioso e útil o presente — dois cinzeiros em nós de Pinheiro — muito nos sensibilizou.

Numeros atrasados desta Revista na Bahia

Pedir a ALFREDO J. SOUZA

Rua do Colegio, 8 — Salvador

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e esperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Numeros atrasados desta Revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.

Praça João Lisboa, 114 — S. Luís

A SEMANA EM REVISTA

PRIMEIRO ROUND

A deshamornia conjugal é uma das coisas mais velhas do mundo. Seria quase uma anormalidade um casal cuja vida transcorresse na mais completa paz. Desde que o homem inventou o divórcio, o mais frequente dos motivos para êle, é a incompatibilidade de gênios. E nas sociedades em que o divórcio, por quaisquer circunstâncias, não existe, os conflitos quotidianos assumem um aspeto claro de violência, por vezes — diga-se de passagem — pitoresca, com copos, louças e outros objetos descrevendo trajetórias no espaço, à guisa de projectis. A luta, às vezes, é sincronizada com diálogos amenos, troca de amabilidades, etc. Tais duelos, porém, geralmente terminam com a vitória do elemento mais forte. Por isso, achamos curiosa

uma notícia saída há dias nos jornais, segundo a qual um fulano e uma fulana, residentes nesta Capital, unidos pelos santos laços, resolveram por questões íntimas, romper os ditos, anulando o seu casamento. Com isso, porém, não pôde conformar-se o ex-marido que, assumindo ares ameaçadores, prometeu matar a mulher. Chegou o diade cumprir a promessa. Defende-se ela. Emoção. Drama. Ao barulho, aproximam-se outras pessoas. Que foi, que não foi? Ela, triunfante, aparece com um revólver carregado de seis balas. "É a criminosa" — disseram, antes mesmo de saberem se houve crime. Mas não, não tinha havido crime. Ela explicou, simplesmente, que conseguira dominar o marido. Vencera-o. A prova era aquela arma encontrar-se em seu poder. Dizem, porém, que êle continua nervoso, disposto a tentar qualquer outra asneira. Pois, coragem valente! Com alguma persistência um dia ainda conseguirás a reabilitação.

OLHAI OS LIRIOS

Nessa literatura brasileira de ficção, tão morta, tão farta em romances, quanto pobre em bons romances, o escritor Erico Veríssimo representa, sem dúvida, um dos poucos valores, um dos poucos nomes de expressão. Não que ele haja, propriamente, fundado uma escola, creio alguma coisa nova. O romancista riograndense é, apenas, um discípulo inteligente dos romancistas ingleses contemporâneos — qualidade que, aliás, ele não esconde. — Neste sentido, sim, revolucionou o romance brasileiro, introduzindo-lhe sangue novo. Seus livros adquiriram rápida popularidade. Espalharam-se por todo o Brasil. Todas as classes sociais os leem. Não existe granfina dos salões metropolitanos ou intelectual provinciano que não conheça *Olhai os lírios do campo*, ou *Caminhos cruzados* ou qualquer outro de que seja autor.

Erico Veríssimo não evita referir-se a certos fatos, a certas situações, das quais não poderia divorciar-se, uma vez que o romance moderno não se passa no plano atmosférico das abstrações líricas.

Elegante no vocabulário, cremos que êle possui, apesar de tudo, a condição essencial para assegurar a higiene de sua obra. Neste sentido seus livros são incomparavelmente superiores a outros, escritos por homens de uma certa escola que anda solta por aí.

Entretanto, a pequena parcela de coisas proibidas encerrada em seus livros, é suficiente para escandalizar o crítico e o leitor imbuídos de preconceitos. Tudo, digamos bem claro, depende do ângulo em que se coloca o observador. O jesuíta Leonardo Fritzen, professor de literatura em um ginásio gaúcho, declarou publicamente que os livros do creador de *Clarissa* estão repletos de *vileza, veneno, sujeira*. "O livro contém veneno, o livro é vil, o livro mata..."

Não se conformando com isso, Veríssimo instaurou queixa-crime contra o padre. Por certo manifestar-se-ão os fans de ambas as partes. Vai ser uma coisa séria. Aguardemos os acontecimentos. Isto é mais divertido do que guerra, racionamento e outras coisas.



De quem é a culpa?

Si V.S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, lingua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrêtos, gases, dôres, cólicas, e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substancias infetadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestino das impurezas, substancias infetadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre
em casa **Ventre-Livre**

TEODORICO EM APUROS

A humanidade está dividida em dois grupos: o dos tolos e dos que se aproveitam dos tolos. Entre os dois é muito mais facil a gente pertencer ao segundo. O tolo é essencialmente passivo. Em geral adota uma filosofia. Leva muito a sério suas idéias, tão a sério que se esforça por viver coerente com elas. Outrossim, admite os valores humanos, acredita na honra, nos amigos, nas mulheres, na bondades dos homens, etc. Este, pelo menos, é o que poderemos chamar de *tolos convictos*. Ha outras espécies — oh! muitas outras! — que não nos interessam aqui. O outro grupo, cuja célula formadora é o esperto, é bem maior. O esperto é, sobretudo, o homem que troca uma vida de profundidade por uma vida de superficialidade. Não lhe interessa nenhum sistema de idéias, nenhuma religião, desde que não lhe forneça uma fórmula de tirar o máximo da vida, com um mínimo de esforço. Não tem convicções, a não ser, é claro, uma crença inabalavel na vacuidade de tudo. Fala frequentemente nas qualidades que devem integrar o patrimônio moral do homem. Tais palavras são gastas como papel-moeda sem lastro; que, afinal, sempre compra alguma coisa. Enquanto o tolo, no plano intelectual envereda pela especulação, passa noites, em claro, estudando a obra dos grandes pensadores, escreve ensaios, teses, realiza o romance meditado, — o esperto prefere — e talvez com razão — dedicar-se à aventura galante do romance-historieta, do romance que descreve mas que não constroi; às vezes faz versos e quasi sempre faz jornalismo. Ah! jornalismo! Não ha esperto que não seja um fascinado pela gólia facil de aparecer empoleirado na coluna de uma folha, escrevendo para um público de *tolos*, dizendo coisas em que ele nunca pensou, ensinando, doutrinando... Isto se lhe afigura a maneira mais cômoda de "viver com inteligência". Acrescentemos que o esperto acaba sempre nas instituições consagradas, históricas, científicas, literárias, enquanto o tolo... o tolo será sempre para ele "o poeta", o homem "que leu muito, mas que não adquiriu certa habilidade para vencer na vida, não agiu..." (*Agir* para o esperto é não ter escrúpulos sempre que um triunfo dependa exatamente de não ter escrúpulos).

Tolos e expertos... são autênticos representantes destes dois grupos que aparecem como protagonistas no presente caso que passaremos a descrever: Teodorico morava na casa da senhora Maria do Carmo. Certo dia dona Maria, confiando demasiado no seu inquilino, dá-lhe um cheque para receber no Banco do Brasil. Voltando sem o dinheiro, contou uma história comprida de um bilhete de loteria premiado que lhe teriam vendido. Foi um conto do vigário. Mas acontece que dona Maria do Carmo acha que o vigarista não seria uma terceira pessoa e sim ele mesmo, Teodorico. Indignada, apresentou queixa à polícia, contra seu desleal inquilino. A policia, entretanto, está na obrigação de não acreditar na coisa, à primeira vista; assim, abriu inquérito a respeito. No fim de tudo será apontado o esperto e o tolo envolvidos no caso. Temos cá as nossas cismas, porém, que é o Teodorico mesmo o esperto.

FLAVIO



DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouv. dor. 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES

SABONETE DE REUTER

Esse algo intangível que se chama formosura é o que toda mulher ambiciona. A base é uma cutis delicadamente asselada. Use diariamente o

SABONETE DE REUTER

para conseguir-a.



BANDEIRANTES

Destinando-se ao nobre mistério de promover a formação das novas gerações femininas brasileiras, na escola sadia do nacionalismo e da virtude, no que este termo encerra de mais amplo, a Federação das Bandeirantes do Brasil acaba de lançar mais um número de "Bandeirantes", sua publicação oficial. Bem feita, repleta de belos trabalhos ressumbrando elevado civismo, constitui mais um esplêndido indicio da vitalidade ininterrupta do Movimento Bandeirante, e também, da magnífica disposição de espírito das moças patriotas, quando a Pátria mais precisa dos cérebros e dos corações de seus filhos.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

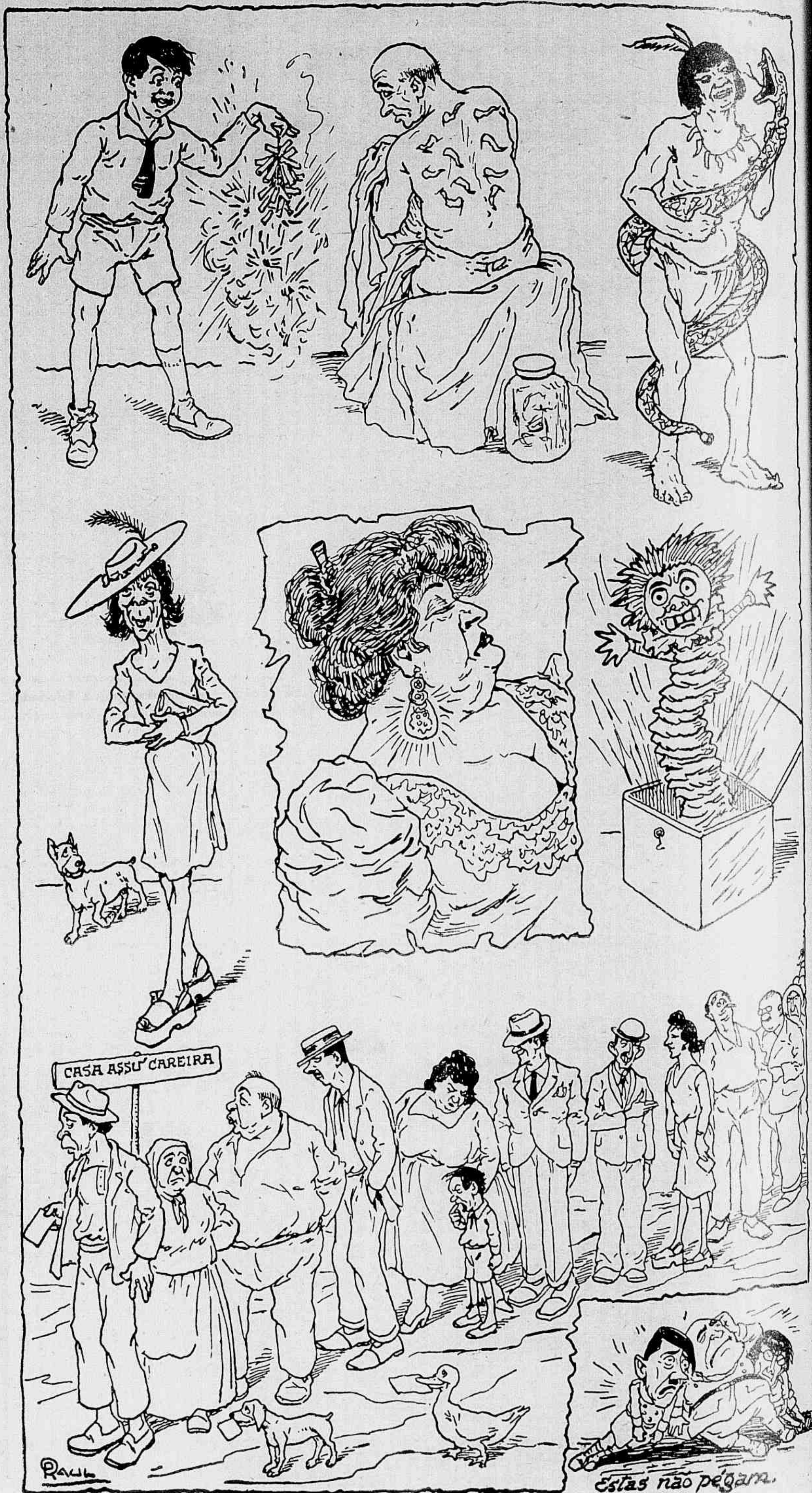
Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

BICHAS



Estas não pegam.

A FILHA DE JIM

conto do escritor norte-americano
ERSKINE CALDWELL

A O raio do dia, um negro que ia levar a ração às mulas da herdade, prevenira o coronel Henry Maxwell; o coronel telefonara ao shérif; e o shérif levava Jim para a cidade, sumariamente, e metera-o na cadeia. Depois fôra para casa, almoçar.

Jim andou alguns minutos às voltas pelo recinto, abotoando a camisa, enfiando o resto da roupa; depois sentou-se na tarimba, para amarrar os sapatos. Tudo se havia passado tão rapidamente que ele não tivera tempo sequer de beber um copo de água. Ergueu-se e aproximou-se da moinha colocada no chão, junto à porta. Estava vazia. O shérif esquecera-se de a encher.

Nesse meio tempo, vinham chegando homens ao pátio da prisão. Ouvindo-os falar, o preso foi à janela e olhou para fora. Parou defronte um automevel, do qual descenderam cinco ou seis homens. Outros se encaminhavam para a cadeia, vindos das duas extremidades da rua.

— Que é que houve contigo, hein, Jim? perguntou alguém.

Jim, com o queixo entre duas barras da grade, passou em revista, de relance, os rostos que permaneciam de pé no pátio. Conhecia-os a todos. E enquanto se esforçava por compreender como a notícia da sua prisão se espalhava pela cidade, outra voz perguntou:

Foi acidente, aquilo, ou que foi?

Um negro que conduzia para a fábrica uma carrada de algodão, pôs as mulas a trote ao passar por diante da cadeia.

— E' pena, Jim, que estejas às voltas com a justiça...disse outro homem. O shérif subia a rua, trazendo pendurada do braço uma marmita de ágata. Passou por entre os grupos, abriu a porta da cadeia e depoz a marmita do lado de dentro, no chão.

Muitos homens o tinham seguido e olhavam por cima dos seus ombros.

— Aqui tens o almoço. Foi minha mulher que o fez. Deves comer alguma coisa, Jim...

— Não tenho fome...respondeu ele. — Minha filhinha, sim, é que tinha fome.

O shérif saiu, recuando, com a mão direita na coronha da pistola automática. Saiu tão depressa, que pizou os pés dos que estavam detraz dele.

— Então, Jim? disse o shérif, brandamente. — Nada de tolices...Vai te sentar e acalma-te.

Puxou a porta e fechou-a à chave. Depois de dar alguns passos em direção à rua, pareceu para verificar se a pistola estava bem carregada.

Os homens, que estavam no pátio, aproximaram-se da parede. Um deles bateu na grade da janela até que Jim se apresentou. Ao vê-los, meteu o queixo entre duas barras, às quais, ao mesmo tempo se agarrou com as mãos.

— Como foi isso, hein, Jim? Um acidente?

Dir-se-ia que o rosto de Jim, longo e estreito, ia passar para fora da grade. O shérif acercou-se da janela:

— Cuidado, Jim...disse ele. — Tem juízo...

O homem que interrogara Jim arredou o shérif com o cotovelo. Os outros chegaram-se, ombro a ombro.

— Como é, Jim? Foi acidente?

— Não...respondeu Jim. — Peguei na espingarda e atirei.

O shérif tentava abrir caminho até a janela.

— Conta, diz o que se passou! reclamaram.

O rosto de Jim, apertado na grade parecia mais estreito. Dir-se-ia que só as orelhas o impediam de sair inteiramente.

— Minha filhinha chorava, gemia, dizendo que tinha fome...Até que não pude mais ouvir aquilo. Não pude!

— Não te exaltes, Jim...aconselhava o shérif, esforçando-se por avançar e sempre repellido pelos cotovelos dos homens.

— Alta noite, acordou, dizendo que tinha fome...E eu não pude aguentar, não pude!

Um homem fôro para a frente, ficou bem diante da janela.

— Jim...disse ele. — Devias ter vindo à minha casa pedir alguma coisa para ela. Bem sabes que o que é meu é teu.

O shérif também conseguira chegar à primeira filha.

— São coisas que não se devem fazer...respondeu Jim. — Trabalhei o ano inteiro, colhi bastante algodão para termos que comer, minha filha e eu.

Interrompeu-se, olhando os rostos que para ele se erguiam ansiosamente.

— Colhi bastante algodão...insistiu o preso — e a parte que me pertencia não nos deixaria passar necessidades. Mas eles vieram e levaram tudo. Eu não podia ir mendigar, uma vez que trabalhara e colhiera para ter que comer o ano inteiro. Mas eles vieram e levaram tudo. Por isso minha filhinha acordou esta noite, dizendo que tinha fome. E eu não pude aguentar!

— Está bem, mas agora vai-te deitar...interveio o shérif.

— Minha filha dizia que tinha fome...E ha um mez andava dizendo. Erguia-se de noite, para o dizer. Quem aguentava isso?

— Devias mandá-la lá a casa, Jim. Minha mulher lhe daria de comer. Não precisavas de matar a pobresinha...

— Havia então de a deixar morrer de fome? Morrer de fome?

— Calma, Jim...recomendou o shérif que se esforçava por manter a posição na primeira linha.

A turba agitava-se, ondeava, num balanço quasi regular.

— Quer dizer que, esta noite, pegaste na espingarda e a mataste...

— Quando a ouvi, mais aquela vez, chorando, pedir-me de comer, não aguentei, não pude!

A multidão continuava a crescer. Chegavam homens de todos os lados. E cada qual tentava avançar, atravessar, para ouvir o preso.

— Agora tens que prestar contas à justiça...observou um da frente.

O pátio da cadeia, a rua e o terreno vago fronteiro à prisão pouco a pouco se enchiam de homens e rapazes. Por toda a cidade se espalhara que Jim Carlisle tinha matado com um tiro sua filhinha de oito anos.

— Para quem trabalha ele? perguntou uma voz.

— Para o coronel Maxwell...responderam. — Ha nove ou dez anos.

— Maxwell não tinha o direito de lhe tirar a parte que lhe pertencia da colheita. Um homem tão rico...Não é justo.

Bem á custo o shérif se conservava na primeira fila.

— E agora o juiz vai condenar Jim...disse outro homem. — Não é justo.

— Alguem agarrou o shérif pelos ombros e o puxou para traz.

— E como foi que Maxwell te tirou a tua parte, hein, Jim?

— Dizendo que eu lh'a devia porque uma das mulas tinha morrido o mez passado.

O shérif aproximou-se novamente da parede:

— Vai-te deitar, Jim...Tira os sapatos e estende-te na cama, a ver se dormes...

Repeliram-no, a cotoveladas e a "ombradas" para traz.

— Mas foste tu que mataste a mula, Jim?

— Morreu na estrebaria. Eu nem lá estava.

A multidão comprimiu-se com mais força. Os da primeira fila ficaram imobilizados contra a parede da cadeia. Os de traz empurravam porque queriam ouvir. Os do meio, de tão apertados, não se podiam mexer. Todos falavam alto.

No terreno vago reunira-se grande magote. Um homem gritava com indignação. Acabou subindo para a capota dum automovel e desatou a praguejar, jesticulando. Outro homem saiu a grande custo da multidão, dirigiu-se ao seu automovel e, pondo-o em marcha, desceu a rua.

Jim continuava encostado à janela, agarrando às barras com as mãos. O shérif, de costas para a turba, dizia-lhe coisas que ele não ouvia.

Um homem, que guiava um carro com fardos de algodão, deteve a parelha para saber o que se estava passando. Olhou um instante a massa de povo comprimida diante da cadeia; depois voltou a cabeça e avistou Jim que não saíra da janela.

— Que é que ha, Jim? perguntou ele.

— Minha filhinha que acordou esta noite, gemendo de fome...

Mas só o shérif o ouviu.

O homem desceu do carro, atou as guias a uma das rodas e penetrou como ponde na multidão. Apenas se informou do ocorrido, voltou à rua e, chamando um negro que se conservava a distancia, com alguns outros, confiou-lhe os animais. Depois foi de novo juntar-se aos outros homens.

Passado algum tempo, voltava o homem que partira de automovel. Desceu, abriu a portinhola, e tirou de dentro uma grossa barra de ferro, quasi do tamanho dum homem.

— Vamos arrombar essa porta e trazer Jim cá para fóra! gritou alguém.

— Não é justo que ele esteja preso!

O magote do terreno vago atravessou a rua. O homem que discursava desceu da capota do automovel. O que trouxera a barra de ferro ergueu-a no ar.

Recuando, o shérif tinha-se afastado da parede sem deixar de dizer:

— Cuidado, Jim, cuidado...Nada de tolices...

De repente, rodou nos calcanhares e desatou a correr, rua abaixo, para casa.



T. TARQUINO

CREME DE BELEZA ORIENTAL

Sobre o seu toucador é a garantia
da sua formosura!

Embranquece, amacia e assetina a cutis, evitando as espinhas, cravos e manchas. Não é gorduroso e é de facil aplicação.

A' VENDA EM TODO O BRASIL

ALMAS PENADAS, romance de Pedro R. Wayne — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. Pedro R. Wayne, escritor riograndense, com grande apego à sua terra e à sua gente, era já autor dum romance regional: *Charqueada*. Revelou então os seus dotes de observador, os seus elementos de narrador e o sentimento profundo, essencial, daquela paisagem, daqueles costumes, daquelas tradições. Os personagens da história que então compoz — e para a qual sem dúvida aproveitou episódios ou passagens da vida real — evidentemente constituíam outras tantas relações ou recordações da sua própria vida. Sentia-se em vários casos as afinidades entre a criatura e o criador. E tudo se apresentava com flagrante eloquência ao nosso espírito porque, diante dos olhos do escritor ou dentro do seu coração, havia mais ou menos acontecido.

Em *Almas Penadas* o romancista se consagra especialmente ao estudo dum poeta. E não um apaixonado das belezas e das riquezas do torrão, como Jean Rameau que devotamente proclamava a sua ascendência e a sua inspiração, dizendo:



Mon père labourait la terre et je la chante...

O poeta do Sr. Wayne entrega-se a outros ideais. Quer exprimir grandes anseios humanos e não submete a sua obra às regras do alexandrino nem a outras quaisquer.

Passaram por mim as aves que me enviaste,
mas os teus recados perderam-se na sombra
sem que as aves me achassem...
Veio uma aflição de asas ferir meu desespero...
e o sol se fechou como uma flor que ninguém quiz,
esquecida num vaso sem água...

Fiquei desolado na penumbra, onde o espanto
tinha a atitude perturbada de um altar,
que de castiçal em castiçal viu abafados os lampejos das velas...

Helio deseja uma infinidade de coisas que não pode realizar e os versos que produz a ele próprio parecem "fracos, sem nada traduzir do que pretendia". A insatisfação do cérebro, do sangue, dos nervos leva o pobre herói ao alcoolismo, a outras recursos contraproducentes. E, arruinado enfim no caráter e no sentimento por uma aventura de amor vulgar que redundava em tragédias íntima, vale-se dum veneno em "dois goles sôfregos de fuga e esquecimento."

Outras figuras e outros motivos enriquecem as duzentas páginas do romance. Os tipos de gaúcho vivem deveras e naturalmente nos comunicam a sua intimidade. E os panoramas se fazem reconhecer e amar por quem já atravessou, rapidamente embora, aquelas paragens inesquecíveis.

BEM-AMADA IFIGÊNIA, "poemas" de Domingos Carvalho da Silva — São Paulo, 1943.

"Poemas" chama o sr. Domingos Carvalho da Silva a estas composições ora metrificadas e rimadas — o seu verso predilecto é a redondilha menor — ora lançadas em plena independência e pleno arbitrio. Trata-se evidentemente de obras da mocidade, não, porém, improvisadas, soltas em momentos de ardorosa expansão. Depois de criadas, o poeta as reteve, naturalmente para bem as refletir e cuidar, antes da apresentação em livro. Há um "catálogo cronológico", pelo qual se verifica que, entre a primeira e a última destas páginas, decorreram nada menos de seis anos. São, portanto, sonhos e arrebatamentos da juventude que ficaram mais ou menos longo tempo sujeitos à meditação do poeta e à análise do artista.

O sr. Carvalho da Silva ama e louva as mulheres, duas especialmente: Ifigênia e Florinda, que se revezam, se às vezes, se não juntam, e confundem como inspiradoras do seu estro. E essa dualidade ou essa colaboração não o inibe de admirar igualmente outras belas criaturas, tais como a *Donzela da Aldeia Campista*, a quem ele, com apaixonada fantasia de estados civis e condições locais, assim se refere:

A donzela da Aldeia Campista
desceu do bonde na praça Tiradentes.

Seus grandes olhos eram azuis e calmos,
dois grandes lagos andinos.
Seus cabelos voavam, impacientes —
(uma grande águia dourada
sobre o corpo aristocrata
dessa princeza virgem vestida de linho!)

MOVIMENTO

Li suas memórias nessa manhã de festa,
escritas, no original,
nas páginas brancas da areia
de Copacabana.

Sereia do Posto 6,
ilustrada no cinema,
colorida pelo sol,
morava em Santa Teresa
essa imperatriz-loira da Aldeia Campista.

Eterna amante do mar,
turista de Teresopolis,
filha de Belo Horizonte,
amando os vinhos da França,
era a viúva mais linda
de todo o mundo latino...

Não conheci nunca outra mulher mais pura!

VISCONDE DE MAUÁ, AUTOBIOGRAFIA, com prefácio e anotações de Cláudio Ganns. — Rio de Janeiro, 1943.

Neste livro de vasto formato, o prefácio do sr. Cláudio Ganns ocupa pouco menos de cem páginas. E as anotações em tipo miúdo, ao fundo de numerosas páginas da *Autobiografia*, propriamente dita, aumentam em proporções consideráveis aquele trabalho de pesquisa, análise e comentário.

O sr. Cláudio Ganns realizou uma obra que bem pode chamar sua. Recorreu a muitos outros autores no sentido da documentação, mas nem sempre para os seguir incondicionalmente e algumas vezes para, com ativa franqueza e por completo, os combater. Sujeitou os dados colhidos das fontes mais diversas a um sistema soberano de apreciação. Manteve a sua orientação própria. E é o que nos leva a apreciar o seu estudo, no qual, entre a exposição pessoal de coisas sabidas, alguma coisa nos comunica, nos ensina, pelo poder da dedução e do julgamento, de que resulta toda a possível originalidade. Assim o panegirista nos faz acompanhar a vida de Irineo Evangelista de Souza, desde a infância e por entre os episódios, narrados sempre de maneira cativante, da sua educação, seus empreendimentos, seus triunfos, suas adversidades, sua ruína — e sua glória. Com as fases da existência pública do personagem se entremeiam os capítulos de ordem sentimental e familiar. A individualidade se define plenamente nas idéias, na acção, nos menores aspectos. Não deixam de concorrer para isso os toques românticos nem até os desfechos de anedota. E em tudo o prefácio do sr. Cláudio Ganns corresponde à nobreza do vulto nacional a que rende homenagem.

Quanto à *Autobiografia*, que os eruditos e os estudiosos naturalmente conheciam, em boa hora vem até ao grande público, como lição de oporosidade, patriotismo e honra que todos devem aprender.

VALES PROFUNDOS, romance de Dan Tothoroh, tradução de V. Coaracy — Rio de Janeiro, 1943.

É um romance passionai, mas tratado com a intenção e a forma realistas. Sobre o assunto dum melodrama doutros tempos, construiu o autor alguma coisa que impressiona pelo aspecto e o tom de verdade actual. Libbie, a jovem heroína, vive ao mesmo tempo desgostosa e irritada com a desinteligência dos pais que ha alguns anos não se falam. Tem vontade de abandonar a casa, situada num vale remoto, meio selvagem, da Califórnia. Anda por ali perto em construção uma estrada que deverá transformar, civilisar a região. Nela trabalham principalmente sentenciados. Libbie distrai-se com a labuta daqueles homens, cada qual de semblante mais rancoroso ou mais sofrido. Um deles, Barry, afeiçoa-se à moça com sentimento bem diverso do que outras criaturas lhe haviam inspirado. Por uma noite de tempestade, Libbie, depois de violenta briga de palavras com o pae, que se lhe tornara insuportavel, põe em prática o antigo desejo de fuga. Dá-se nas obras da estrada um desmoronamento e Barry é um dos poucos operários que escapam à morte. Encontram-se a donzela e o presidiário e vão viver escondidamente numa casa abandonada. Mas Barry é descoberto, tem que fugir. E Libbie volta para casa dos pais.

Não acaba, porém, aí a agitada história. Outros episódios sensacionais a prolongam. Morre o pai, incendia-se a floresta, morre Barry; e é então que o livro termina, como o dramalhão do famoso soneto de Artur.

antes que outra catástrofe aconteça.

J. L.

LANOL e' sabonete!

VALE O DOBRO DO PREÇO POR QUE E' VENDIDO !

LANOL, á base de lanolina, benjoim e plantas aromaticas é um verdadeiro balsamo para a pele, protegendo-a contra todas as impurezas.

LANOL, não é um sabonete vulgar, é um produto de primeirissima qualidade para a saúde do corpo.

LANOL, no banho de seu filhinho é muito recomendado por suas excepcionaes qualidades curativas.

LANOL, é o sabonete que o Brasil esperava!

A' VENDA EM TODO O BRASIL

LITERÁRIO

BOLETIM DO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O Conselho Nacional de Geografia que vem editando, ha quatro anos, a magnífica *Revista Brasileira de Geografia*, acaba de lançar o 1.º número do seu boletim noticioso mensal.

Completando por assim, dizer, a *Revista*, que é uma publicação dedicada particularmente à divulgação de trabalhos de fôlego, o *Boletim* tem por finalidade, manter os intelectuais brasileiros sempre em dia com tudo aquilo que diga respeito, à geografia do nosso País, abrangendo informações, notícias, bibliografia e legislação.

O sumário deste primeiro número é o seguinte: Editorial do Mês: Apresentação — J. C. de Macedo Soares; Comentário do Mês: Concurso de Monografias e Aspectos Geográficos Municipais — José Verissin o da Costa Pereira; Transcrições do Mês: Nota preliminar sobre as regiões pastoris do Brasil — Otávio Domingues; A geografia na escola primária — Vital de La Blanche; Resenha: Opiniões; Contribuição Didática; Informações: quadro geral da administração pública brasileira; Noticiário; Bibliografia.

Com uma feitura material irrepreensível, obediente à organização escrupulosa e elegante que, de um modo geral caracteriza tôdas as publicações do Conselho — constitui mais uma brilhante demonstração da capacidade de trabalho do sr. Carlos Pedrosa, chefe da Carteira de Intercâmbio e — publicidade do C. N. G. e, outoism, do dinamismo, interrompido dêste departamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, procurando desenvolver ao máximo — não obstante as dificuldades do momento — o seu patriótico programa de realizações.

A. M.

S. CAMILO DE LELLIS, de Frei Mansueto Kolmen — Stela Editora.

Perseverando em sua obra de evangelização pela pena, Frei Mansueto Kolmen acaba de publicar interessantíssima biografia de um dos maiores vultos da hegiografia católica. A vida de Camilo de Lellis, que foi em moço jogador, soldado e aventureiro e acabou canonizado pela Igreja, é cheia de incidente edificantes e pitorescos que a pena agul do autor não deixa de salientar. Filho de um século que produziu Lutero e Inácio de Loyola, S. Camilo de Lellis, o glorioso fundador da Congregação dos Ministros dos Enfermos, tem muitos traços em comum com as grandes figuras da Contra Reforma católica. O autor esboça, no começo do livro, um panorama geral do século XVI, tão fecundo em contrastes, tão rico em personalidades gigantescas cujos vultos na comparação de um escritor inglês moderno, seriam, junto aos nossos, como um impetuoso Niagara ante um pacato riacho. Camilo de Lellis foi uma dessas torrentes impetuosas que fecundaram o século com o ardor e a combatividade de sua fé. Deixamos aqui nossos votos para que Frei Mansueto Kolmen continue a dar-nos, no seu estilo simples e sem atavios, mas cheio de observações profundas, nova biografia dessas vidas que foram, através dos tempos, sargas de jogo a propagarem o verbo divino.

J. A. R.

CURIOSIDADES LITERARIAS

UMA LINGUA VIPERINA

O grande polemista francês Léon Daudet foi sem dúvida, um dos altos valores mentais da nossa época. A sua campanha nacionalista à frente da *Action Française* origem desse temível exército de ataque que são os *camelots du roi*, marca como uma das mais fortes e violentas obras de polémica política.

O conflito com a Santa Sé, a excomunhão que o Papa acabou por lançar sobre o irrequeto político e todos aqueles que lêssem o seu jornal, puseram em fogo, Léon Daudet que, não só durante a permanência em França como no exílio, na Bélgica, nem por um momento fraquejou nos seus ataques a todos os caudilhos da República francesa sem distinções de pessoas nem de partidos.

Nenhuma das pessoas que costume lêr, frequentemente, jornais, se esqueceu ainda, decerto, das estranhas circunstâncias em que se deu a morte de Filipe Daudet, o desditoso rapaz, filho do chefe da *Action Française*.

No taxi do *chauffeur* Bajot, Filipe Daudet fez a sua última viagem, desde a casa do agente provocador conhecido até ao Hospital Lariboisiere. Ia moribundo. Uma bala atravessara-lhe a cabeça.

A policia investigou; e disse Suicídio. Léon Daudet, o pobre pai, gritou com tôdas as suas forças: Assassinato!

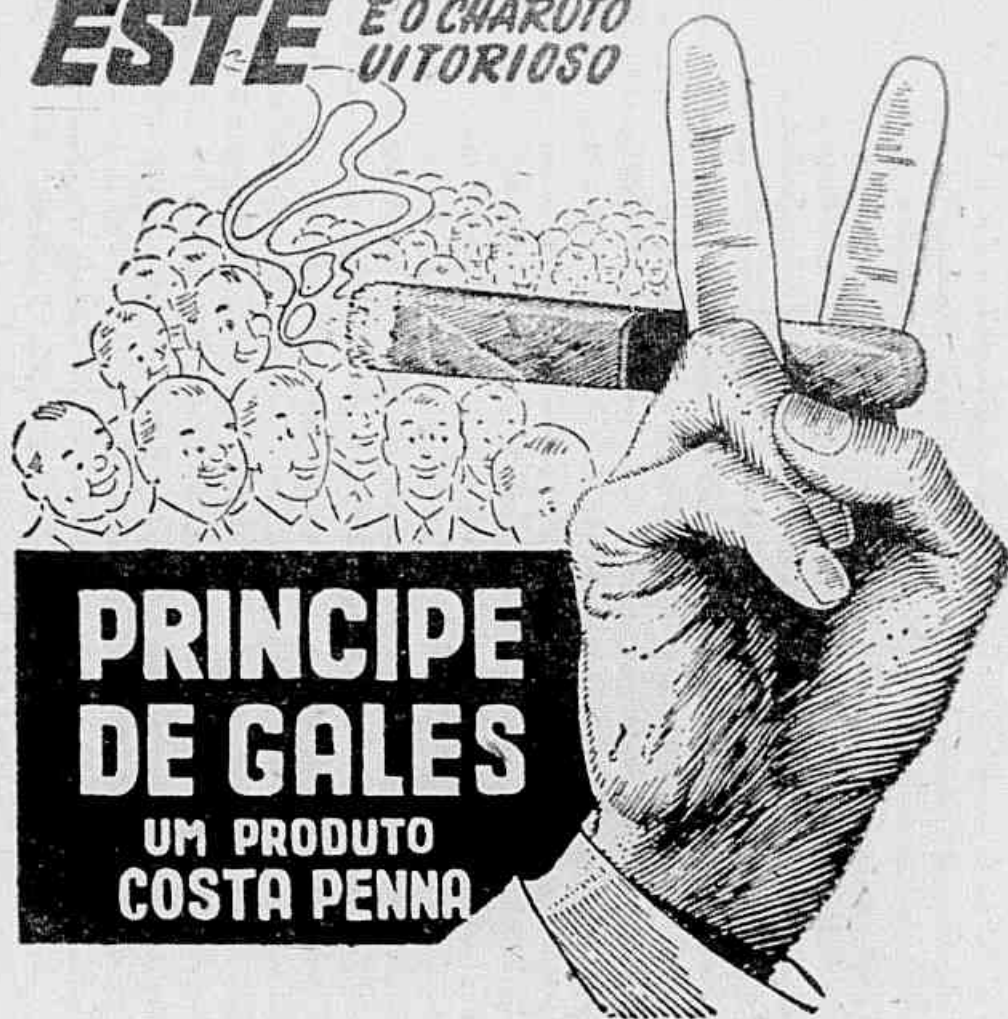
A opinião pública sobre violentas emoções. As mais elevadas e belas são as que lhe produz Léon Daudet, defendendo, com o seu imenso desespero, de pai, com toda a violência da sua pena genial, a memória do filho.

Mas os códigos são estreitos, tacanhos. Não compreendem os grandes gritos trágicos quando eles passam além do diapasão marcado pelos articulados das leis. Léon Daudet foi preso por difamação ao mesmo tempo que o seu jornal, jornal dum católico puro e fervoroso, era excomungado por Sua Santidade.

Mas o genial escritor não esteve muito tempo nas celas da *Santé*. Um habilíssimo *truc*, rivalizando com os mais hábeis atribuídos aos famosos artistas da evasão, deu lugar a que o chefe realista pudesse fugir, acompanhado pelo comunista Lemard. E Léon Daudet acolheu-se à próxima hospitalidade da Bélgica.

Mas um grande movimento de nobreza politica se realizou em seu favor. Era presidente do governo Tardieu, talvez o homem público mais insultado por Léon Daudet, e ante ele vieram Mandel, Marin, Herriot e Daladier, solicitar o indulto do diretor da *Action Française*. Não iam sós. Levavam uma petição assinada por milhares de nomes republicanos quasi todos pessoas para quem o polemista pedira o oprobrio público e, ainda

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



mais, o fusilamento nos fossos de Vincennes, entre estes estavam Malvy e Caillaux. Poincaré e Briand aderiram à petição, e o indulto obteve-se. Os ataques violentos do leão irado, abrandaram pouco a pouco. A nobreza dos seus inimigos domou a fúria avassaladora do político mais violento da Europa. Vai haver paz entre os homens.

Mas, para se avaliar bem da generosidade dos republicanos franceses, é necessário reproduzir aqui algumas frases com que Daudet os mimoseou. Vão a seguir, algumas traduzidas, outras na língua original porque, na tradução, perderiam o seu sabor especialíssimo. Os leitores ajuizarão da tempera dos insultados, que souberam esquecer tais afrontas dando um grande exemplo ao mundo inteiro, um exemplo moral que se não esquece.

RAYMOND POINCARE'

Anãozinho.
Vêlhinho ridículo.
O medonho covarde.
O falso jurista.
"Le pêteux à roulettes".
Diafoirus para caixa económica.
Glorioso estabilizador dum pataco.
O anão da Lorena.
O poltrão.
Lugar geométrico dum certo número de financeiros.
Um desgraçado.
Anãozinho de barbichas subido a umas andas.

ARISTIDES BRIAND

Cão sebentado e bento...
Farrapo inclassificável.
Pavoroso imbecil.
"Gâteux místico-candad".
O miserável.
O baboso que vai chocando Estados Unidos da Europa de vários feitios.
O velhaco.
O canalha.
Cão lazarento.
Medonho imbecil.
O incapaz.
O "pan-uropéen".

EDOUARD HERRIOT

"Edouard Mapipe".
O caloroso impostor.
Covarde entre os covardes.
O bafiento de Colónia.
Desanima até à invectiva pelas superfícies recheadas das suas palinódias.
O pânico do franco.
A cultura francesa ganharia muito se a Academia o mandasse fazer discursos ao vaso de noite, para debaixo da cama.
Um grotesco tomado a sério.
Um câmicio assustado, eloquente e desastrado.
Mente descaradamente, como Falstaff.

ANDRÉ TARDIEU

Descaradão.
Um cínico como todos os gozadores.
Tardieu, o preventivo,
Um ministro do segundo império fracassado ou melhor, levado ao período de decomposição final da democracia republicana.
O clássico homem de pulso, ao colo dos agentes de negócios e dos canalhas.
Um gozador já cheio...

E mais não dizemos, nestas "Curiosidades..."

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

ESCRAGNOLLE DORIA

A Quinta do Cajú

De país a país as habitações com caráter rustico recebem denominações diversas. O *Collage* na Inglaterra é *maison de campagne* em França, a quinta portuguesa corresponderam a chacara ou o sítio brasileiros.

Por exceção perdura entre nós o vocabulo quinta. Na cidade do Salvador existe a Quinta dos Lazaros, lembrando a do Tanque os ultimos dias de Vieira.

O Rio de Janeiro memora duas Quintas, a da Boa Vista depois Palacio Imperial, e a do Cajú, ambas em terras bem de S. Cristovão. Esta circumscrição territorial carioca muito se apegava ao nome da terebintacea de singular castanha.

Em S. Cristovão a palavra cajú designa tres locais, uma praia, um cemiterio, uma quinta, tres cousas extremaveis á simples menção quanto mais á simples vista.

Sobre a Quinta do Cajú devemos preciosas informações á Antonio Gonçalves Pereira da Silva. Cumpre citar quem se afadigou em pesquisas e a busca de informações proporciona não raro a verificação de muitas indiferenças pelo passado no máo humor de informantes solicitados. Não se lembram que presentes na vida nela o são por ascendencia, na impossibilidade da geração espontanea ou ainda menos da sintetica, como tanta cousa é hoje.

E' indispensavel seguir Pereira da Silva para dizer certo da Quinta do Cajú, dizendo por conta propria quando pudermos.

No Rio de Janeiro, nele já habitante da Quinta da Boa Vista, o Principe Regente tratou de escolher sitio para banhos de mar, no que peze á opinião de apresentar o principe como anti-higienista acabado. Buscar praia, estabelecer nela balneario e ficar em seco parece rematado absurdo.

Ao Principe Regente foi cedida, temporariamente para o fim desejado, a Quinta do Cajú da qual dono Gouvêa Freire e cedente Guilherme Midosi, genro do proprietario.

De certo ao Rio de Janeiro do tempo não faltavam praias nas quais o mar se



Áspeto dos restos da Quinta do Cajú e do seu antigo balneario

espreguicava ou batia sobre bellissimas curvas, linhas que a natureza geometra, a seu modo, indicou ao homem como a linha a conservar nas praias, quando lhes quer formosura.

Ao Principe Regente morador da Quinta da Boa Vista não se lhe dava banhar-se longe, ele e os seus procurando comodidade, mormente ante o problema das distancias da cidade carioca.

A Quinta do Cajú estava de prestimo proximo para banhos. Cercava o mar a quinta por duas praias, uma em cada face da propriedade, ambas as praias de limpidas areias dando extenso tapete a quem buscava as ondas vagas.

Onde o Principe Regente se instalava, melhorava, dirão que para uso e goso proprio. Não ha duvida, mas quantos são os que nas sintam dentro de si os saltos da móla do egoismo. Nem a ninguem arrepie a expressão, pois pelo o dinheiro é a guerra: tem nervo desconhecido por anatomistas.

Para benfeitoria da Quinta do Cajú, o Principe Regente acrescentou-lhe um palacete na praia de vista para a ilha do Bom Jesus. Destinou o palacete a residencia de verão, o estio no Rio de Janeiro em certos anos de respeito quando não doentio.

Em obediencia a ordens o palacete do Cajú foi mobiliado com aparato, nele figurando mobilia á antiga, com moveis de gosto e feitio diferente, algum contador deixarão ou algumas cadeiras D. João V trabalhada no jacarandá para desespero do cupim.

A interior bem preparado, entendeu o Principe Regente, devia corresponder exterior que não destoasse. Por isto o palacete recebeu jardim onde sobressaíam as mangueiras de tanto copar quanto frutificar contentando botanicos e gulosos de frutas.

As ruas do jardim da Quinta eram calçadas com pedrinhas multicores. Num jardim apraz ao passeiador encontrar logares para repouso e passos, logares dos quais o mesmo passeiador possa ver descansado o que a marcha mesmo lenta não lhe permitiu apreciar.

Com o crescer da vegetação, e nos climas tropicais a natureza não costuma empecê-la. O jardim da Quinta do Cajú teve bosque sem caça, esta nas tapadas da lha. do Governador.

Sob a verdura, ao resguardo do sol, havia bancos rusticos de pedra, tão apreciados na epoca e ornados de conchas simetricamente dispostas ou não.

Despedindo-se D. João VI do Rio de Janeiro nele deixou o filho regente do Brasil. A Quinta do Cajú ainda permaneceu na dependencia de Casa Real em breve Imperial.

Onde D. João VI passeiava, quasi sempre em companhia do conde de Parati, passeiou D. Pedro I utilizando-se ele da Quinta e do seu palacete para recreio de filhas menores e uso balneario delas, sabido quanto as crianças apreciam jardim e mar.

Dizem haver doces violencias. Talvez tenha sido uma o Sete de Abril, D. Pedro I desejoso de assegurar a D. Maria da Gloria, o trono usurpado em Portugal, "pelo mano Miguel".

Durante as quatro regencias da Minoridade de D. Pedro II era natural que a Quinta do Cajú não merecesse os cuidados anteriores. Ao ser maior, D. Pedro II tratou da Quinta, mas com a simplicidade de seus habitos e com a regra de gastos pessoais, poupando dotação que, conforme reconheceu o Governo Provisorio de 1889, num dos seus primeiros decretos, era bastante empregada para acudir a desvalidos de toda especie.

Partido D. João VI para Lisboa, em 1821, a Quinta achou-se incorporada aos bens da Corôa, a propriedade sem o esmero do tempo do Principe Regente.

Na Quinta, D. Pedro II fez questão de conservar banheiro de uso privativo seu e da imperatriz, ambos amigos dos banhos de mar. Estabeleceu-se um banheiro na Quinta, na praia de prospeto á cidade e á ilha dos Ferreiros da qual Dutra e Mello poetisou madrugada.

O banheiro constou de modesta e pequena casa de porta e janela lado e outro do mar e da terra. Escada de tijolo cimentado levava ás ondas e nestas, por ocasião dos banhos, fincados sarrafos com corrimão para apoio. Tudo no interior da casa balnearia mostrava a singeleza dos donos.

Disse Pereira da Silva que o imperador ia a banhos acompanhado por um criado, á imperatriz dando companhia uma dama de serviço. Completavam o reduzido grupo madrugador o capitão comandante da guarda de palacio, servindo o oficial de guarda de pessoas.

Ao transporte do casal imperial servia uma caleça, estacionada para a volta junto á necropole do Carmo. Na ida apeiados o imperador e a imperatriz, a esta o marido dava o braço, caminhando o par e o sequito tambem desembarcado até a Quinta.

Nos lados do Cajú, sobretudo se sópra nordeste, o mar encrespa e ameaça. Que o diga a ilha do Bom Jesus na qual nos dias de nordeste a atracação de lancha é bem penosa.

Para resguardo de surpresas, o imperador, sobretudo por causa da imperatriz, recorria ao prestimo e á força de um banhista, o pescador Bento Alves de Oliveira, de intimas relações com o oceano, por não sahir dele. Seus serviços eram remunerados e sua pessoa merecia apreço do imperador e da imperatriz.

Na Quinta do Cajú mandára D. João VI construir capela dedicada a Santo Amaro. Os santos gozam da bemaventurança, as capelas pôdem conhecer, pelas ruínas, a malaventurança.

Tal succedeu á capela de Santo Amaro mandada demolir por D. Pedro II, exercida então a superintendencia da Quinta pelo seu antigo mestre o marquês de Sapucahy. A imagem e os paramentos do templo foram doados pelo imperador á outra capela, a dos ex-escravos da Corôa mantenedores da devoção de Santo Amaro e S. Benedito, santo este tão venerado pelas homens de côr.

A topografia do Cajú com o tempo sofreu modificações. A chamada ponta do Cajú formava istmo ligado a S. Cristovão pela fazenda do Morundú, fazenda que de vivos passou a mortos. No seu sólo cavam-se as sepulturas das necropoles privativas, das Ordens do Carmo, de S. Francisco da Penitencia, e tambem se aprofundam as covas da necropole publica a cargo da Santa Casa da Misericordia. Os tres cemiterios visinham estreitamente, moradas coletivas de paz que, alta noite, dispensam a visita de ladrões de especialidade morticola e profanadora.

Nada mais resta da Quinta do Cajú qual a dispoz e aformoseou D. João VI. Palacete, jardim, capela de Santo Amaro passaram para o infindavel rôl das cousas idas. Tambem se foi o portão de acêssio á Quinta, toda murada, sobre o portão viam-se acimadas armas reais e depois outras imperiais, por muito tempo conservadas no reinado de D. Pedro II.

Desapareceu da Quinta a ponte de embarque de D. João VI para os passeios maritimos tão do seu gosto durante estadia no Rio de Janeiro. A galeota puxada por doze algarvios, mandados vir de Portugal, muito sulcou aguas da Guanabara, sobretudo em demanda das ilhas de Paquetá e do Governador. Nem por isso o principe deixou de visitar outras ilhas, no demonstrar antecipaço turistica.

D. João VI tinha razão em preferir o passeio maritimo ao terrestre. Os caminhos no Rio de Janeiro, como algures, se não eram lá dos mais aplainados. Até hoje constituem, da mesma fórma, o mal de muitas capitais a bem de sapateiros.

Não só a lembrança de D. João VI dá a S. Cristovão cunho historico, continuou-a no local recordação de dous imperadores, um filho e outro neto de João o Bom.

Horas de retiro passou ele na Quinta do Cajú, primitivamente de Luis José de Gouvea Freire. Não da Quinta do Cajú e do seu mar partio D. Pedro I para a viagem de exilio consequente ao Sete de Abril. Embarcou no cais da Igrejinha, na praia de S. Cristovão, na madrugada da Abdicação. As cenas da partida foram descritas por Eduardo Pouteis, encarregado de negocios na legação francesa. Relatou as cenas ao seu governo. Encontra-se publicado o relato, sob o titulo *Uma Testemunha Diplomática do Sete de Abril*. E' legivel nas paginas da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. O documento original dorme no arquivo do Ministerio dos Estrangeiros em Paris, no hoje tão eclipsado *Quai d'Orsay*. Conhecendo bastante o copista abonamos a fidelidade da copia.

Alem das quintas da Boa Vista e do Cajú da Corôa do Brasil dependeu a Quinta da Joana, de terras vendidas ao Principe Regente, em 1810, por uma D. Joana.

Desta só se conhece até agora o nome batismal até que algum cartorio revele inteiro o apelido da dona da Quinta, residencia de um mordomo da Casa Imperial e foco de mexidas politicas no fim da Regencia. Desconhecida, em parte, a Joana da Quinta, serve-lhe de companhia a fidalga que deu nome a um beco do bairro da Misericordia apenas conhecido por Beco da Fidalga. As grandes cidades tem enigmas para praça e desafio a decifradores.

O Enfermeiro

de
Machado de Assis
ILUSTRAÇÃO DE GOULART



— Parece-lhe então que o que se deu contigo em 1860, pôde entrar numa página de livro? Vá que seja, com a condição única de que não ha de divulgar nada antes da minha morte. Não esperará muito, pôde ser que oito dias, se não for menos; estou desenganado.

Olhe, eu podia mesmo contar-lhe a minha vida inteira, em que ha outras coisas interessantes, mas para isso era preciso tempo, animo e papel, e eu só tenho papel; o animo é frêxo, e o tempo assemelha-se à lamparina de madrugada. Não tarda o sol do outro dia, um sol dos diabos, impenetravel como a vida. Adeus, meu caro senhor, leia isto e queira-me bem; perdoe-me o que lhe parecer mau, e não maltrate muito a arruda, se lhe não cheira a rosas. Pediu-me um documento humano, e-lo aqui. Não me peça também o imperio do Grão-Mogol, nem a fotografia dos Macabeus; peça, porém, os meus sapatos de defunto e não os dou a ninguém mais.

Já sabe que foi em 1860. No ano anterior, ali pelo mês de agosto, tendo eu quarenta e dois anos fis-me teólogo, — quero dizer, copiava os estudos de teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro de colégio, que assim me dava, delicadamente, casa, cama e mesa. Naquele mês de agosto de 1859 recebeu ele uma carta de um vigário de certa vila do interior perguntando se conhecia pessoa entendida, discreta e paciente, que quisesse servir de enfermeiro ao coronel Felisberto, mediante um bom ordenado. O padre falou-me, aceitei com ambas as mãos, estava já enfiado de copiar citações latinas e fórmulas eclesiásticas. Vim à Corte despedir-me de um irmão, e seguí para a vila.

Chegando à vila, tive más notícias do coronel. Era homem insuperável, esturdo, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais em ferreiros que remédios. A dois deles quebrou a cara. Respondi que não tinha medo de gente sã, menos ainda de doentes; e depois de entender-me com o vigário, que me confirmou as notícias recebidas, e me recomendou mansidão e caridade, seguí para a residência do coronel.

Achei-o na varanda da casa estirado numa cadeira, bufando muito. Não me recebeu mal. Começou por não dizer nada; pos em mim dois olhos de gato que observa; depois, uma espécie de riso malino alumiu-lhe as feições, que eram duras. Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivéra prestava para nada, dormiam muito, eram respondões e andavam ao faro das escravas; dois eram até gatunos!

— Você é gatuno?

— Não, senhor.

Em seguida, perguntou-me pelo nome: disse-lho e ele fez um gesto de espanto. Colombo? Não, senhor: Procópio José Gomes Valongo. Valongo? achou que não era nome de gente, e propôs chamar-me tão somente Procópio, ao que respondi que estaria pelo que fosse de seu agrado.

Conto-lhe esta particularidade, não só porque me parece pintá-lo bem, como porque a minha resposta deu de mim a melhor idéa ao coronel. Ele mesmo o declarou ao vigário, acrescentando que eu era o mais simpático dos enfermeiros que tivéra. A verdade é que vivemos uma lua de mel de sete dias.

No oitavo dia, entrei na vida dos meus predecessores, uma vida de cão, não dormir, não pensar em mais nada, recolher injurias, e, às vezes, rir delas, com um ar de resignação e conformidade; reparei que era um modo de lhe fazer a corte. Tudo impertinências de molestia e do temperamento. A molestia era um rosário delas, padecia de aneurisma, de reumatismo e de três ou quatro afecções menores. Tinha perto de sessenta anos, e desde os cinco toda a gente lhe fazia a vontade. Se fosse só rabugento, vá; mas ele era também mau, deleitava-se com a dor e a humilhação dos outros. No fim de três meses estava farto de o aturar; determinei vir embora; só esperei ocasião.

Não tardou a ocasião. Um dia, como lhe não desse a tempo uma fomentação, pegou da bengala e atirou-me dois ou três golpes. Não era preciso mais; despedi-me imediatamente, e fui aprontar a mala. Ele foi ter comigo, ao quarto, pediu-me que ficasse, que não valia a pena zangar por uma rabugice de velho. Instou tanto que fiquei.

— Estou na dependura, Procópio, dizia-me ele á noite; não posso viver muito tempo. Estou aqui, estou na cova. Você ha de ir ao meu enterro, Procópio; não o dispense por nada. Ha de ir, ha de resar ao pé da minha sepultura. Se não for, acrescentou rindo, eu voltarei de noite para lhe puxar as pernas. Você crê em almas de outro mundo, Procópio?

— Qual o quê!

— É porque é que não ha de crêr, "seu" burro? redarguiu vivamente, arregalando os olhos.

Eram assim as pazes; imagine a guerra. Coibiu-se das bengaladas; mas as injurias ficaram as mesmas, se não piores. Eu, com o tempo, fui calejando, e não

dava mais por nada; era burro, camêlo, pedaço d'asno, idiota, moleirão, era tudo. Nem, ao menos, havia mais gente que recolhêsse uma parte desses nomes. Não tinha parentes; tinha um sobrinho que morreu tísico, em fins de maio ou princípios de julho, em Minas. Os amigos iam por lá às vezes aprová-lo, aplaudir-lo, e nada mais; cinco, dez minutos de visita. Restava eu; era eu sósinho para um dicionário inteiro. Mais de uma vez resolvi sair; mas, instado pelo vigário, ia ficando.

Não só as relações foram-se tornando melindrosas, mas eu estava ansioso para tornar à Corte. Aos quarenta e dois anos não é que havia de acostumar-me à reclusão constante, ao pé de um doente bravo, no interior. Para avaliar o meu isolamento, basta saber que eu nem lia os jornais; salvo alguma notícia mais importante que levavam ao coronel, eu nada sabia do resto do mundo. Entendi, portanto, voltar para a Corte, na primeira ocasião, ainda que tivesse de brigar com o vigário. Bom é dizer visto que faço uma confissão geral) que, nada gastando e tendo guardado integralmente os ordenados, estava ansioso por vir dissipá-los aqui. Era prevável que a ocasião aparecesse. O coronel estava peor, fêz testamento, descompondo o tabelião, quasi tanto como a mim. O trato era mais duro, os breves lapsos de sossêgo e brandura faziam-se raros. Já por esse tempo tinha eu perdido a escassa dóse de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente; trazia dentro de mim um fermento de ódio e aversão. No principio de agosto resolvi definitivamente sair; o vigário e o médico, aceitando as razões, pediram-me que ficasse algum tempo mais. Concedi-lhes um mês; no fim de um mês viria embora, qualquer que fosse o estado do doente. O vigário tratou de procurar-me substituto.

Vai vêr o que aconteceu. Na noite de vinte e quatro de agosto, o coronel teve um acesso de raiva, atropelou-me, disse-me muito nome crú, ameaçou-me de um tiro, e acabou atirando-me um prato de mingáu, que achou frio, o prato foi cair na parêde onde se fez em pedaços.

— Has de pagá-lo, ladrão! bradou ele.

Resmungou ainda muito tempo. A's onze horas passou pelo sono. Enquanto ele dormiu, saquei um livro do bolso, um velho romance de d'Arlincourt, traduzido, que lá achei, e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto a pequena distancia da cama; tinha de acordá-lo á meia noite para lhe dar o remédio. Ou fosse de cansaço, ou do livro, antes de chegar ao fim da segunda página adormeci também. Acordei aos gritos do coronel e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempo de desviar-me; a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada; atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutámos, e esganei-o.

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado e dei um grito; mas ninguém me ouviu. Voltei á cama, agitei-o para chamá-lo á vida, era tarde; arrebatára o aneurisma, e o coronel morreu. Passei á sala contigua, e durante

Bebê Cangurú sai a passeio



Dentro da bolsa, o bebê presta atenção aos rumores do mundo, escancarando as orelhinhas, com o maior interesse. Aos 4 meses, já está um pouco crescido demais, para permanecer na algibeira materna.



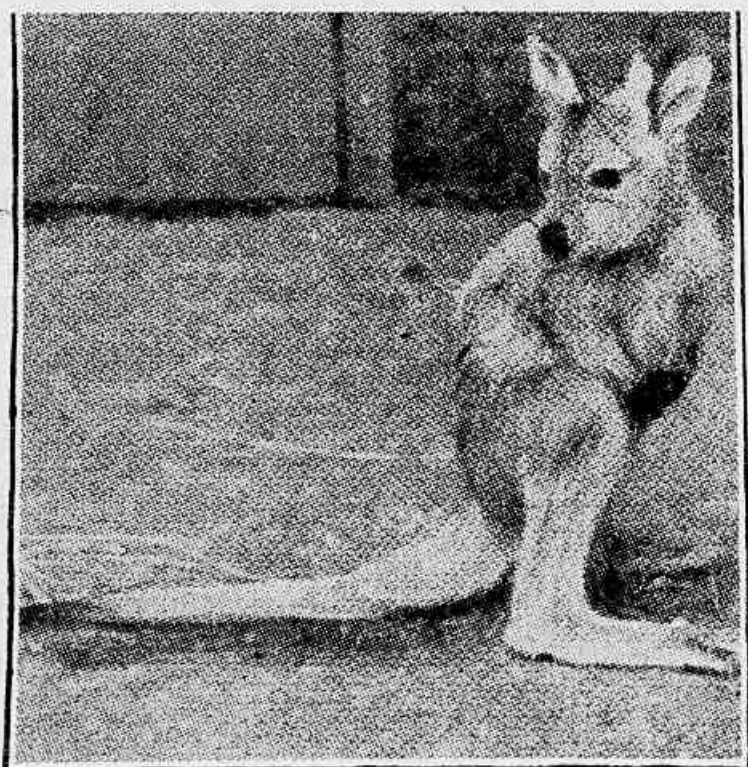
Fóra da bolsa, o canguruzinho faz a "toilette", como se fosse um galinho. Até os 6 meses, fica sempre junto da mãe, pronto a meter-se no abrigo que a natureza lhe deu, ao primeiro sinal de perigo.

Em Dezembro do ano passado, nasceu no Zoo de New York um bebê kangurú. Foi o primeiro de sua espécie a aparecer no meio dos bichos da capital YANKEE e naturalmente tem despertado muita curiosidade entre os visitantes, especialmente as crianças.

Cangurú, na língua australiana, significa "Que é que você quer dizer?" — e foi

o que disseram justamente os nativos, quando o explorador capitão Cook fazia indagações sobre este notável marsupiano.

O filho do cangurú demora na bolsa materna até os seis meses, quando adquire maturidade e a respectiva independência doméstica.



O bebê aguenta-se sozinho, equilibrando-se com a cauda. Mesmo pequenino o cangurú tem uma cauda bem desenvolvida.



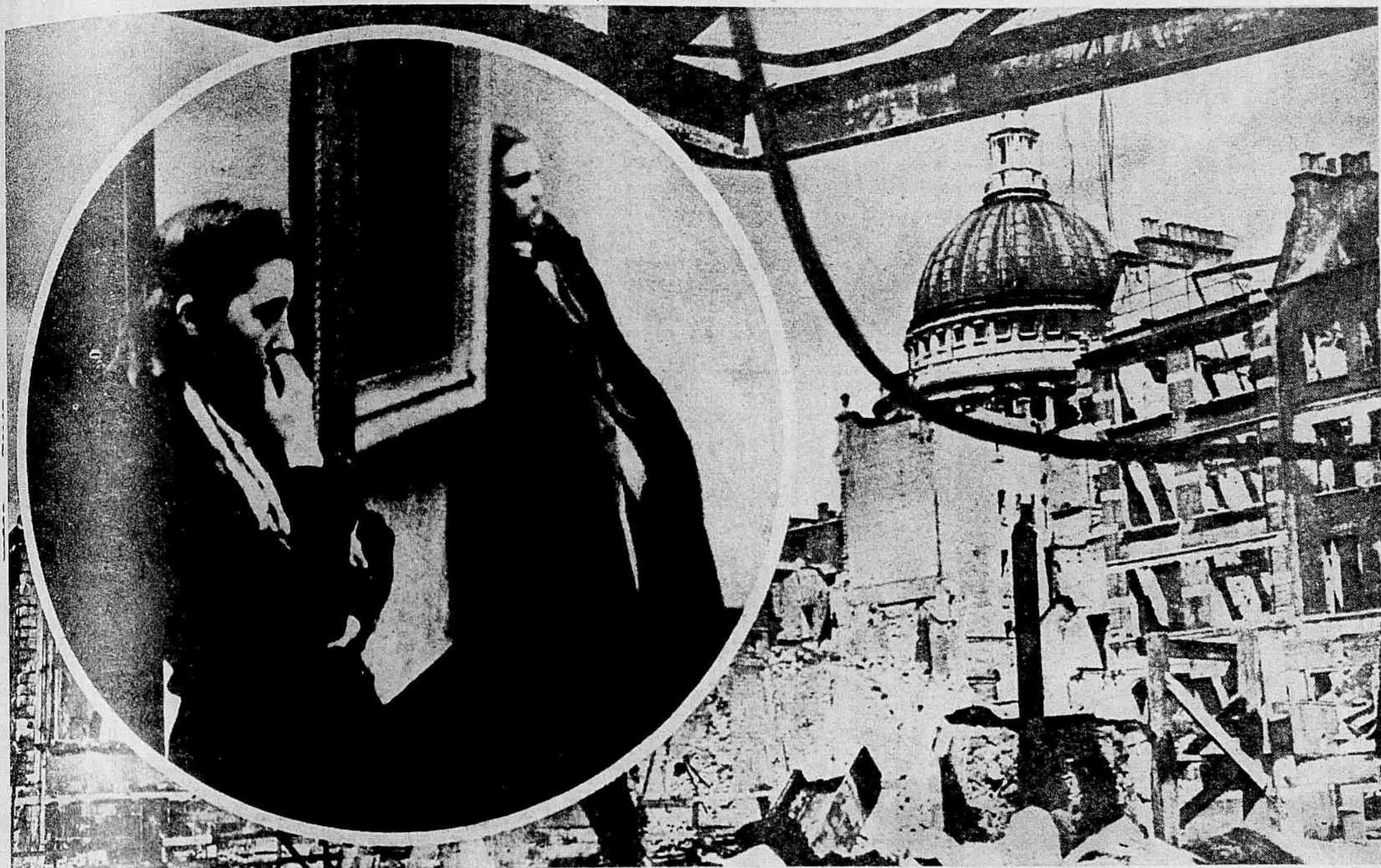
Assustado com qualquer coisa, o bichinho corre para junto da mãe que lhe põe as patas em cima, protetoramente.



Para voltar à bolsa, o cangurú mete primeiro a cabeça. O corpo segue depois. E agora, pronto, acabou-se o medo.

Não ha "blackout" para a arte

De Irwin Edman professor de Filosofia da Universidade de Columbia



"As reações da Inglaterra ilustram bastante sobre as funções da arte, durante a guerra". O medalhão mostra londrinos num Concerto na National Gallery.

Dos quadrantes oficiais rompem frequentes rajadas sobre a irresponsabilidade do público em face da guerra. Mas o fato é que se torna cada vez mais difícil encontrar quem não se capacite da gravidade da situação e da importância de aplicar todas as energias ao seu rápido e vitorioso desenlace. Ha um ardor quasi patético em colocar as coisas importantes em primeiro lugar. O perigo está em fazê-lo cegamente, o que pôde acarretar algo mais do que o simples sacrifício do secundário. Corremos o risco de, com a melhor vontade, destruir as verdadeiras bases da nossa civilização. Uma coisa é abolir luxos e extravagâncias, ter a certeza de que não ha desperdício de tempo, esforço ou material necessários á produção de guerra ou uteis á estratégia. E', porem, igualmente necessário conservar vivo aquilo que podemos destruir nas nossas ansiosas tentativas para preservá-las, salvar as atividades como a música, a pintura, a literatura, sem as quais a vida civilizada estaria profundamente mutilada.

Ha um perigo em nossa época crucial de parecermos insensíveis ou frios, insensíveis aos males que nos cercam envolvendo-nos em discussões sobre a manutenção da musica, da literatura e das outras belas-arts numa época como a nossa. Pareceria do mais natural patriotismo recomendar um adiamento destas questões até que uma justa paz viesse restaurar o mundo, e os homens pudessem respirar livremente.

Certamente nos dirão, de duas maneiras pelo menos, que podemos viver sem a diversão e o prazer das belas artes quanto ao longo presente. Em primeiro lugar, abstenho-nos de muita coisa e devemos aprender a abstermo-nos de outras mais, si a guerra durar muito tempo. As pinturas e concertos, a poesia e as novelas não serão um pouco como o açúcar? Não serão elas a doçura da vida que devemos aprender a pôr de lado? Não serão como aquelas rodas de borracha que nos levam suavemente através deliciosas paisagens nas viagens de férias? Estamos aprendendo a renunciar ao açúcar e aos pneumáticos; por que não á pintura, á literatura, á música?

Estas coisas tomam tempo, materiais e homens. E, por si mesmas, nunca haverão de deter um tank ou derrubar um avião inimigo. Não são necessárias para nos preservar a vida e não destruirão o adversário.

Não são estes os critérios pelos quais tudo deve ser aferido na época atual? O argumento parece suficiente plausível, e seria possivelmente assim si a guerra durasse um mês, ou si a vida fôsse suportavel por muito tempo sem a consolação e o estímulo da arte por cuja virtude a imaginação dos homens é fortificada e sua coragem nutrida e renovada.

Requer um único momento de reflexão ver como seria perigoso o *blackout* das artes criadoras até o fim da guerra. Ha bastantes razões para crermos que será uma longa guerra. E' claro que nesta guerra, por maiores que sejam as forças armadas, haverá sempre uma população civil incomparavelmente maior que, apesar de todo o seu sacrifício e trabalho de guerra, continuará vivendo, pelo menos exteriormente, como civil. Milhões, de pessoas, por mais ardentes em servirem, e por mais ardentemente que sirvam, deverão fazê-lo como civis, em fábricas, escolas, hospitais, escritórios em todos os complicados serviços da vida civil quotidiana, organizada em vista de um objetivo de guerra.

A razão de que precisamos ser constantemente lembrados que "esta é a guerra" está em que a vida civil continua, apesar de todas as diferenças, numa enganosa normalidade. As diferenças nos parecerão, contudo, cada vez maiores e, com isso, a importância do que dantes nos pareceria o luxo das belas artes ha de tornar-se mais e mais aparente. Os distúrbios nervosos e os histerismos não diminuirão, crescerão. A tensão das más notícias, o deslocamento da vida pessoal, a ansiedade em torno de parentes e amigos do exercito, o cansaço da reuincia crescerão mais e mais, sobretudo na população civil. Haverá irritação. Haverá perplexidade e tédio.

Tudo isso está presente, nos tempos normais, na vida civil. E' intensificado pelos *blackouts* fisicos e espirituais do tempo de guerra. As consolações e refrigérios

das artes são familiares ás épocas normais. Seu valor energético e higienico é mais claro e mais necessário agora do que nunca. A guerra representa um longo esforço como podemos avaliar, embora se requiera um esforço de guerra de vinte quatro horas, ninguém esperará que cada individuo possa trabalhar vinte e quatro horas por dia. Durante certo tempo, no pior da Blitz e da ameaça de invasão sobre a Inglaterra, uma semana de sete dias foi instituida para todos os trabalhadores das fabricas de guerra. Demonstrou-se que, do ponto de vista da própria produção, o plano era um fracasso.

Sem dúvida, o lazer será abreviado. As margens da vida são necessariamente preenchidas em tempo de guerra, como serão nas páginas de nossos livros. Mas uma margem minima de tempo deve existir e é justamente porque a margem será pequena que aquelas artes que intensificam e renovam a vida devem continuar. Felizmente temos — como no caso da proteção anti-aérea e do comportamento em caso de *raid*, — a experiência da Inglaterra para dar-nos esclarecimentos sobre a função das artes em tempo de guerra. Devido á necessidade, as pinturas da National Gallery de Londres foram recolhidas a lugares seguros. Devido á necessidade os concertos noturnos foram abolidos. Mas duas coisas extremamente significativas aparecem. Havia tanta fome de música que, quando Myra Hess ofereceu seus serviços para cantar durante os lanches nos salões varios da National Gallery affluíu uma enorme multidão que veio dia após dia. Quando as exhibções de pintura se tornaram impossiveis por algum tempo em Londres, começaram a surgir nas cidades da provincia que nunca sonharam possuí-las. Igual situação se repetiu com respeito aos livros. Certamente, si jamais existiu um país com coisas mais sérias a pensar que livros, foi a Inglaterra de 1940 ameaçada pela invasão e bombardeada desapidadamente. Foi, contudo, em 1940 que a Inglaterra presenciou o maior aumento nas reedições dos clássicos e foi na Inglaterra que, á medida que diminuam as rações de papel, o hábito da leitura aumentava.

Tudo isso visa deixar mplicito que a música, a literatura, a pintura e a escultura são fugas da realidade, função esta que muitos povos antigos encontraram na arte. Fuga é uma palavra ambigua. Parece significar uma retirada para o irreal, para o fantástico e o sentimental. Fugimos na arte, apenas no sentido em que fugimos abafados para o ar livre, das cidades populosas para o campo, do ruído das ruas para as ordenadas ressonancias de um quarteto ou de uma sinfonia.

A arte, como o ar livre e o campo, é um restaurador magnifico da saúde, do senso da proporção e da serenidade. Capacita os homens a olharem através das desgraças do presente para as radiações de um mundo possivelmente mais suave e melhor. Capacita homens e mulheres a voltarem á dura tarefa de tornar possíveis as condições de um tal mundo, graças ao que Edward Mead Earle chamou "a cirurgia dos braços", com coragem e espírito renovado.

A arte é, diz-se frequentemente, uma dróga, um ópio. Melhor se diria tonico, estimulante ou restaurador. Nos melhores tempos os homens voltam-se para a música,

para a pintura e para os livros porque os ajudam não só a sofrer, mas a compreender e sentir com mais clareza e resolução o mundo em que vivem. A vida nos bons tempos está cheia de distrações, sofrimentos ameaças de derrota. O que é verdadeiro para a vida em tempo de paz é mais prementemente verdadeiro em tempo de guerra. E um dos grandes valores da arte em todos os tempos é preencher o espírito com mais variedade, interesse e serenidade do que possa conter qualquer espécie de vida. Muitas das tarefas e dos sacrificios necessários á existencia em tempo de guerra, são difíceis; os espaços em branco da vida são maiores do que de costume. Não é tempo de cortar o encanto, o sol, a cor da pintura, o som da música e a ordem e a significação que a literatura dá á experiencia.

Ha, porem, razões outras, de maior alcance, para que se continue o serviço da arte durante a guerra. Dizem respeito ao público e ao artista criador. Não é menor tragédia da guerra o *blackout* dos aspectos da vida que chamamos civilizada, das mais belas florações da liberdade humana. E' um perigo real, si o conflito

dura muito: o termos de imitar o agressor, afim de enfrentar-o em igualdade de forças, nos seus hábitos de tal modo que nos tornemos indiferençaes dele.

Ha uma quinta liberdade pela qual estamos lutando, que numa civilização democrática é a flôr das quatro liberdades de que falou o Presidente Roosevelt. A liberdade politica consiste simplesmente nas condições politicas da liberdade criadora, a liberdade de sermos plenamente nós mesmos, que é a essencia da fé democrática. Qual é o bem ultimo da liberdade de palavra, de culto, da liberdade do temor e da necessidade? Sua vantagem é que permitem a todos serem plena e livremente eles próprios.

E' tambem na criação e na experiencia da arte que o espírito humano é mais rico e livremente ele proprio. Criação é o nome de uma maneira nova e individual de vêr, traduzir e sentir a existencia humana. Parte do efeito tonico da arte está em que capacita aqueles dentre nós que não são genios a partilhar algo da espontaneidade e frescor das livres, insopitaveis e auto-disciplinadas personalidades criadoras. Não é por acaso que, nos países totalitários, desde o advento de Hitler e Mussolini, as artes criadoras tenham sofrido.

Ha duas boas razões, do ponto de vista dos regimes tiranicos, para que as artes sejam suspeitas e desencorajadas. A primeira é que o artista, em qualquer arte, é por definição um original. Não é um repetidor, um automato. Dispõe as coisas a sua própria maneira. Eis porque talentos criadores como Hindemith e Mann não puderam viver na Alemanha de Hitler. Eis porque o grande élan de energias criadoras no teatro, na novela e na música da Alemanha de após guerra quebrou-se ante Hitler. Originalidade, frescor, independencia, mesmo em estilos artisticos são perigosos e revolucionários num regime que deseja fazer de seus cidadãos, não homens, mas máquinas.

Em segundo lugar, as artes celebram deliberadamente os aspectos da vida que são caracteristicamente humanos. Não é atôa que a tradição artistica é chamada humanistica. Tudo que as artes promovem em seus devotos ou praticantes é o oposto ao brutal. Elas premiam a delicadeza de sentimento e a humanidade de compreensão. Os próprios grandes artistas da Alemanha tradicional foram grandes officiantes da humanidade. Beethoven na sua Nona Sinfonia, Goethe em toda a sua obra falavam a lingua da humanidade e não a voz arrogante das raças dominadoras.

No esforço intenso que empreendemos para armarmos, é importante conservar vivo em nossa civilização tudo aquilo que nos recorde não só o amor de poder como o poder do amor. Enquanto estamos defendendo a civilização é indispensavel que a conservemos viva em nossos sentimentos, espiritos e corações.

Enquanto alguém criar e receber uma oportunidade de entregar-se á criação, o espírito dos homens livres ha de ser preservado. Si queimarmos os livros, silenciarmos os violinos, velarmos as linhas e as côres, fa-lo-emos a nosso próprio risco. A alma da nossa civilização terá perecido, mesmo que nossas cidades não estejam crivadas de bombas e nossos corpos permaneçam indenes.

PRODUÇÃO DE ALUMINIO NOS ESTADOS UNIDOS

SETE FÁBRICAS CONSTRUÍDAS A BASE DE FINANCIAMENTO DO GOVERNO

O WPB (War Production Board) informou que a capacidade de produção de alumínio dos Estados Unidos será incrementada de 330.000.000 de libras-peso por ano, quando três quartos do segundo programa governamental de expansão desse produto estiverem completos no principio do corrente mês de Junho.

Três fabricas localizadas no Oregon, Washington e Nova York, começaram a produzir no último mês de Maio, devendo uma outra em Alabama estar pronta no mês corrente.

A capacidade destas fábricas é de 330.000.000 de libras-peso. Quando em Dezembro próximo mais três fabricas de alumínio, em Arkansas, na Califórnia e em Washington, entrarem em funcionamento, a produção será aumentada de mais 310.000.000 de libras-peso.

A construção das sete fábricas referidas, financiadas pelo governo americano, está a cargo da Aluminium Company of America, companhia que tambem as opera. As duas primeiras foram terminadas em seis meses.

Para atingirem sua máxima capacidade de produção, tais fábricas levarão de 60 a 120 dias. Espera-se que a produção de alumínio aumente de mês para mês, desde o presente até o principio de 1943, ano em que a capacidade total, planejada pela WP, será atingida.

DENTES SADIOS e BELOS!



PYOTYL
"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentifrício mais completo
— creme dental e líquido

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

NOSSA
TERRA

ITATIAIA

(fotos de LEO DALTRO SANTOS)



UM SONHO A' BEIRA DO ABISMO — Na chaminé da "Prateleiras" — uma das mais interessantes rochas que encontramos no planalto do Itatiaia — a rudeza das pedras realça a graça da silhueta feminina.

"A terra é bela e fermosa..." — e quanto mais conhecemos o Brasil, quanto mais destilam ante nossos olhos seus quadros maravilhosos, mais convencidos ficamos de que foi muito tímido em suas considerações, o velho Caminha, arcaico reporter da frota de Cabral. Dir-se-ia que o próprio Deus foi um perdulário de tons, um construtor de surpresas, quando burilou a imagem geográfica da Terra que habitamos. Praias que são as mais lindas do mundo, florestas

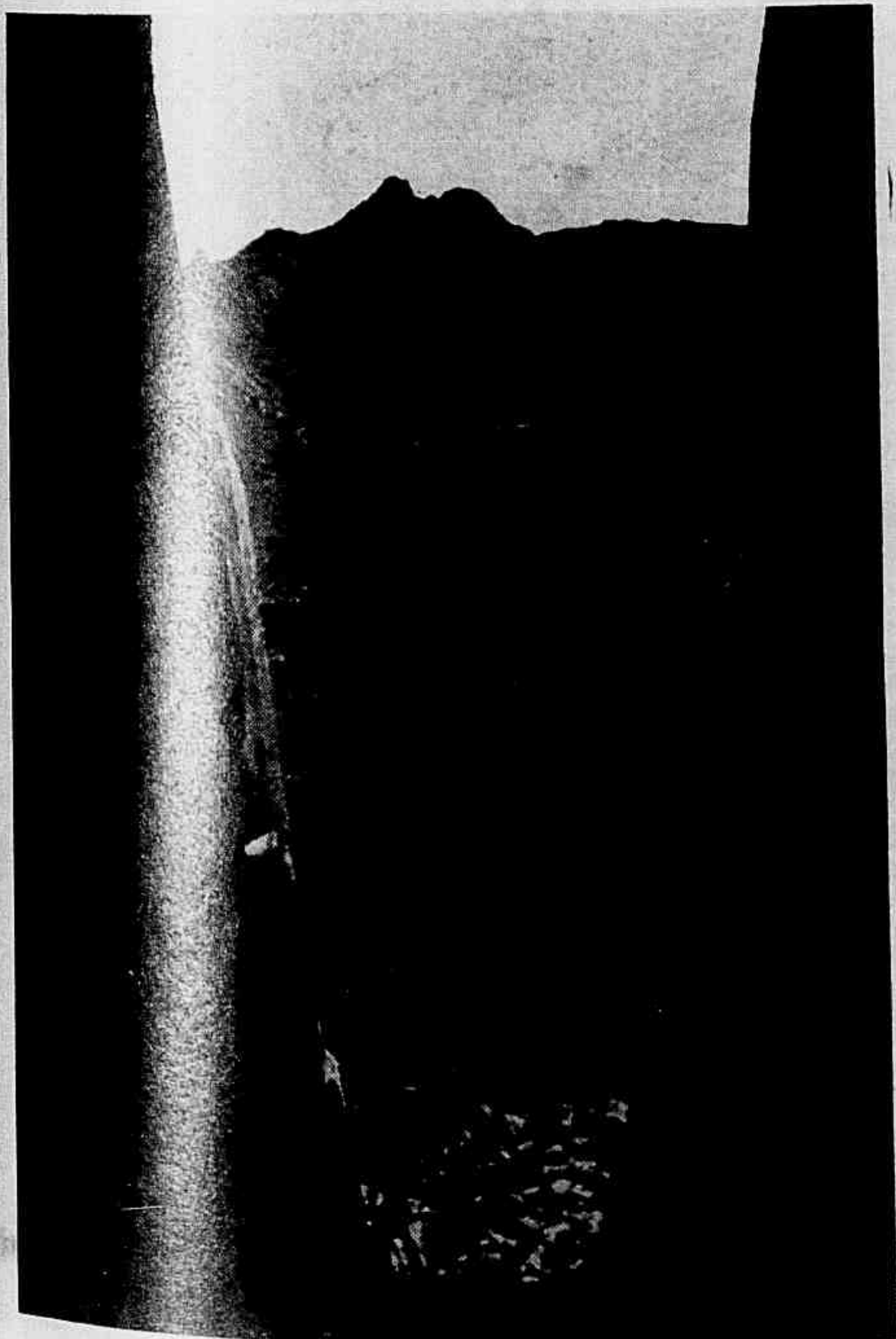


CAPRICHOS... — A natureza pôs em equilíbrio este colosso de pedra, para encanto do excursionista, que logo se aproveitou de uma leve semelhança para denominá-la: "Tartaruga".

impenetráveis, cheias de belezas e de lendas, rios imensos, verdadeiras correntes que aguentam a unidade nacional — espelhos tranquilos das iaras — e as montanhas...

Montanhas que, se não são as mais altas do mundo, estarão, por certo entre as mais belas pelos seus contornos pitorescos, pela disposição de suas cordilheiras, pelo imprevisto de suas encostas e de seus abismos...

Dizem que, ao retornarem à Europa com os seus quadros, os pintores holandeses que estiveram no Recife do Príncipe de Nassau, foram criticados pelo excesso de luz. O artista europeu não poderia admitir essa pletora luminosa, no entanto, nos céus e terras do Brasil, o anseio de Goethe — e da humanidade — se realiza, plenamente. Esta é a terra do Sol, é o paraíso dos homens.



ATITUDE — A rocha toma partido na guerra, e as paredes da chaminé que dá acesso às "Agulhas Negras" formam gigantesco "V", a emoldurar o morro do Couto.



PELO BURACO DA FECHADURA — Visão vertiginosa do morro do Couto obtida através de uma brecha entre montanhas.

Mais enfermeiras

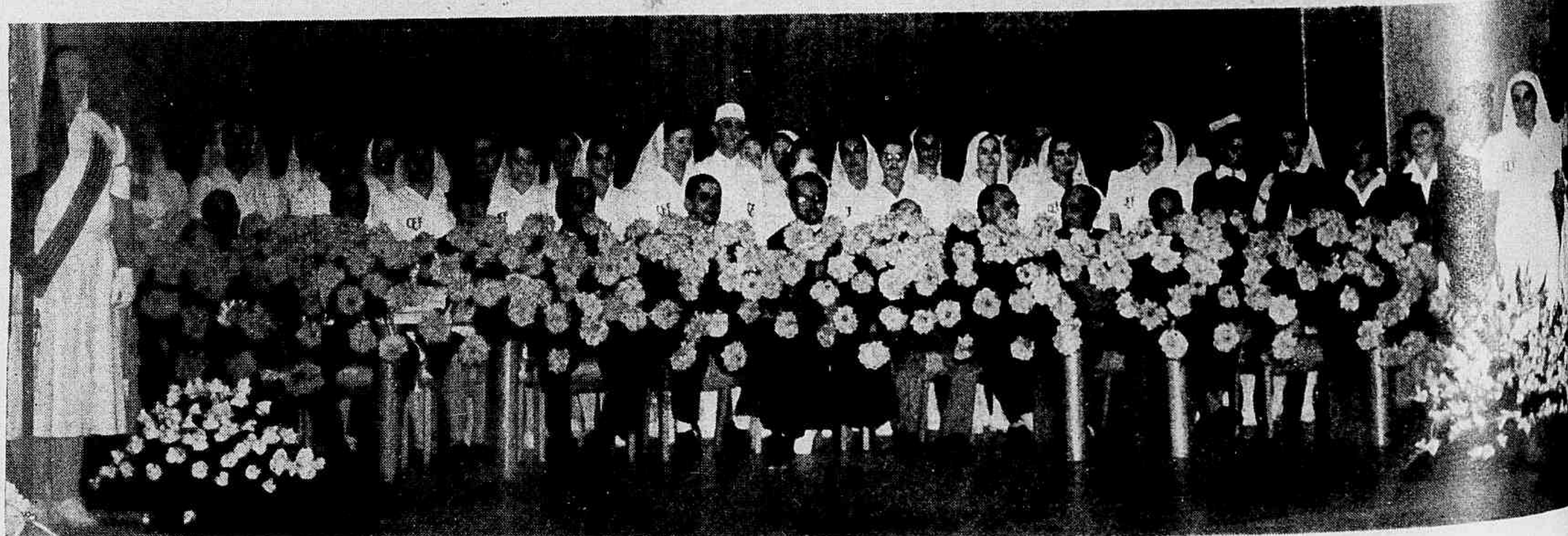
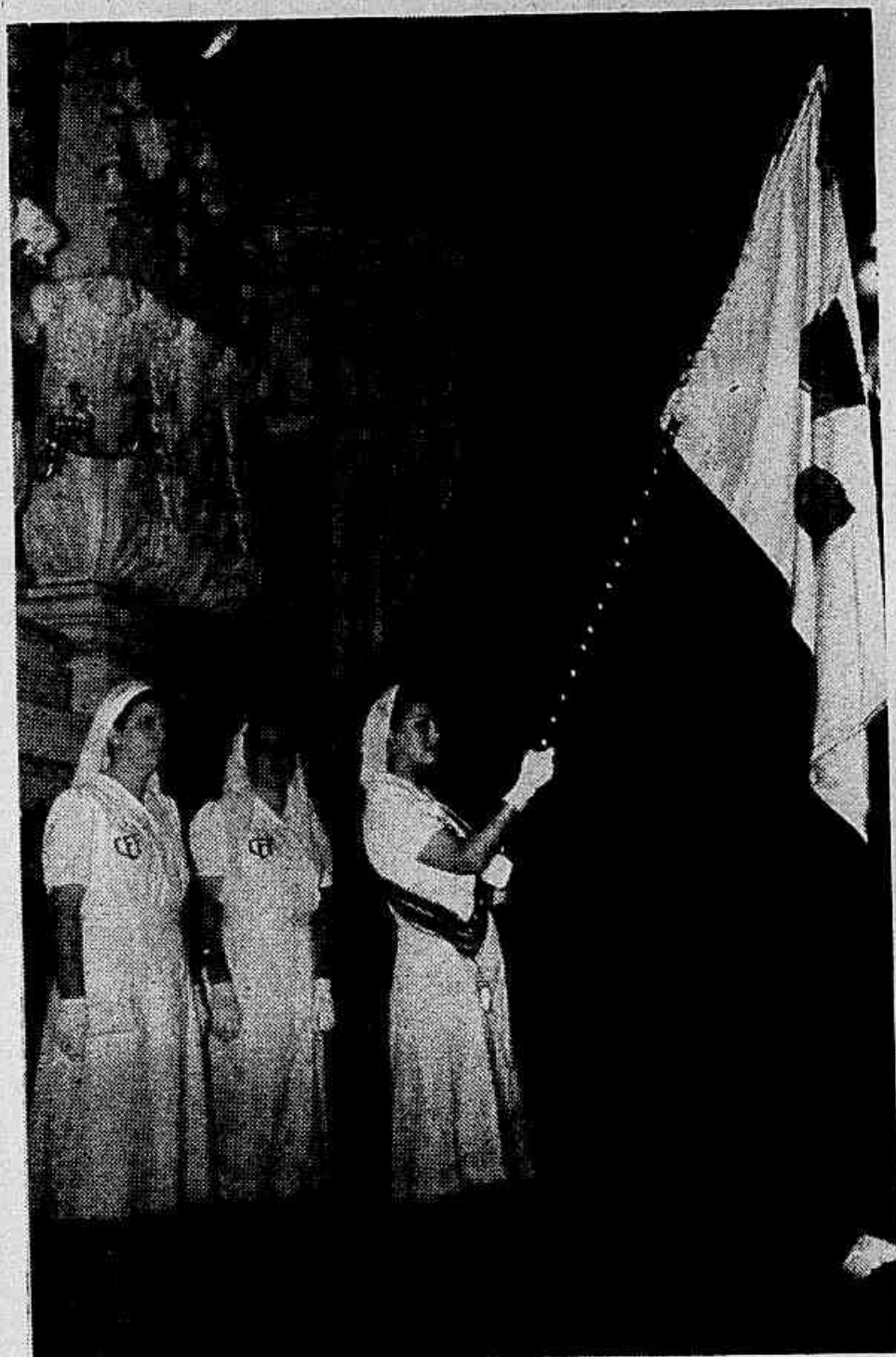


GRUPO FEITO na sacristia da Igreja da Candelaria, vendo-se o presidente da Caixa Economica e sra. Carlos Luz, o sr. Amalio da Silva, diretor da instituição, a diretora da Escola "Ana Nery", cercados pelas novas socorristas e representantes de várias associações de enfermeiras.

A' direita — A **BANDEIRA** nacional, no altar-mór da Candelaria, segura por uma socorrista.

A' esquerda — O **PAVILHÃO** da Escola "Ana Nery" na missa da Candelaria.

Em baixo — AS **SOCORRISTAS** da Caixa Economica assistindo á cerimonia religiosa na Igreja da Candelaria.



ASPECTO DA mesa que presidiu a solenidade no auditorium da A. B. I.

para o Brasil

A Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro leva a sua primeira contribuição às legiões da Cruz Vermelha de Guerra



A MONITORA Ena Zofoli colocando o distintivo na socorrista Maria de Lourdes Assis Teixeira.



A ORADORA da turma, Elza Quita Ribeiro, na ocasião em que discursava.



NO MOMENTO do juramento das socorristas.



A' esquerda — A SOCORRISTA Annair Nogueira Bernacchi recebe o diploma das mãos do Sr. Carlos Luz.

A' direita — O PARANINHO da turma de voluntárias socorristas, Sr. Carlos Luz, quando pronunciava o seu discurso.

No dia 12 do corrente teve lugar a cerimônia da entrega dos diplomas à primeira turma de voluntárias socorristas da Caixa Econômica, que fizeram o curso de enfermeira de guerra sob a orientação da *Escola Ana Neri*. As festividades marcadas por um transcurso brilhante, tiveram início pela manhã, com a missa solene rezada na Igreja da Candelária.

A tarde do mesmo dia realizou-se, no *Auditorium* da Associação Brasileira de Imprensa, a solenidade de entrega dos diplomas e distintivos, presidida pelo sr. Carlos Luz. De início, foi cantado o hino da *Escola Ana Neri*, falando a seguir a oradora oficial Elza Quita Ribeiro, que se referiu às funções da mulher na guerra, fazendo depois o elogio do paraninfo da turma, sr. Carlos Luz, e do homenageado, sr. Aires Antunes Maciel. Foram então entregues os diplomas e distintivos a 36 voluntárias e 1 voluntário, sob palmas constantes da assistência.

Discursou após o sr. Carlos Luz. Referiu-se ao Curso Intensivo de Socorros Urgentes, criado pelo Conselho Administrativo da Caixa Econômica, que acabava de formar o primeiro contingente de socorristas, para salientar o êxito desse empreendimento. Enalteceu a tenacidade e o espírito de sacrifício das enfermeiras de guerra da Caixa Econô-



ca, com as quais se congratulava pelo triunfo que era comemorado.

Exaltou, em seguida, a personalidade de Ana Neri, a grande pioneira cujo gesto a mulher brasileira vem decididamente imitando. Agradeceu a todos os colaboradores do Curso Intensivo, terminando por parabenizar as voluntárias socorristas o maior êxito na missão que se haviam atribuído.

A belíssima cerimônia terminou com o Hino Nacional, entoado pelas novas enfermeiras.

ASSISTENCIA que encheu o auditorium da Associação Brasileira de Imprensa.





DE CINEMA

Amores de Rouxinol

Quando a deliciosa estrelinha da Universal uniu seu des'ino ao destino de um milionário, muita gente exclamou: "Qual! Deanna Durbin vai perder o it! (claro que os pessimistas deviam ter sido infelizes no casamento; em'im...)"

Mas Deanna vingou-se. Voltou mais encantadora do que nunca, mostrando que o Amor faz milagres.

Parabéns, Mrs. Você continua ainda a ser um dos mais belos rouxinóis da terra. (S. R.)



Figuras e Fatos



Abertura do Curso de Voluntarias Socorristas do Club Flamengo, quando falava o capitão dr. Carlos Sudá de Andrade, Radiologista da Cruz Vermelha Brasileira e Policlínica Militar.



Flagrante colhido no Restaurante Silvestre, durante o almoço de confraternização aos ex-alunos do Colegio Militar, pela passagem do seu 4.º aniversário de fundação.



Grupo feito por ocasião do almoço oferecido pelo Club Militar aos oficiais paraguaios.



Recital dos alunos da professora AUREA LOBO

No auditorium da Associação Brasileira de Imprensa realizou-se, sábado ultimo, uma audição de piano dos alunos da professora Aurea de Castro Lobo. Uma numerosa assistência, que enchia a elegante "boite" da A. B. I., ouviu um interessante e variado programa, executado com perfeição e entusiasmo, fazendo jus a professora Aurea Lobo e seus alunos aos aplausos unânimes dos presentes.

No intervalo do programa, a REVISTA DA SEMANA colheu a foto ao lado, onde se vê a competente e dedicada educadora entre os seus discipulos.

De Boldini a Picasso

NA ATUAL EXIBIÇÃO DE RETRATOS DO SÉCULO XX NO MUSEU DE ARTE MODERNA DESE-
COBREM-SE ELEMENTOS DE MUDANÇA NA ARTE DE NOSSA ÉPOCA

(De THE NEW YORK TIMES MAGAZINE)

De MONROE WHEELER

Diretor de Exposições do Museu de Arte Moderna.

Um capítulo de história da arte contada através de retratos — eis o assunto da atual exposição do Museu de Arte Moderna. Dela escolhemos os seis quadros que ilustram estas páginas, para demonstrar as mudanças da arte moderna, do academismo de Boldini ao cubismo de Picasso.

BOLDINI

Sickert, o pintor impressionista inglês, grande amigo de Whistler e Degas, costumava dizer que Boldini era superior a Sargent no retratar das belas e elegantes, precisamente porque as fazia mais vivas na expressão e na atitude. Era um artista de temperamento, contraditório e, às vezes, no excesso do seu entusiasmo, cumprimentava seus modelos em termos impertinentes. No retrato de Miss Edith Blair não há sombra de sofisma na atitude viva, embora seca. Ela deve ter impressionado o temperamento do velho pintor franco-italiano, mas evidentemente como qualquer moça americana cheia de si, não se assustou com isso, como não se assustaria com qualquer outra coisa do mundo.

EAKINS

A arte do retrato de Thomas Eakins é, mais em espírito do que em técnica, o oposto à arte de Boldini. Embora, na última fase de sua vida, Eakins pintasse retrato sobre retrato como meio de vida, sempre procurava pintá-los com nobreza de desenho, com pouca ostentação de personalidade — tanto sua como do modelo. Seu retrato de Miss Elizabeth Burton, filha de um amigo, está brilhantemente pintado numa espécie de quase devoção à realidade.

Eakins não era apenas um dos três ou quatro maiores artistas americanos, mas também foi o que maior influência exerceu sobre os contemporâneos, preservando-os da sedução do estilo francês.

RENOIR

A arte de Renoir nunca foi simples, e, ao invés do interesse minucioso no psicológico, de Eakins, a maioria de sua obra é uma glorificação da beleza física. Ninguém na arte do século XX personifica tão poderosamente como Renoir o encanto sensual que é uma tradição da pintura francesa. Não há pretensões intelectuais em sua obra, embora meditasse continuamente sobre problemas artísticos.

Era um homem famoso, cerca de 70, com um estilo decorativo, encantador, luminoso; podia ter repetido obra prima sobre obra prima, até o fim. Mas, por volta de 80 tornou-se descontente de sua obra. Estudou a composição e o sólido modelado de Ingres, viajou na Itália afim de reconsiderar a obra dos Renascentistas, fez amizade com Cézanne, o grande revolucionário impopular, e, então, começou a pintar numa nova maneira.

Dava-se o mesmo então que se dá hoje; o público de um artista raramente gosta que ele mude e muitos dos admiradores de Renoir George Moore, entre outros, julgaram-no um homem perdido.

Os diversos retratos dos Thurneysens, uma família de amantes da arte de Munich, é uma das mais belas obras de sua velhice. Convidaram-no a visitar a Alemanha no verão de 1910 e receberam-no à estação com uma guarda de honra e uma banda de música. Como o velho genial não podia permanecer na Alemanha durante o inverno o filho da família foi à Riviera, no ano seguinte, para que lhe fizesse o retrato.

MATISSE

Em espírito, Matisse era parente de Renoir, sobretudo em sua obra mais recente, que é acidental em matéria e decorativa no estilo. Começou copiando os velhos mestres no Louvre, de acordo com os ensinamentos do grande professor Gustave Moreau. Suas primeiras obras são impressionistas, mas pertence ao desenvolvimento ulterior da escola, com desenho pronunciadamente esbatido, como o encontramos também na obra de Bonnard e Vuillard. Teve grande sucesso nesta maneira em sua mocidade, mas isso não o satisfaz e, agora, voltou-se para o obscuro futuro da arte moderna, com pinturas estranhas, vigorosas e chocantes nas quais usava cores fortes com pouca relação à natureza. Um crítico de arte ultrajado chamou-lhe "fauve", isto é, fêra, e uma escola de moços talentosos e cheios de audácia, incluindo Rouault, Derain e Vlaminck logo se reuniram a seu redor.

Aproximadamente na mesma época, o cubismo, uma escola artística ainda mais distante da representação realista e inteiramente absorvida na essência da forma e do desenho, tivera começo na poderosa imaginação de Picasso e nas experiências de outros artistas à sua volta. Matisse desaprovou-os como rebuscados e intelectuais mas, nalgumas das suas obras daquele período, como, por exemplo no retrato de Mlle. Yvonne Landsberg na coleção de Mr. e Mrs. Walter C. Arensberg, vemos uma estranha redução da forma e do rosto humanos em proveito do desenho. Mlle. Landsberg não era, como no-lo diz um dos maravilhosos desenhos realistas de Matisse, uma mulher bonita; e na pintura da coleção Arensberg, cinzenta, cinzento-azul e amarelo de limão, na qual está assentada hierática, forte e sombria como uma Madona bizantina, há uma certa adulação, devida à estilização.

Nas últimas duas décadas a obra de Matisse tornou-se mais simples, mais decorativa e leve e os crentes fervorosos da revolução artística que começou na sua mocidade em Paris ficaram desapontados com sua forma casual e sua sensualidade. Para eles o grande homem é Picasso.

O período no qual dois dos mais famosos pintores contemporâneos estavam criando suas novas estéticas foi uma época de admirável efervescência em Paris e de individualidades agressivas florescendo lado a lado, alguns dogmáticos e muito presos a escolas e movimentos, outros num entusiasmo solitário, absorvendo um pouco de todos os lados em benefício de uma extrema personalidade de expressão.

MODIGLIANI

Modigliani era um dos mais românticos destes individualistas. Era italiano, o filho mais moço extremamente belo e culto de uma família que

(Conclue na pag. 50)



Boldini.



Matisse



Eakins



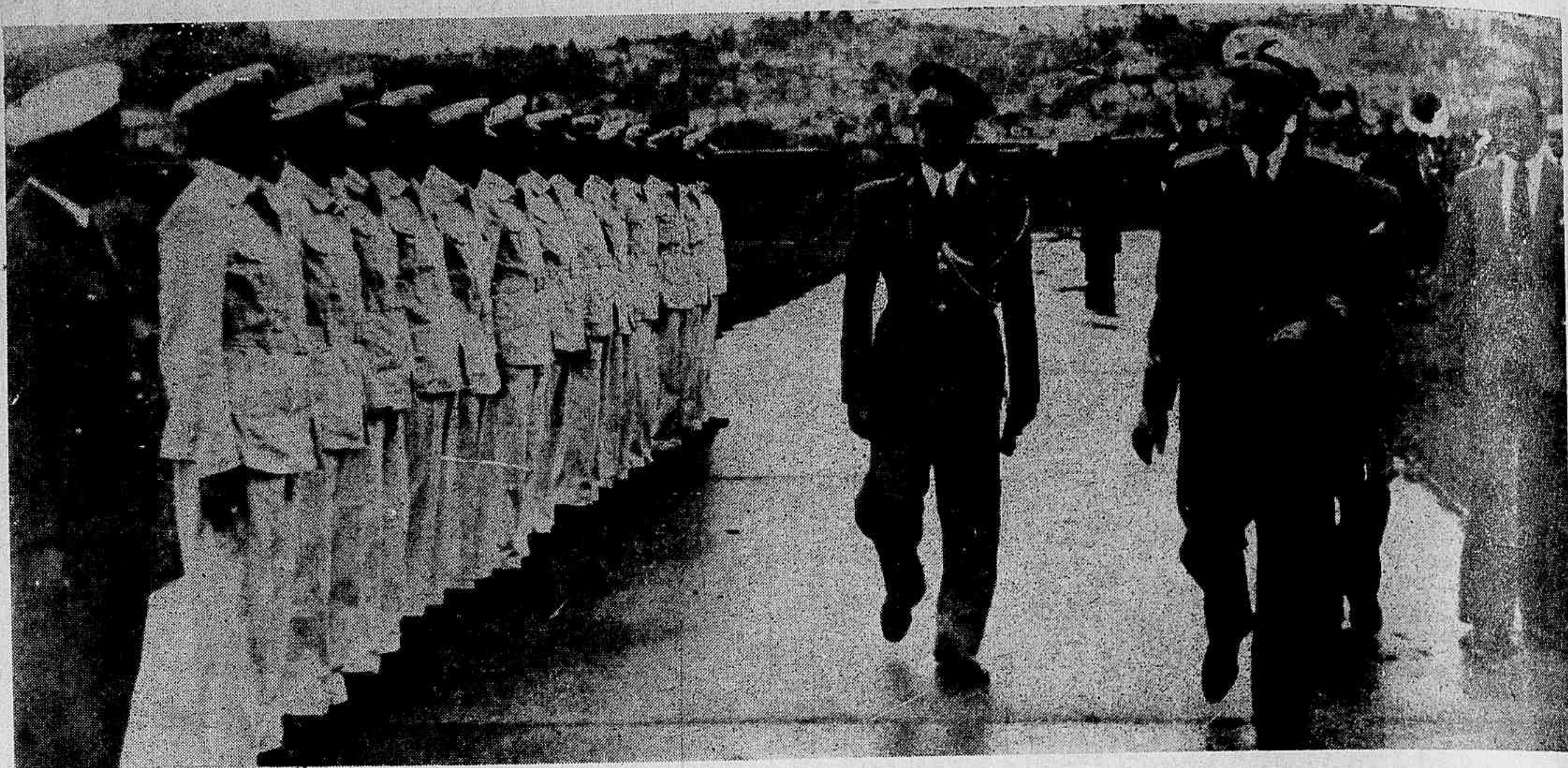
Renoir



Modigliani



Picasso



MONITORES DE AVIAÇÃO — Realizou-se há dias, no Campo de Marte, a festa de formatura da 3.^a turma de Monitores do Aero Clube de São Paulo. O programa teve início com a revista passada aos instrutores, monitores, pilotos e paraquedistas, pelas autoridades presentes. Dr. Frederico Abranches Brotero, presidente do Aero Clube, disse algumas palavras; em seguida fez uso da palavra o sr. Auriphebo Simões, orador da turma. Finalmente o paraninfo Brig. Gervasio Duncan pronunciou palavras de estímulo aos moços que concluíram o curso. Foi uma festa encantadora que terminou com um salto de paraquedas efetuado por quatro monitores e um "cocktail" oferecido aos presentes.



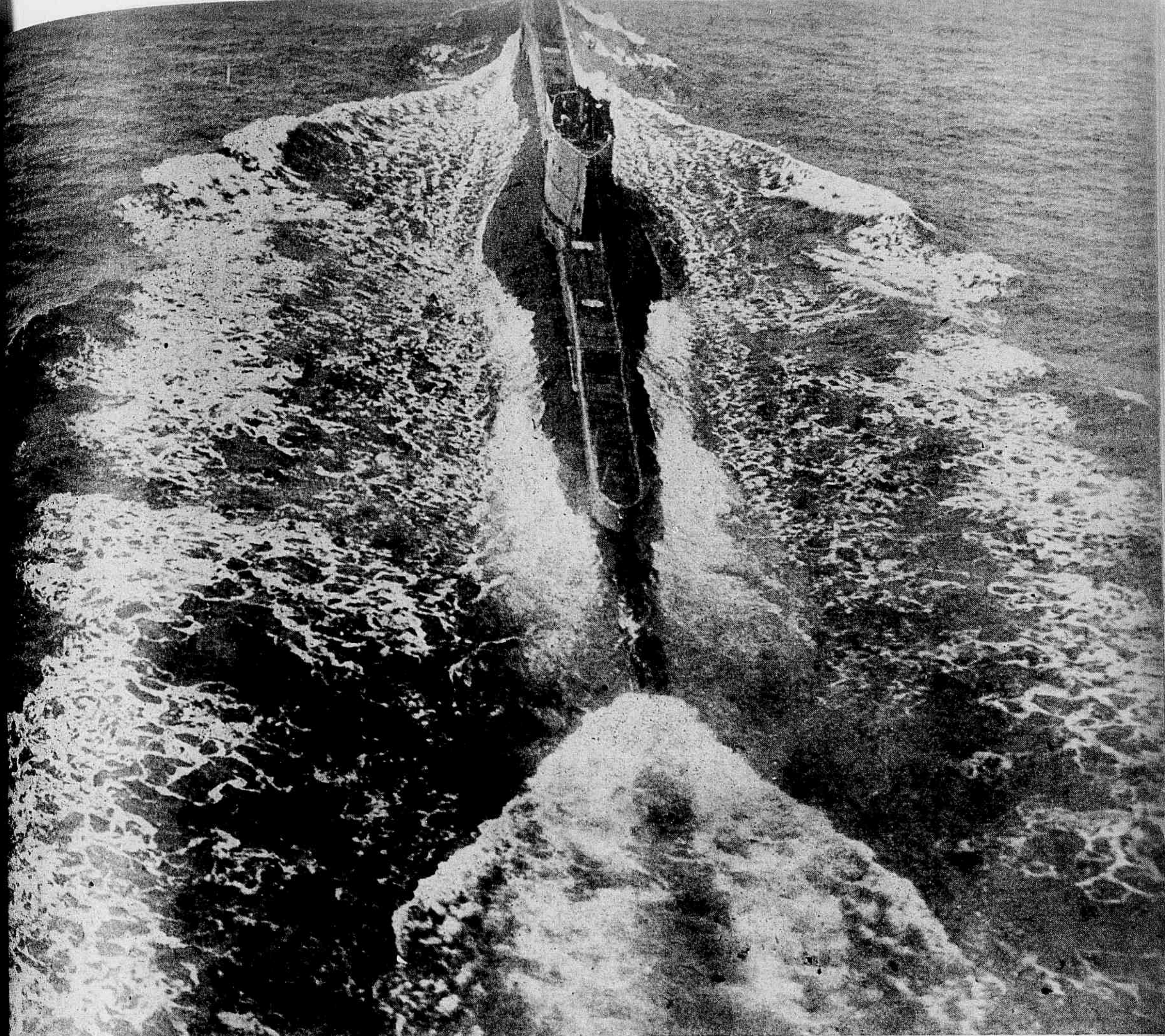
FESTA DOS ENFERMEIROS — A presente fotografia fixa um aspecto da sessão solene realizada no Clube Comercial, encerrando as comemorações do "Dia do Enfermeiro". Durante o ato, que contou com a ilustre presença das autoridades civis e militares, fizeram-se ouvir diversos oradores tomando posse, também, a nova diretoria do sindicato de classe.



SOCIEDADE DE MEDICINA — Foi recebido na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo o prof. Florencio Platz, da Universidade do Chile. Presidiu a sessão o dr. Roberto Oliva, sendo o visitante apresentado pelo dr. Alcantara Madsira. O cientista Chileno pronunciou uma palestra sobre o tema "A encefalia por arsenoterapia mágica (ensaio clínico e experimental)". Na mesma sessão pronunciou uma conferência o prof. Rabelo Filho, da Universidade do Rio de Janeiro.



CIRURGIA PLÁSTICA — O prof. Antonio Prudente discorreu, há dias, sobre o tema "Cirurgia plástica e sua aplicação na guerra", numa conferência patrocinada pela Cruz Vermelha Norte-Americana. Apresentado pelo presidente desta Instituição, o conferencista foi bastante feliz na abordagem do tema, acompanhando-a com a projeção de três interessantes filmes documentários de sua clínica particular. A conferência despertou a mais viva curiosidade entre os presentes.



Submarino == Arma infernal

DO B. N. S. exclusivo para a "Revista da Semana".

O submarino é o arpão da Real Armada. Manobrados por voluntários estes novos monstros marinhos atacam os navios inimigos em todos os oceanos. A fotografia mostra um deles ao emergir.

NO começo do século passado um jovem inventor procurou Napoleão I afim de propor-lhe uma nova arma com a qual poderia atacar a Inglaterra, vencendo seu grande aliado, o oceano. Tratava-se de um barco que andava debaixo d'água. O Imperador recebeu-o com pouco entusiasmo e, apesar das experiências efetuadas no Sena, relegou ao olvido o inventor e sua criação.

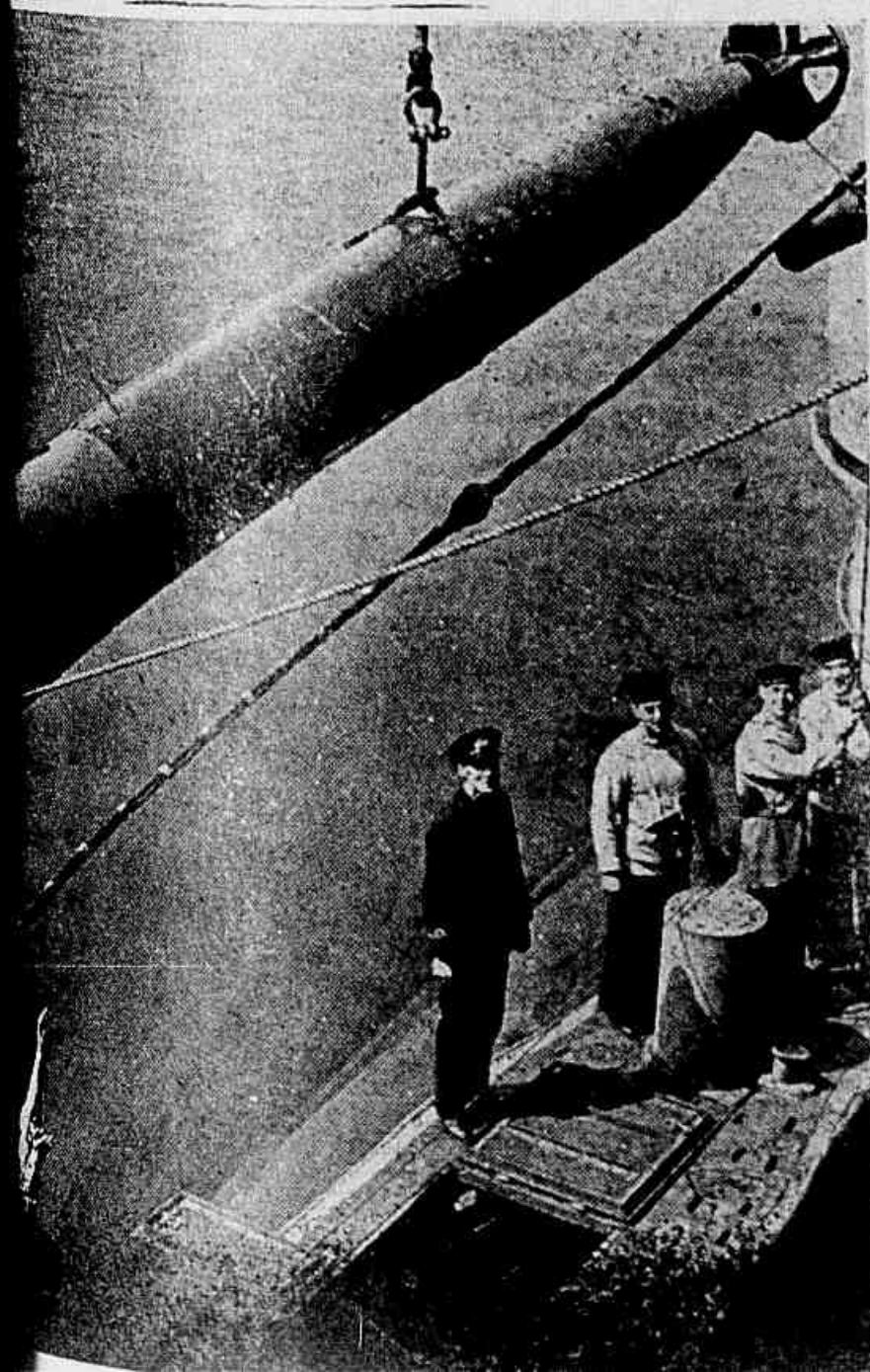
Mal previa — ele que tanta coisa previu — o sucesso dessa invenção e seu emprego eficaz, um século mais tarde. O submarino começaria a ser usado em grande escala durante a guerra de 14, como terrível arma nos combates do mar.

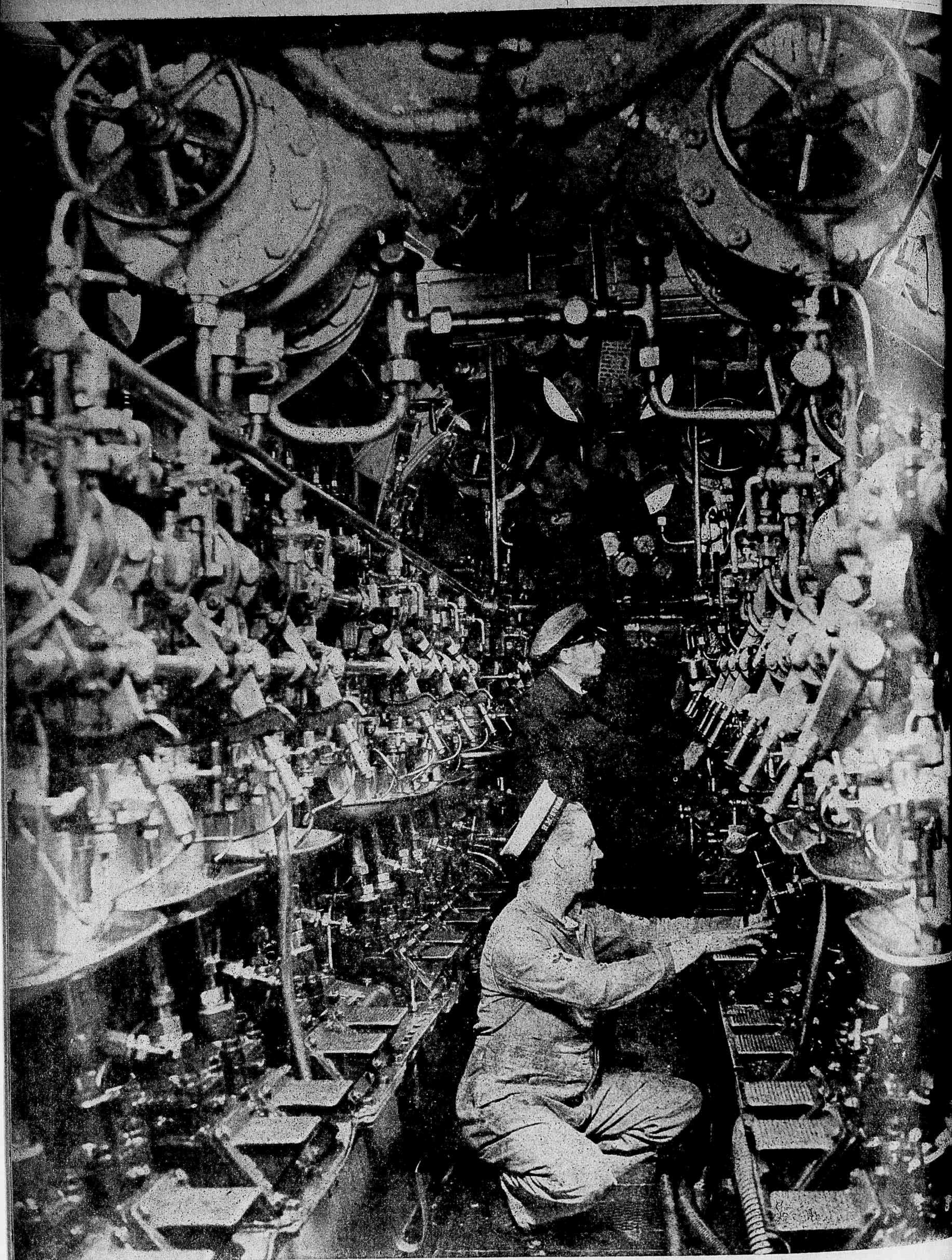
Podendo passar muito tempo submerso para emergir a subitas na proximidade do inimigo desprevenido, o submarino — semelhante aos monstros das profundezas marinhas cuja forma parece imitar — provou ser um dos mais mortíferos inventos do homem.

Na guerra atual, adquiriu grande importância. Tratando-se de uma luta não só de

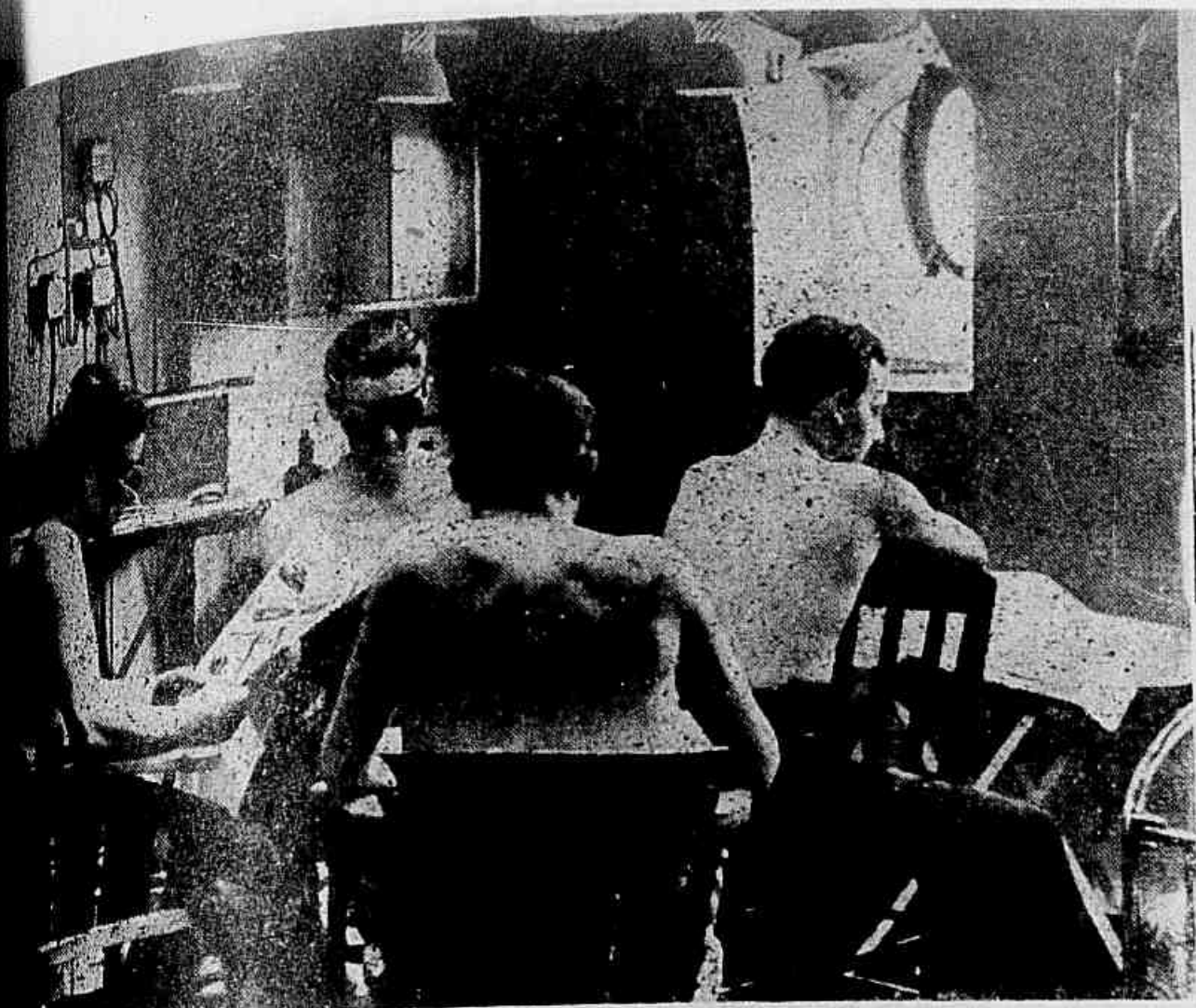
A arma de ataque do submarino é o torpedo. Um destes é visto aqui á esquerda, ao ser embarcado no submarino.

O olho do submarino é o periscópio. Navegando entre duas águas o comandante pôde observar os arredores.

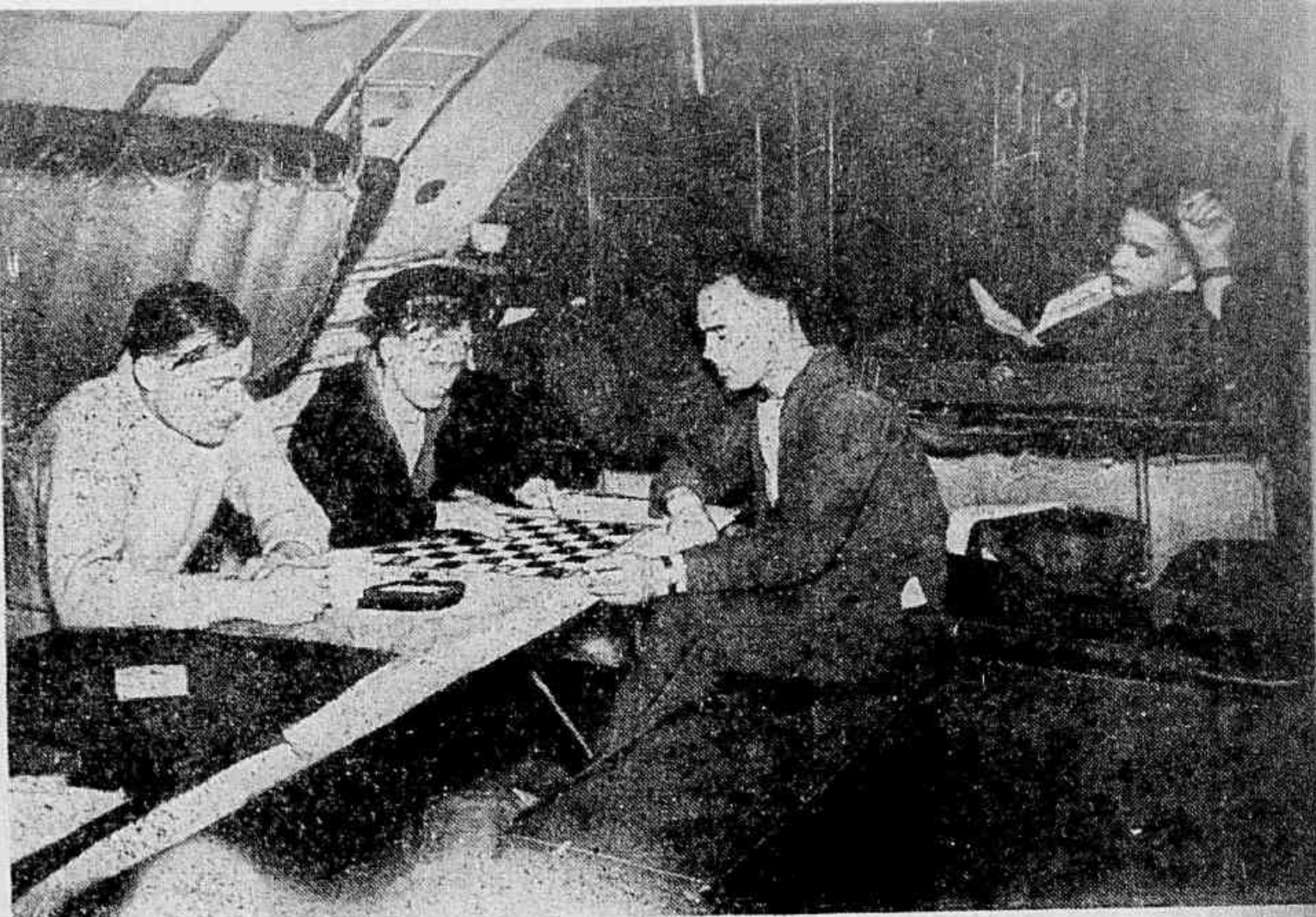




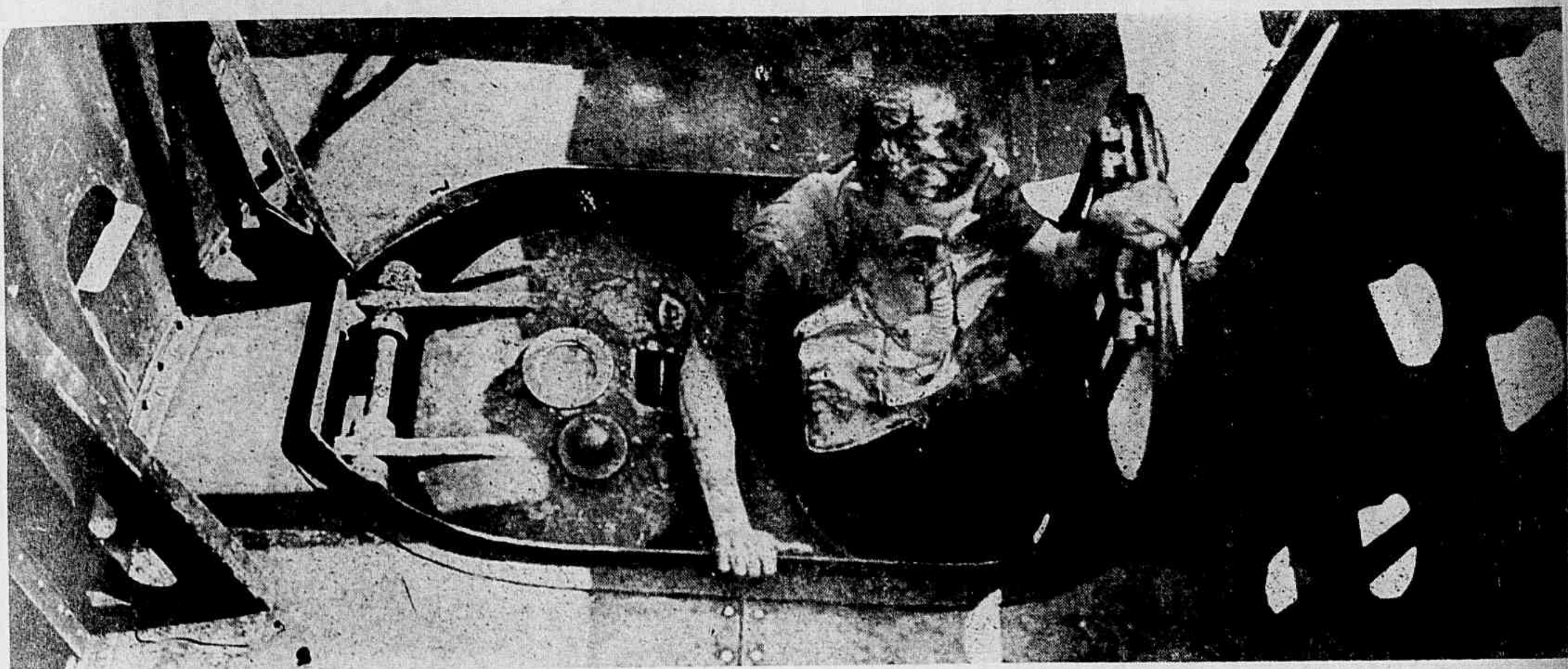
A complexa massa de maquinismos que impulsiona um submarino é patenteada nesta visão dos motores "diesel", usados na superfície.



A bordo do navio-base, entre uma e outra patrulha, as tripulações submetem-se a banhos de luz, afim de manterem-se em fôrma.



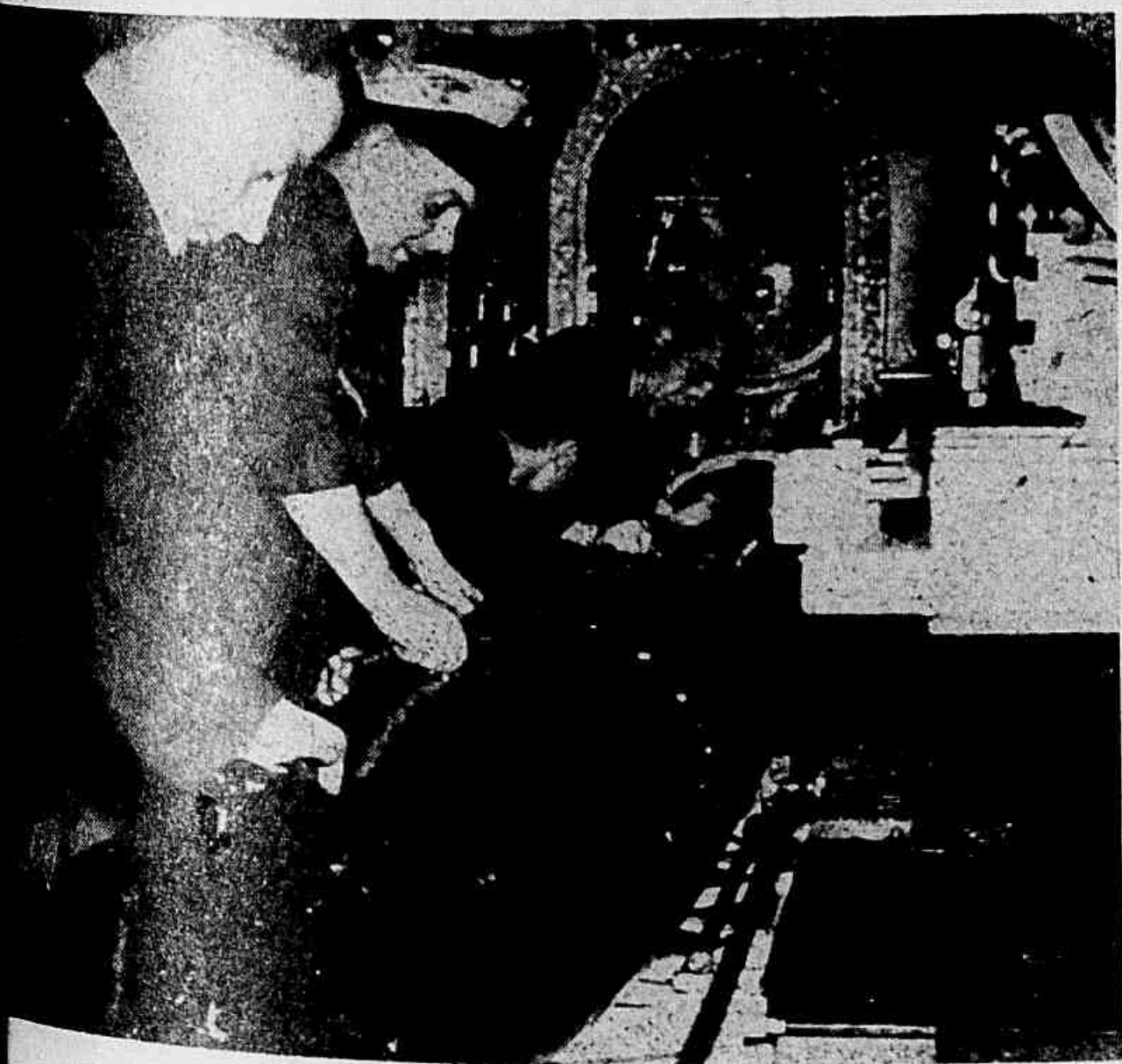
Mesmo no oceano ha momentos de descanso. Nas suas acomodações reduzidas os marinheiros empregam seu tempo de repouso.



Um marinheiro, com as precauções devidas, sai do bojo do submarino.

países, mas de continentes, decorrendo em grande parte no oceano, qualquer meio de destruição que dificulte ou impeça os transportes de tropas e víveres por mar terá, por força, papel saliente. Nesse caso está o submarino. Contra a temível ação dos submarinos alemães no principio da guerra os Aliados procuraram opor uma força idêntica, capás de retribuir ao inimigo, olho por olho e dente por dente, os males causados.

Estas fotografias mostram-nos alguns aspectos da vida no submarino. Aí vemos alguns desses heróis, novos Jonas que tripulam a balsa mecanizada de nossa época. Homens de provada resistência física, cada um de per si um técnico, são cuidadosamente selecionados entre voluntários. Vê-nos manejando os complexos mecanismos, carregando os lança-torpedos, refazendo-se a bordo do navio-base, ou repousando no próprio submarino. Seu trabalho é intenso, sua vida exaustiva e perigosa. Merecem, portanto, mais que a complicada maquinaria que manejam, o preito de nossa admiração — anacoretas do oceano, sentinelas vivas do Atlântico.



Os tubos lança torpedos são carregados antes da partida. Uma vez, porém disparados devem tornar a carregar-se no mar.



Uma das peças mais importantes do submarino é o aparelho que marca a profundidade.



Banquete no Itamarati.

Retribuindo a visita que o presidente Getúlio Vargas fez ao Paraguai, em Agosto de 1941, esteve no Brasil o general Higinio Morunigo, Presidente da República do Paraguai, tendo chegado a esta Capital no dia 5 do corrente, acompanhado de sua esposa, Sra. Dolores Morunigo, do Chanceler Luis A. Argana, do Tenente Coronel Amancio Pampliega, Ministro do Interior, e de uma comitiva composta de altas autoridades civis e militares. S. Excia., durante sua permanência no Rio de Janeiro, ficou hospedado no Palácio do Catete, convenientemente preparado para acolher o Primeiro Magistrado da Nação Amiga.



Visita ao Tribunal Federal.



Visita ao Museu Imperial de Petropolis.

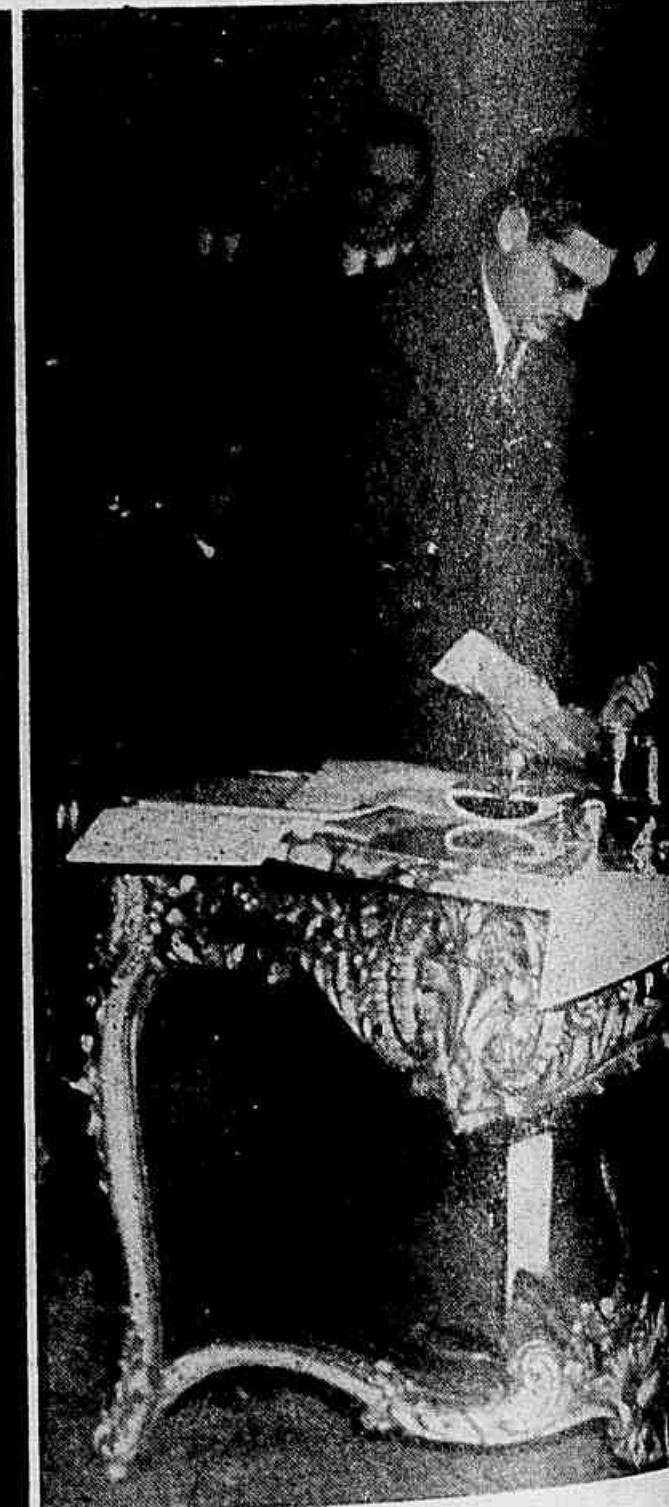
A estada presidente HIGINIO MORINIGO NO BRASIL

Nessa ocasião, foram assinados importantes atos diplomáticos com o Paraguai. Sendo plenipotenciários os ministros Oswaldo Aranha e Luis A. Argana, firmaram-se um tratado de comércio e navegação e um convênio de turismo e concessão de facilidades à entrada de nacionais dos dois países.

Causou profunda impressão nos meios brasileiros e paraguaios o gesto do Governo Brasileiro considerando inexistente a dívida de Guerra decorrente do Tratado de 1872.



Entrega de condecoração ao Ministro do Interior do Paraguai.



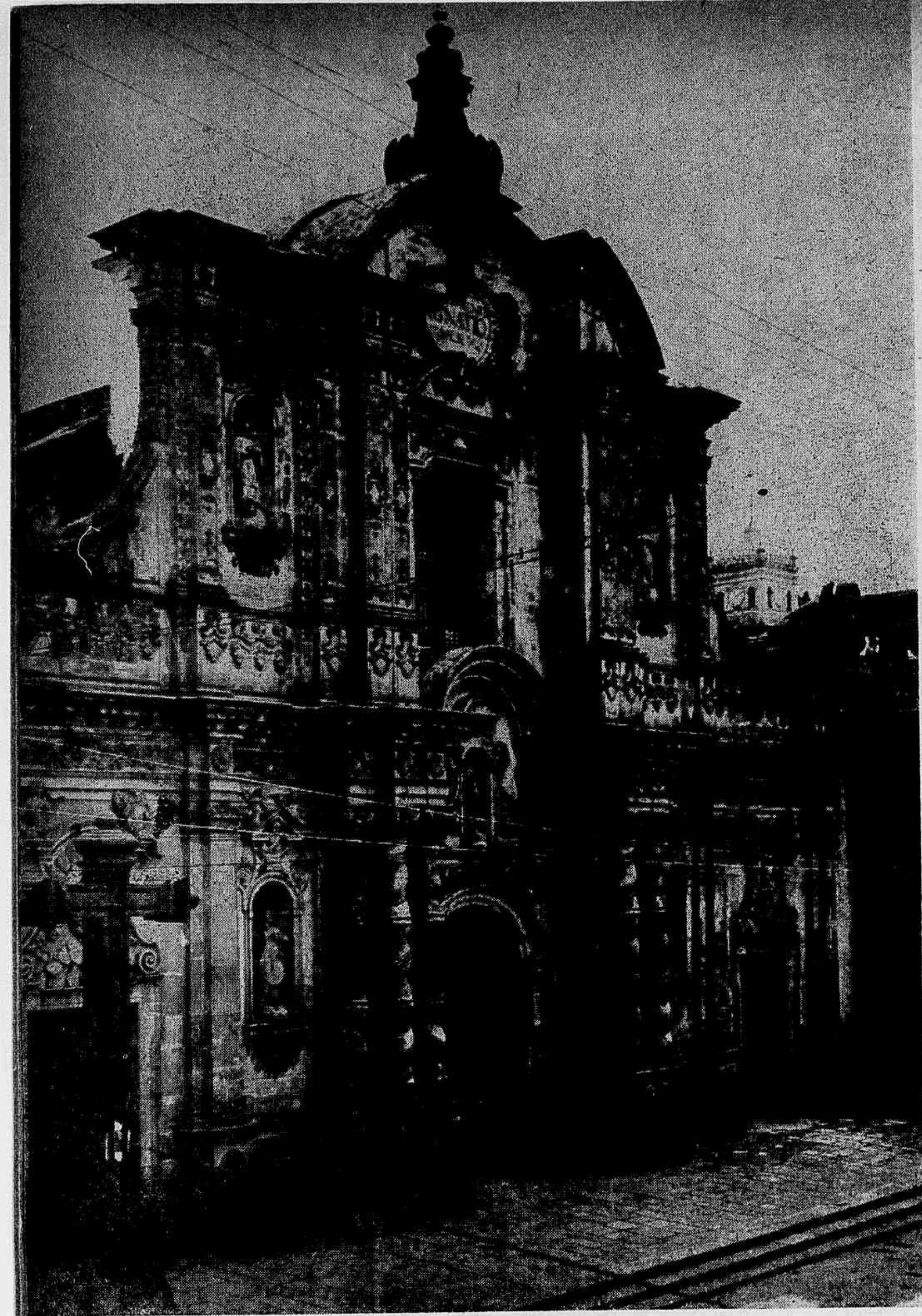
Os chanceleres Oswaldo



Argana assinando os tratados no Guanabara.



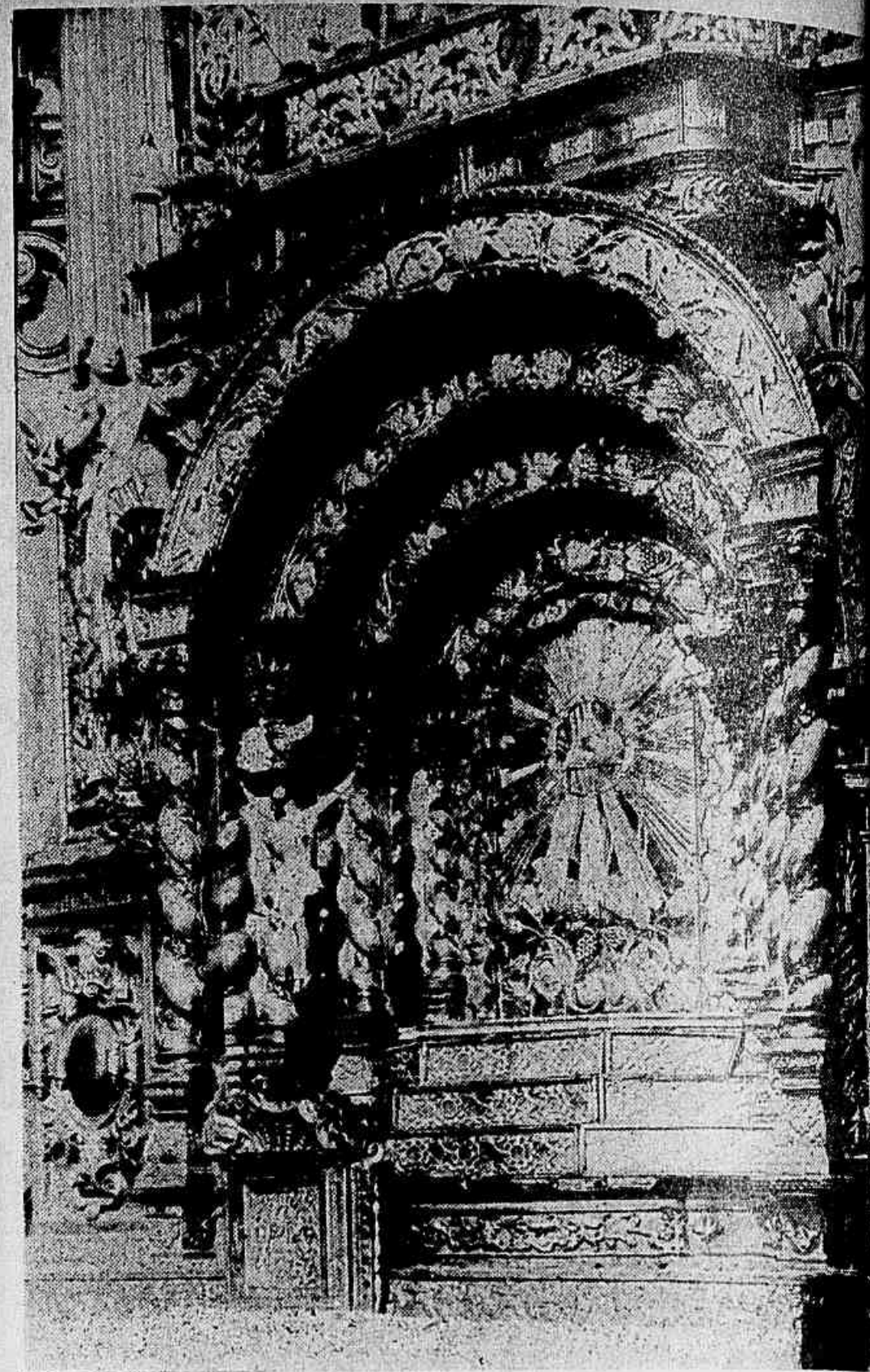
Regresso do Presidente do Paraguai.



"A COMPANHIA" — a imponente fachada do templo.

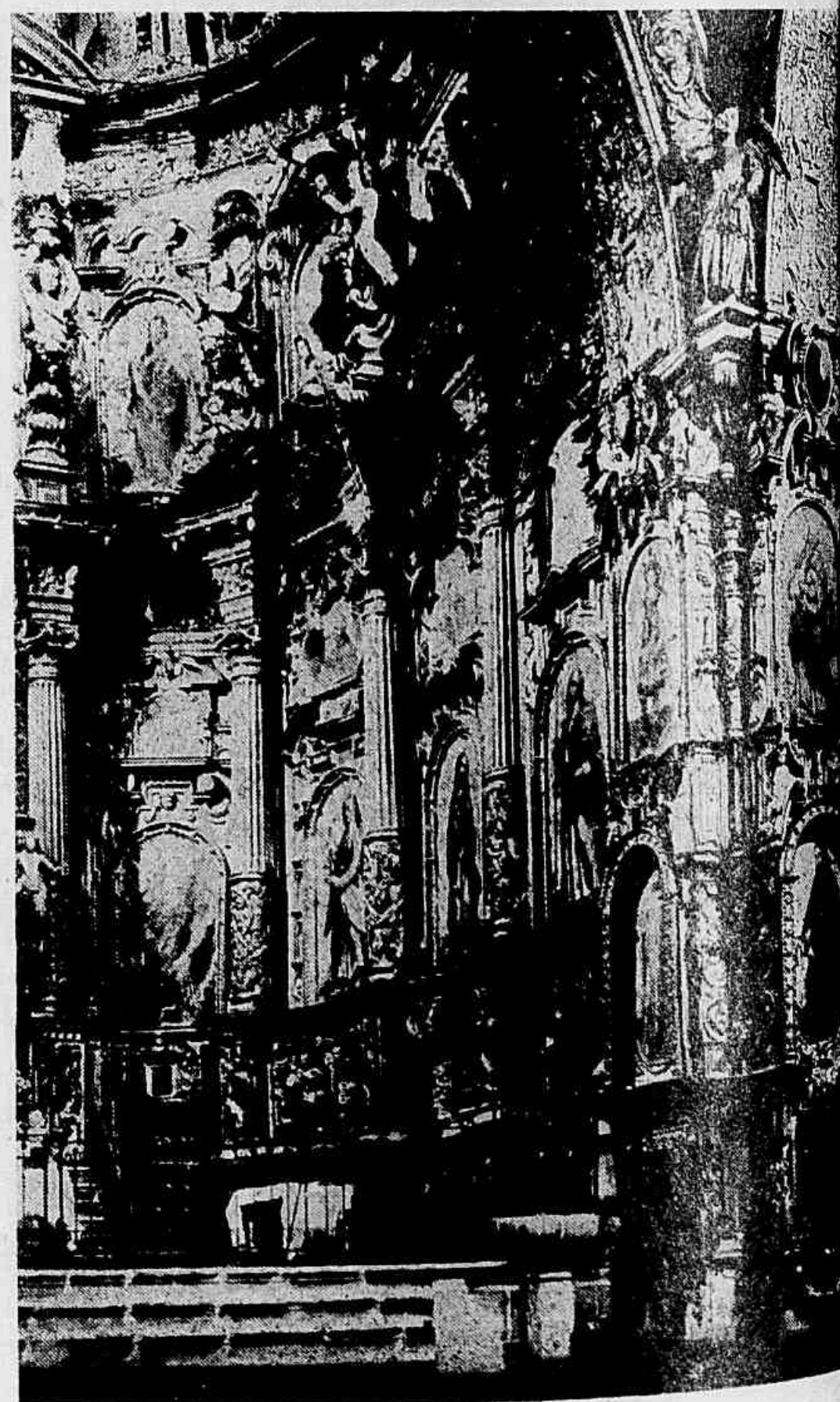
TAPETE MÁGICO

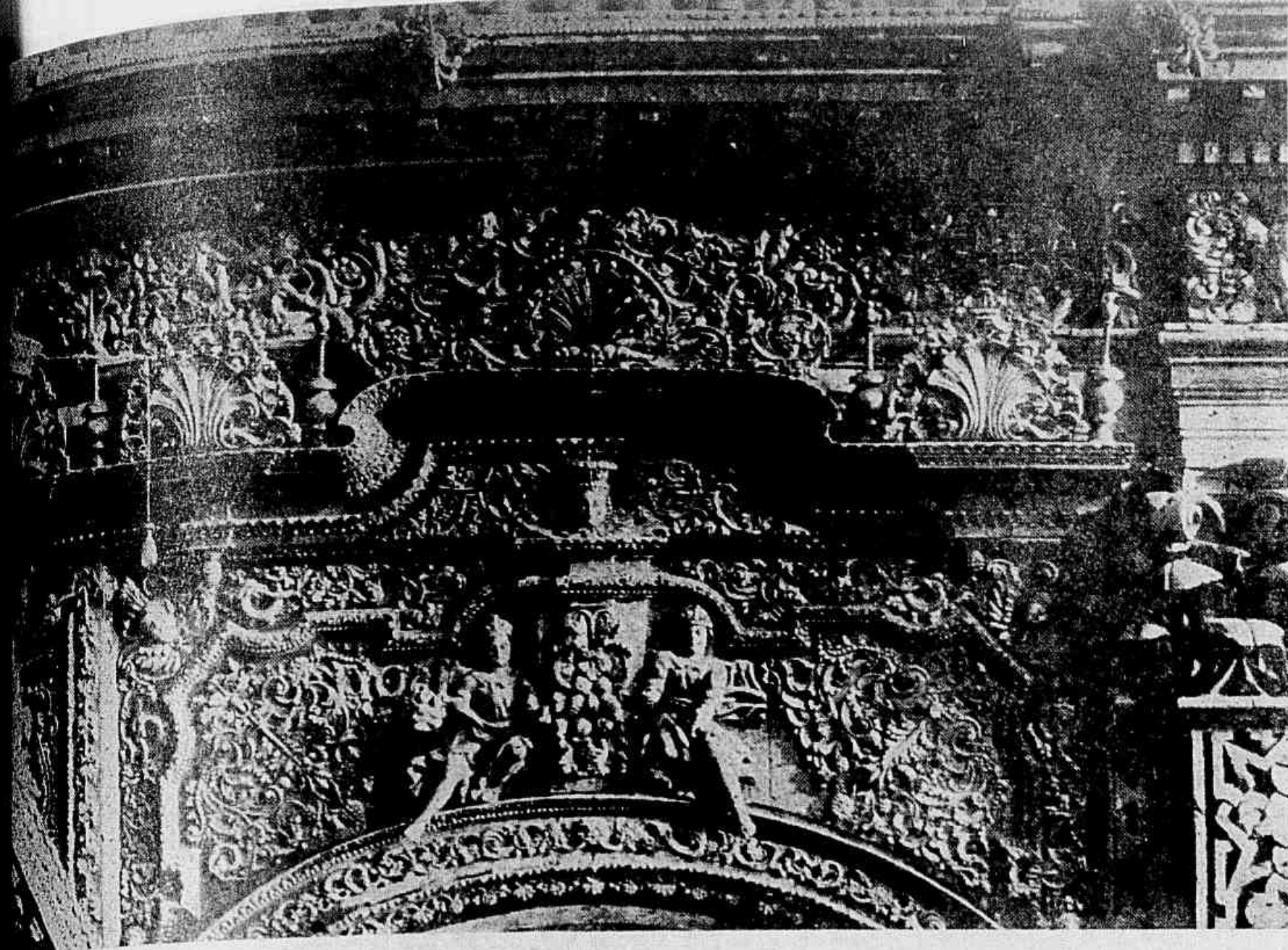
ECUADOR --- MUSEU
DE ARTE DA AMERICA



SÃO FRANCISCO — o tabernáculo de prata e os espelhos de altar-mór.

DETALHE — decoração dos muros do Presbitério da Igreja de São Francisco.





UM ARCO — um arco caprichosamente ornamentado (A Companhia).



SANTO AGOSTINHO — moldura colonial.

DESafiANDO O TEMPO — conjunto ornamental dos muros do Presbitério (A companhia).

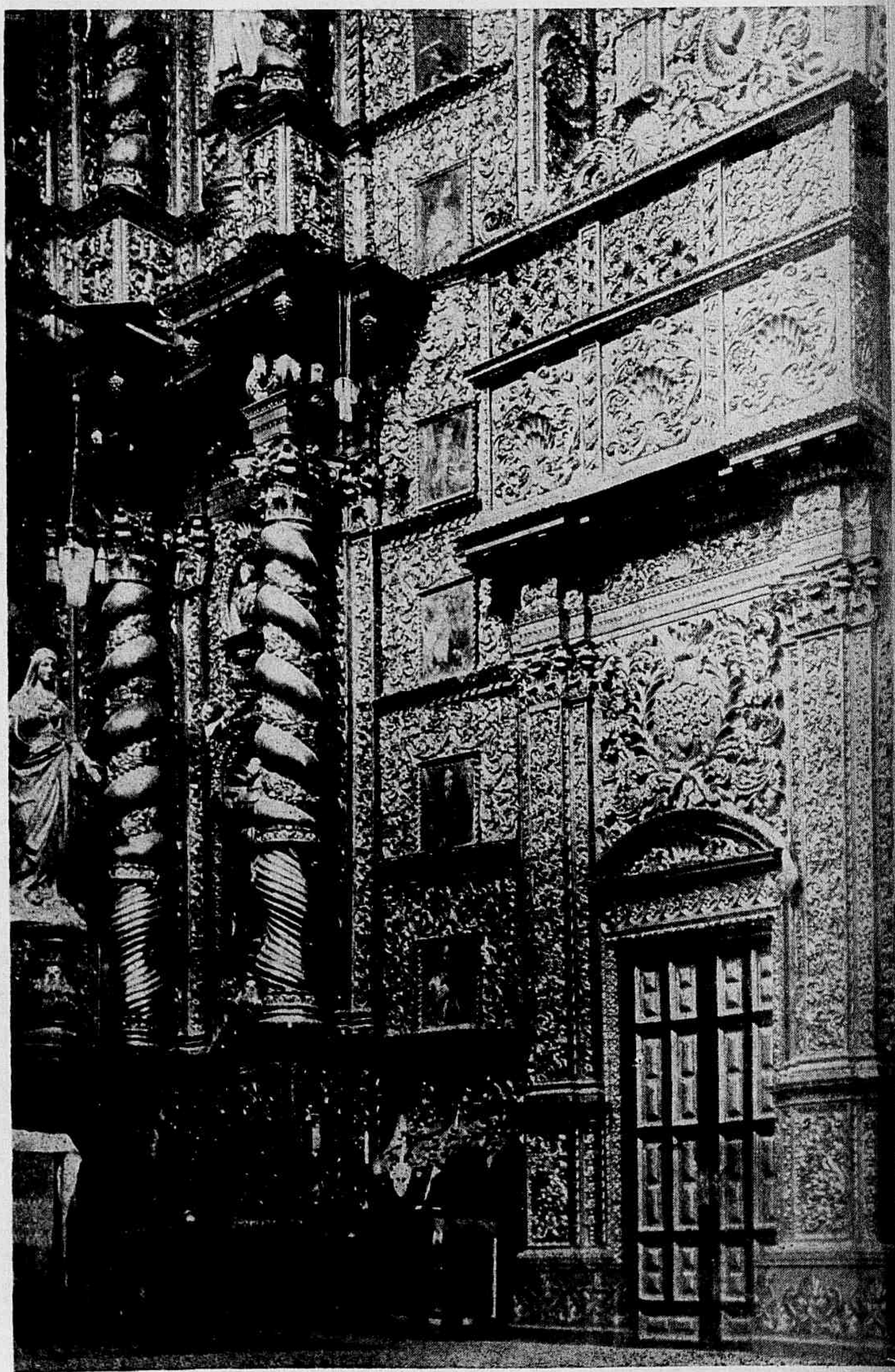
O Equador tão prodigiosamente dotado pela natureza, possui, também, ricos tesouros artísticos que, sem exagêro, podem ser considerados a maior reliquia da arte hispano-indígena. Deixando, naturalmente, parte ao México, relicário precioso da arte, o Equador se vangloria, com razão, de sua prodigiosa riqueza pictórica e escultórica, que, cada dia que se passa, adquire aspectos imprevistos, numa renovação incessante.

Em Quito, Capital do Equador, graças ao patriótico zelo de seu *Cabildo*, não desapareceu o fervor artístico, ao qual estimula-se, todos os anos, com o Prêmio Aguilera.

A arte de Quito vem dispensando atenção a tôdas suas múltiplas divisões, como admiramos nestas preciosas joias coloniais. Encontram-se nas igrejas centenárias e nas velhas residências, inúmeras telas e trabalhos de entalhe, em madeira e osso, denotando o profundo e elevado sentimento artístico dos equatorianos.

Com razão dizia o conhecido artista italiano Sartori: "Quito é a Atenas da América e o coração da América Latina... Sem receio podemos assegurar que essa bela Cidade será o centro da formação espiritual de uma arte americana própria."

(Fotos gentilmente cedidos pela Legação do Equador nesta Capital)



NOTICIARIO ELEGANTE



CASAMENTO: — Realizou-se no dia 8 de maio p. p. o enlace matrimonial do sr. Rui Borges de Aguiar, filho do dr. Alberto Pereira Pinto de Aguiar e d. Isabel Borges de Aguiar, com a senhorinha Zilah de Sousa, filha do sr. Antenor Aguiar de Sousa e d. Euridice Santos de Sousa. Foram padrinhos dos noivos, no ato civil, o sr. Joaquim Fabricio de Matos e senhora, e no religioso, o sr. Hélio Manoel Alves e senhora. A' casa dos pais da noiva onde teve lugar a cerimonia religiosa, compareceu elevado numero de pessoas da sociedade carioca. Em seguida, o novel casal embarcou para uma estação de recreio, em viagem de nupcias.

ANIVERSARIOS:

22 — Sta. Lucia, filha do industrial Julio Wolf.

Senhoras:

D. Trinidad Alvares Bayma, esposa do sr. Totila Corrêa Bayma; dr. Fernando Falcão; dr. Camilo Guerreiro, secretário da Faculdade de Direito de Niterói; Mário Guarani de Barros.

Dia 23 — Senhoras:

D. Olga Machado Truda, viúva do sr. Leonardo Truda; d. Julia Brasil de Almeida.

Senhores:

Desembargador Décio Cesário Alvim; dr. Carlos Taylor, ministro plenipotenciário; dr. Mário Leão Ludolf; dr. João Maria do Vale Car-

valho, fiscal do ensino comercial; dr. Sílvio Muller Pereira.

Dia 24 — Senhoras:

D. May Reidy Uchoa, esposa do dr. Plínio Uchoa; d. Luiza Berg Cabral, tipógrafa do antigo Senado Federal.

Senhores:

José Artur Alves da Cruz Rios, nosso companheiro de redação; cons. Osório Dutra; Henrique Dias Coêlho; dr. Alvaro de Melo Alves; dr. Antenor Leandro da Costa; cap. Gastão Guimarães de Almeida.

Dia 25 — Sta. Celeste de Castro Continentino, filha do dr. Mucio Continentino.

Senhoras:

Isaura Duval, viúva do Gal. Armando Duval; d. Ana da Costa Mo-

reira; d. Laura de Brito Leitão, esposa do tte. Antonio Marques Leitão; d. Olga Cortez, esposa do dr. Ademar Cortez.

Senhores:

Dr. Belizário Távora; dr. Luiz Sodré; dr. Edgar Braga; dr. Renato Clark Bacelar; escritor Benjamin Costallat; dr. Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional e membro da Academia Brasileira.

Dia 26 — Senhoras:

D. Maria de Lourdes Frazão, esposa do dr. Elesbão de Araujo Frazão; Julieta Rodolfo.

Senhores:

Dr. Raul de Faria; dr. Armando Martins de Freitas; prof. Jarbas Ramos.

Dia 27 — Senhoras:

Viúva Lady Ana da Fontoura

Xavier. D. Maria Pereira Lago, esposa do tabelião Dr. Mozart Lago.

Senhores:

Dr. Luiz Augusto do Régo Monteiro; Dr. Ranulfo Bocaiuva Cunha; Fernando Marques Lisboa; Dr. Izidro Pereira da Silva; Dr. Djalma Fonseca Hermes; Dr. Castro Goyanna.

Dia 28 — Senhoras:

D. Celisa Costa de Oliveira, esposa do Snr. Dr. J. J. de Oliveira Neto.

Senhores:

Dr. Mário de Andrade Ramos; Dr. Camilo de Oliveira; Dr. Vicente Saboya de Albuquerque Filho; Capitão de Fragata Aurélio de Azevedo Falcão; Alvaro Pinto da Silva; Dr. Carlos Nascimentos Tinoco; Alberto Quartim Bianci; Carlos Bandeira Filho.



A AVIADORA ANESIA PINHEIRO MACHADO NOS ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON — Abril — (Inter-Americana) — O elevado prestígio da aviação no programa de mutua cooperação entre os Estados Unidos e o Brasil, na guerra e na paz, foi confirmado mais uma vez pela recepção feita à Senhora Anesia Pinheiro Machado, famosa aviadora brasileira, quando de sua recente chegada na capital dos Estados Unidos.

Hospede do Departamento de Aeronautica Civil, a senhora Anesia Pinheiro Machado, famosa por seus voos em solo e seus artigos sobre aeronautica, encontra-se atualmente a caminho de Houston, no Estado de Texas, onde se realizará um curso de instrutora da aviação.

Em Washington, a recepção oferecida à aviadora brasileira rivaliza com as maiores manifestações feitas às mais notáveis aviadoras norte-americanas.



Flagrante da cerimonia realizada no Itamaraty quando o Dr. Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores, entregava ao Snr. Ralph Olsburgh — Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e Presidente das Industrias Quimicas Brasileiras "Duperial" S. A. — as insignias de Cavaleiro da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Na gravura, vemos a aviadora brasileira Sra. Anesia Pinheiro Machado, quando palestrava com o sr. Carlos Martins Pereira, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, após sua recente chegada a Washington. A famosa aviadora brasileira se encontra presentemente a caminho de Houston, no Estado de Texas, onde vai realizar um curso de instrutora de aviação.

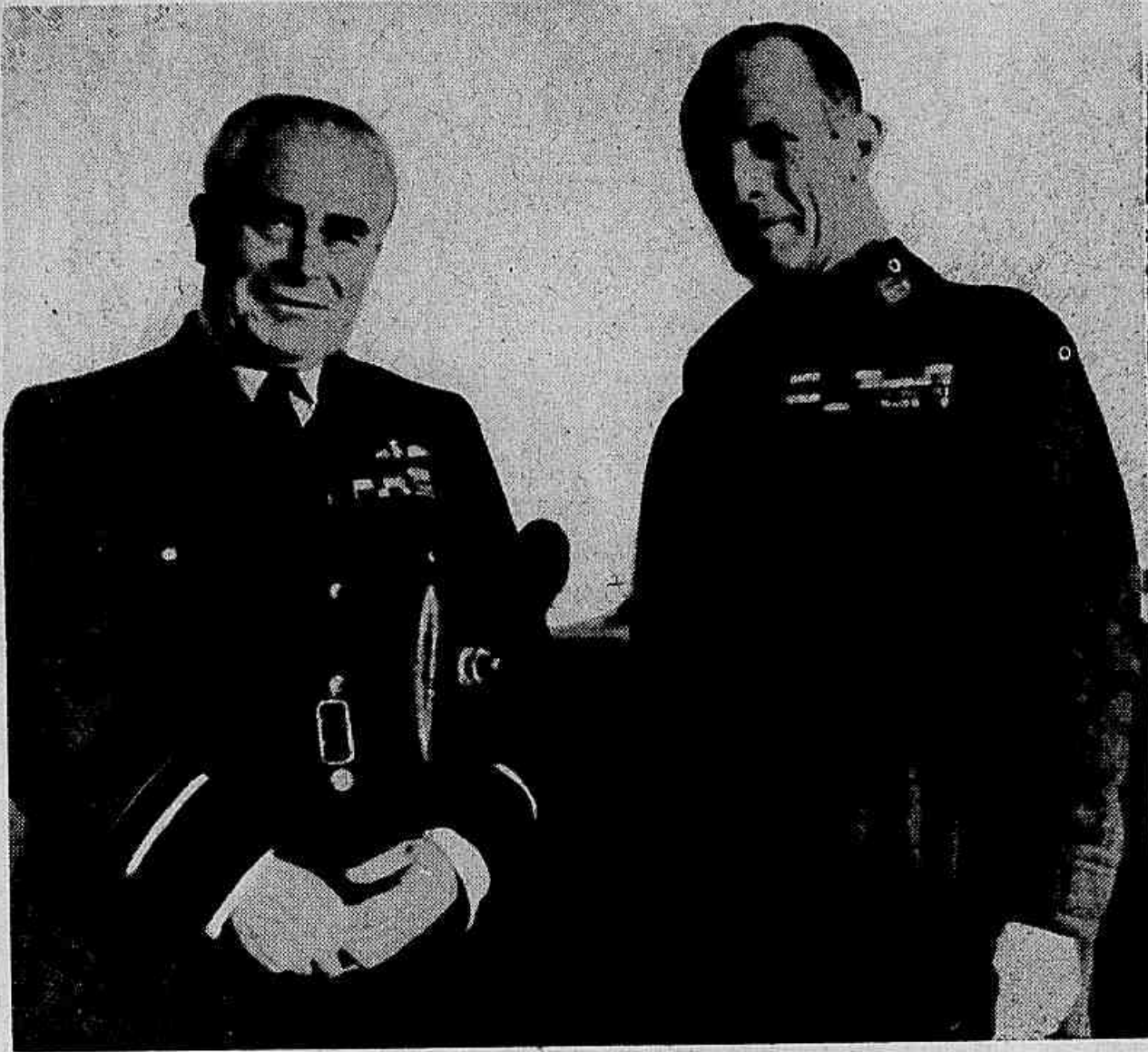
(Fot. especiais da INTER-AMERICANA)

Jockey Club Mundano

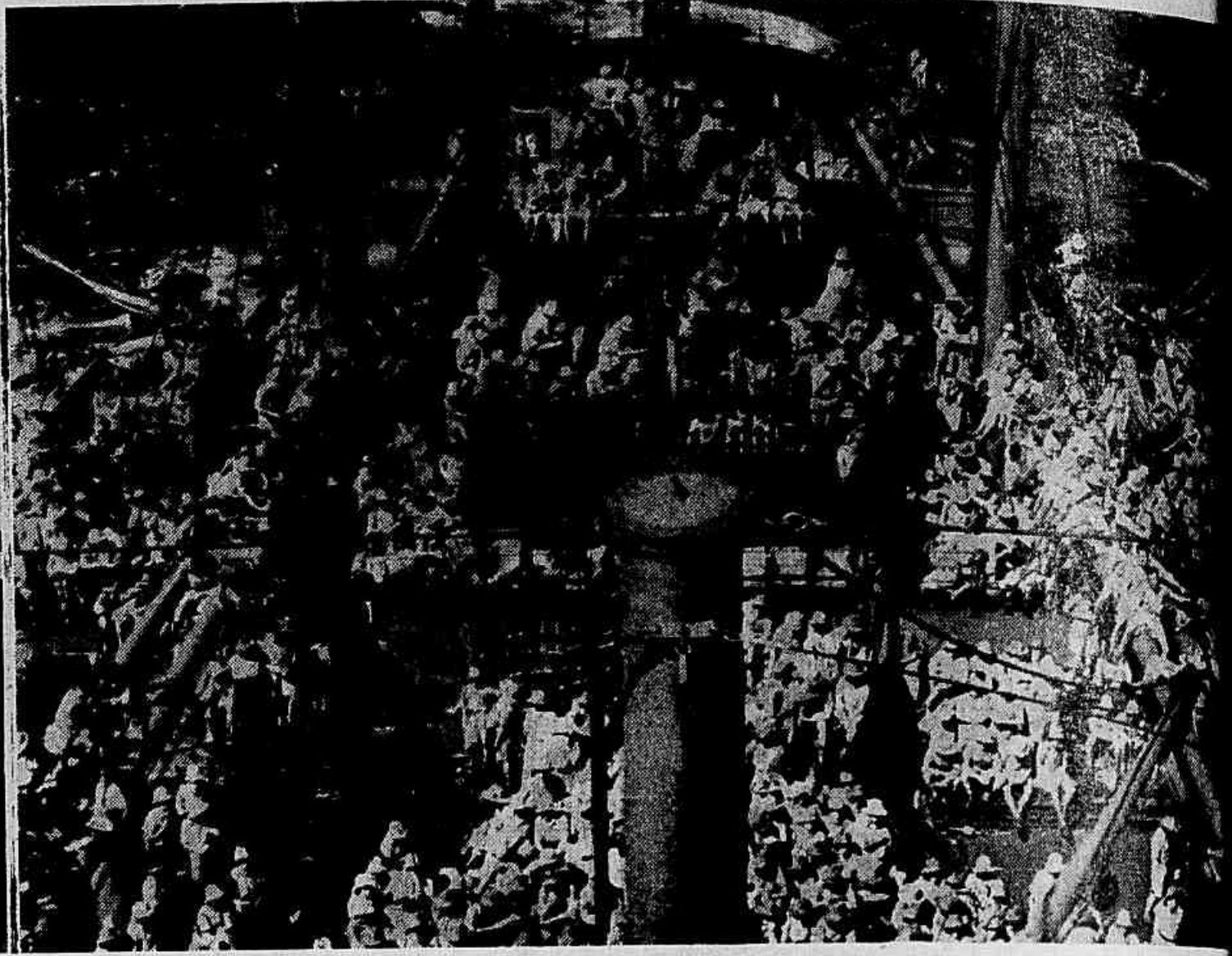


O "turf" continua a ser, sem duvida, o esporte predileto da elite carioca. Para tal têm contribuído os programas das corridas dominicais do Jockey Clube Brasileiro, que levam semanalmente ao Hipódromo da Gávea os mais representativos elementos da nossa sociedade. Como sempre, o "meeting" de domingo ultimo esteve concorridissimo, tendo as tribunas do prado se enchido com a graça e a elegância das aficionadas do nobre esporte. Do que foi esta bela reunião social e esportiva, pôde-se ter uma idéia, pelas fotos que aqui apresentamos.

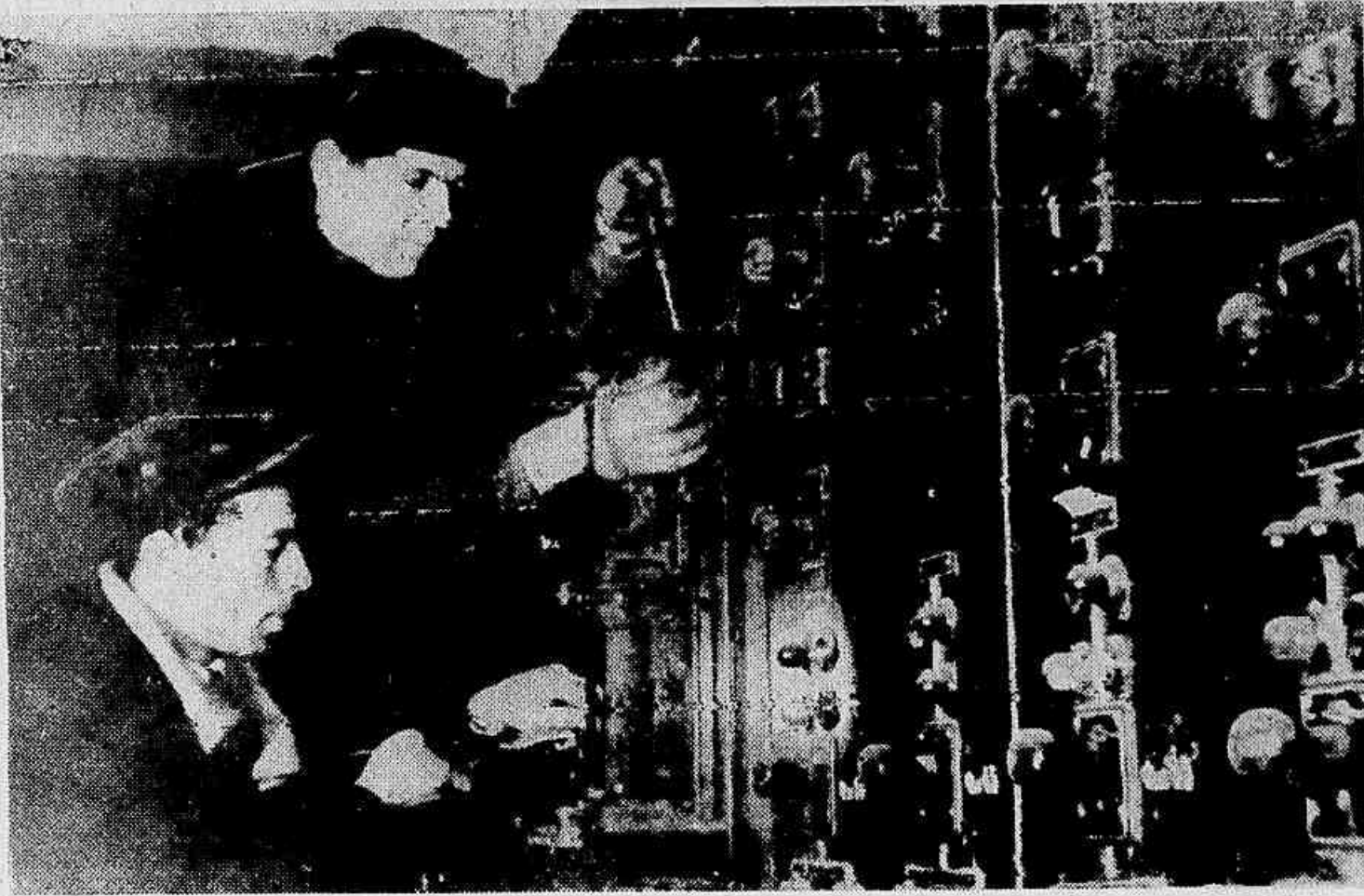
A Guerra Gráfica



O Rei George da Grécia chega ao Oriente Médio, onde é recebido por seu irmão, o Príncipe Paulo da Grécia.



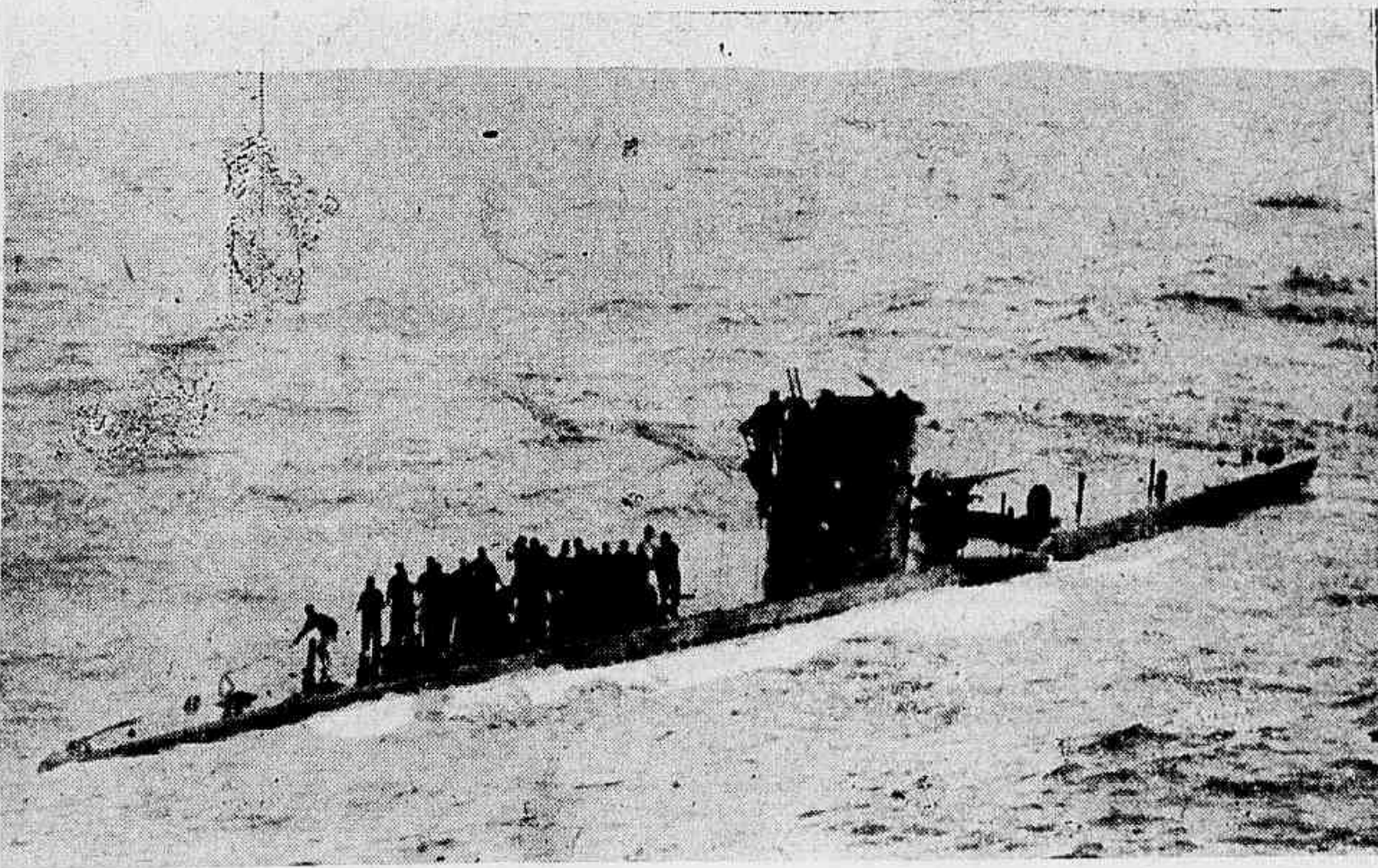
Público de uma partida de "box" a bordo de um transporte britânico que leva homens da R. A. F.



Eletricistas aplicam-se a restaurar uma estação elétrica em Stalingrado, logo depois que o Exército Vermelho conseguiu repelir o inimigo. O trabalho de restauração das atividades normais prossegue intenso em todos os pontos recapturados pelos russos.



Vencedor e vencido, ambos feridos, confraternizam. Um "Tommy" fuma em companhia de um prisioneiro alemão. Na sua retirada, o Afrika Korps deixou 6.000 homens nas mãos dos ingleses.



O submarino "Astéria" sobrenada pela última vez, mortalmente atingido pelas bombas de profundidade de dois destroyers ingleses, enquanto seus tripulantes aguardam salvamento.



Tripulantes do submarino italiano "Astéria" nadam em direção ao destroyer britânico que o pôs a pique.



Engenheiros do 8.º Exército, auxiliados pelos nativos, reparam a ponte de Gabes, destruída pelo inimigo em retirada.



Um oficial dos famosos regimentos Gurkha que tiveram parte saliente na ação, inspeciona as medalhas identificadoras de prisioneiros alemães capturados numa patrulha noturna.



Um dos trabalhadores árabes das forças britânicas da África do Norte "assina" um documento.



Alguns dos 5.000 prisioneiros feitos pelo 1.º Exército no seu avanço sobre Gabes jogam cartas, enquanto aguardam que os enviem a um campo de concentração. Seus semblantes sorridentes revelam a alegria de terem escapado a um cativeiro maior...



Um batalhão escocês, logo após a ocupação da linha Mareth, penetra em Gabes ao som da gaita nacional.



Num veículo danificado pela aviação inimiga, artilheiros do 8º Exército que tanto contribuíram na tomada da linha Mareth, assistem a uma exposição improvisada de fotografias da guerra.



Dimitri Shostakovitch, o compositor da Revolução russa.

A história musical da Rússia conta com um grande romântico: Tschai-kovsky; dois grandes neo-clássicos: Stravinsky e Prokofiev; e um grande neo-romântico: Shostakovich.

Hoje, quando os olhos do mundo convergem para as estepes moscovitas para admirar o magnífico exemplo do Exército Vermelho, a figura de Shostakovich se agiganta cada vez mais. O neo-romantismo de Shostakovich não significa uma volta à introspecção queixosa, ao masoquismo sentimental. Pelo contrário, seu romantismo é forte, está baseado na terra, é a expressão de algo que nasce, que brota de dentro para fora; não é uma força centrípeta, — é centrífuga.

Considerado como o novo Mozart, pela sua precocidade, caiu no desagrado do Soviet em 1936 pelas suas inclinações ao "purismo", e sua "Quarta Sinfonia" foi eliminada dos programas pelas "tendências esquerdistas e modernistas" que encerrava. Com a "Quinta Sinfonia" recuperou sua posição dominante no campo musical soviético, mas sempre reteve essa forte estrutura que faz de Stravinsky e Prokofiev duas colunas inabaláveis na história musical do nosso século.

Shostakovich é o mais destacado dos músicos nitidamente soviéticos. Nem o luxo, nem o ambiente aristocrático, nem as doutrinas religiosas, influíram na evolução musical deste compositor. O sistema do protecionismo particular, que quase sempre é a espinha dorsal que sustém o desenvolvimento do artista nos demais países, não foi o elemento que influuiu no desenvolvimento da arte de Shostakovich.

Ao tomar em consideração a obra musical deste músico se apresenta o seguinte dilema: devemos julgá-la do ponto de vista de sua mensagem social? — ou devemos analisá-la, somente, como música pura? Este dilema tem seu fundamento no fato de que a música de Shostakovich está sempre composta de acordo com uma ideologia definidamente social. Decidamo-nos por uma ou outra escola de crítica estética.

Estas duas escolas são, uma, a que obedece a um ponto de vista objetivo, julgando uma peça de música simplesmente como tal, e a outra a que corresponde a um fator dialético, julgando a peça de música como um reflexo da sociedade que a produziu.

A música de Shostakovich não pode ser compreendida amenos que se leve em conta o ponto de vista dialético. O fato de que os críticos comunistas encontrassem grande significação na sua "Quinta Sinfonia", ao mesmo tempo que, no resto da Europa era considerada obra decepcionante e vulgar é um fato curioso, desejando-se estudar o valor da arte dentro e fora da Rússia. A música de Shostakovich emerge da ideologia popular e, se de fato é vulgar, é porque é plebéia no pensamento e no objetivo. Indubitavelmente procura expressar e exaltar as emoções, pensamentos e experiências do povo russo do presente.

Ha um certo naturalismo no conteúdo emocional da música de Shostakovich. Um agradável sabor campestre, uma espontaneidade mordaz, confundida com um belo e austero propósito.

Shostakovich disse uma ocasião que "não pode haver música sem ideologia", e que "a música, fatalmente, deve ter um fundamento político". Os antecedentes ideológicos da "Quinta Sinfonia" (estreada na Rússia em novembro de 1937), da "Sexta" (executada pela primeira vez em dezembro de 1939) e do "Quinteto" (estreado em novembro de 1940), são fáceis de coligir, apesar destas obras não estarem baseadas em programas específicos como a "Segunda" e "Terceira" de suas sinfonias. As lutas e os triunfos de seu povo se acham refletidos nestas obras, porque, num estado socialista, por imperfeito que seja, tais fatores exercem influência decisiva num artista, seja poeta, pintor ou compositor. Naturalmente, estes fatores passam ao artista e ao serem desenvolvidos por este, constituem, já, algo muito pessoal, algo que já sofreu uma transformação, mas nem por isso se despiram de sua característica de propaganda.

Shostakovich, na opinião dos críticos, tem muito de Moussorgsky, um revolucionário que protestou contra o sentimentalismo de seus contemporâneos e que tinha o dom de captar em música a essência dramática da vida observada ao seu redor. A arte de Shostakovich recebeu também a influência de Stravinsky, Mahler, Ricardo Strauss, Borodine e ainda de Schonberg. Na verdade, em toda sua obra se nota um ecletismo muito acentuado. Ele admitiu a influência de Prokofiev, particularmente em suas primeiras obras; entretanto não se desenvolveram nele as qualidades de intelectualismo inerentes ao autor da "Sinfonia Clássica". São filhos de épocas distintas.

Seria interessante fazer conjecturas sobre o que teria sido a música de Shostakovich se este músico não tivesse nascido em solo soviético.

A rudeza e a secura de sua obra musical, que muitos críticos qualificaram de realismo vulgar, ter-se-ia viciado. Fora da União Soviética, Shostakovich acabaria tornando-se acadêmico.

Entre suas obras mais realistas se encontra a mui discutida ópera "Lady Macbeth de Mzensk", estreada em 1934. Foi qualificada na Rússia co-

Shostakovich,

compositor do povo russo.

Não pode haver música sem ideologia e a música deve ter fatalmente um sentido político, disse Shostakovich.

POR
FRANCISCO V. PORTELA.

mo uma obra magistral. Esta obra, segundo a opinião de um famoso crítico musical norte-americano, Paul Rosenfeld, "é u'a manipulação da forma musico-dramática" em que se evidenciam certas verdades abstratas: a sordidez e o ridículo do velho sistema social economico-burguês." Moussorgsky realizou trabalho similar em sua "Borio e Khovantchin". "Lady Macbeth Mzensk" só poderia ter saído de uma Rússia proletarizada.

A música de Shostakovich não foi aceita em princípio fora de Rússia, mas atualmente é considerada como um dos elementos mais fundamentais na evolução desta arte em nossa época.

Entre suas ultimas obras se distinguem a "Sexta Sinfonia" e seu "Quinteto" para piano e instrumentos de corda. Na primeira, de grande conteúdo emocional, projeta-se o espírito de Mahler com uma nitida coloração moscovita. No "Quinteto", liricamente lucido, humano e simples", como o qualificou o "Prada", é uma das provas mais concludentes de que a música de Shostakovich obedece a preceitos ideológicos. O próprio compositor declarou que o público russo recebeu o "Quinteto" com tais provas de agrado que bastaram para demonstrar que sua música é compreendida pelas massas, satisfazendo-lhes as necessidades. Nicolas Slonimsky, notável diretor de orquestra, assinala que o compositor recebeu o encargo de compor este "Quinteto" "para justificar o renascimento do classicismo no Soviet". E, por ultimo, referindo-se a esta obra, um crítico russo disse: "A tradição clássica revive nas mãos de Shostakovich, adquire uma projeção contemporânea, enriquece-se e se agiganta."

NOTA — As duas grandes casas gravadoras dos E. Unidos, ainda recentemente, gravaram a "Sexta Sinfonia", executada pela Orquestra Sinfônica de Filadélfia, sob a direção de Leopold Stokowsky (Victor) e o "Quinteto", com execução do Quarteto Stuyvesant e a pianista Vivian Rivkin (Columbia).



A' extrema direita, aparece Shostakovich, que, durante o cerco de Leningrado, ocupou seu posto na luta contra os invasores alemães. As outras figuras que aparecem na fotografia, como bombeiros, são membros do Conservatório de Música.



Um velho "blue" de Virginia

Lembro-me — com que saudade! — de um velho "blue" de Virginia, exibido num esplêndido technicolor. Vozes negras, num ritmo arrastado, agradeciam a Deus o ter criado os rios e as terras férteis por onde se estendiam os algodões.

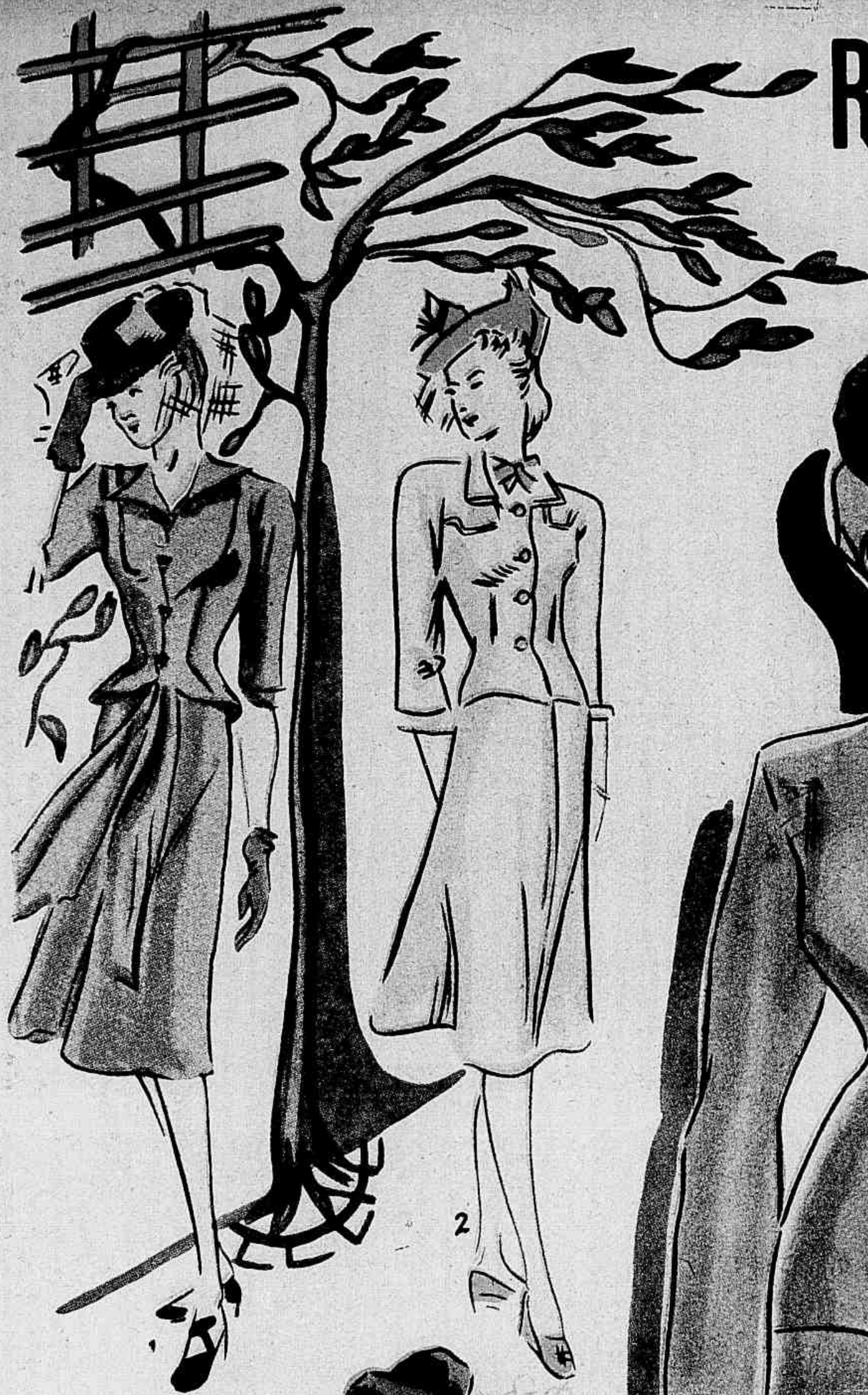
Numa das passagens, afirmavam: "Do algodão fizemos saias rodadas para nossas mulheres e camisas de riscado tão vistoso para os dias de festa".

Agora as jovens elegantes dos Estados Unidos, depois do enorme sucesso de Scarlet O'Hara, cantam parodiando o velho "Blue":

"Do algodão fizemos os vestidos que ora usamos e as blusas de estampado tão vistosos para os dias de festa".



Rapsódia Cinzenta



Foi na tarde de domingo, quando se realizou no hipódromo da Gávea a corrida em homenagem ao presidente do Paraguay, que esses modelos desfilaram. Sucediã-se harmoniosos — como trechos que, embora diferentes, se integrassem para uma estranha rapsódia.

Da Lagoa chegava um vento frio e penetrante enquanto a chuva no prado, improvisava poemas de melancolia... Ainda assim "eias" despertaram a quietude da natureza, sucedendo-se harmoniosas — como trechos que, embora diferentes, se integrassem para uma estranha rapsódia: a rapsódia em cinzento.

S. R.

1 — Modelo juvenil em crepe "rayon" azul.

2 — Elegante costume de lã, em tom escuro. Mangas 3/4. Gola, pala e barra da manga debruadas em tom mais vivo. Saia de 4 panos.

3 — Para as mulheres balnearianas. Costume de lã ornamentado com botões.

4 — Vestido em crepe "rayon" próprio para tarde.

5 — De requintada distinção é esse modelo em seda pesada ou lã muito fina. Observe-se a originalidade da blusa.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Bate-papo de Guerra

Legendas

de

Sonia

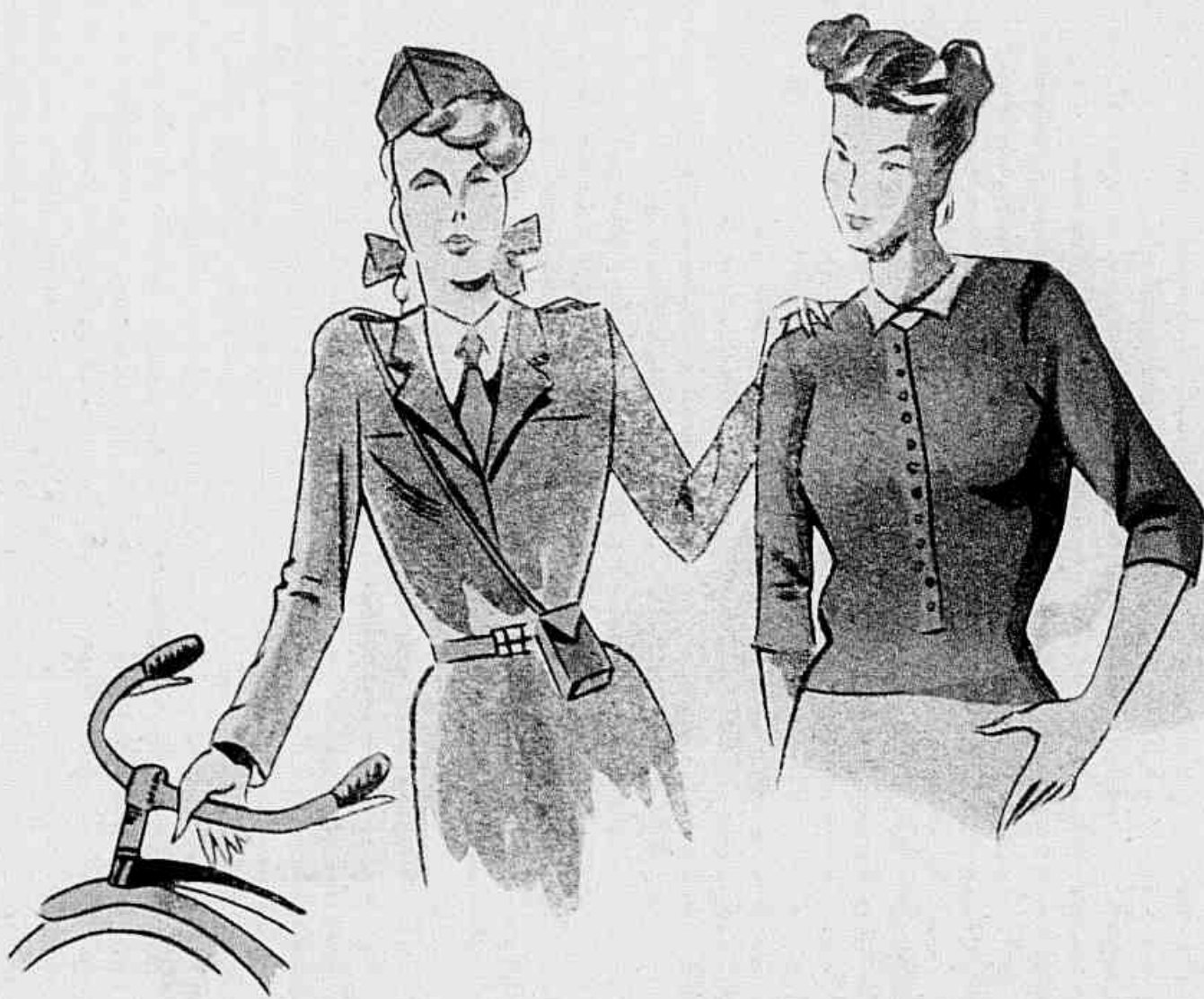
Regina

Desenhos

de

Luiz

Goulart



Lili está doidinha para casar. E, não sei porque não o consegue. Ela é bem interessante, com aqueles olhinhos pequenos e amarelados.

Muito em particular: eu creio que é por causa deles que ela não casa.

E?

Pudera; se até mesmo os rapazes andam desconfiando que ela é produto japonês "camouflado"...

Côitado do Juca! Tão bonito e com uma família tão grande! Imagine que ele tem mãe e sete irmãs para sustentar.

Ah! agora já compreendo porque a Viki falou que ele é como "cargueiro de comboio" disfarçado em hiate de turismo.

Imagine só. Até o Carlinhos, hein? Nunca pensei que "caisse" assim pela Bilú, aquela sardenta milionária...

Ela não é milionária?

E?

Então está explicado. Você não tinha per-



cebido que o Carlinhos era o tipo do "caça-minas"?

— Quem diria? O João já está casado há um ano e até hoje não "flirtou" ninguém.

— Ele explica muito bem o fato.

— Como?

— Diz que a esposa é muito bem constituída. Tem precisamente, e em muito boa dose, duas cousas que estão faltando no momento.

— ?

— Sal e açúcar.

— Côtado! O seu romance reduz-se a uma palavra: "fila".

— Por que?

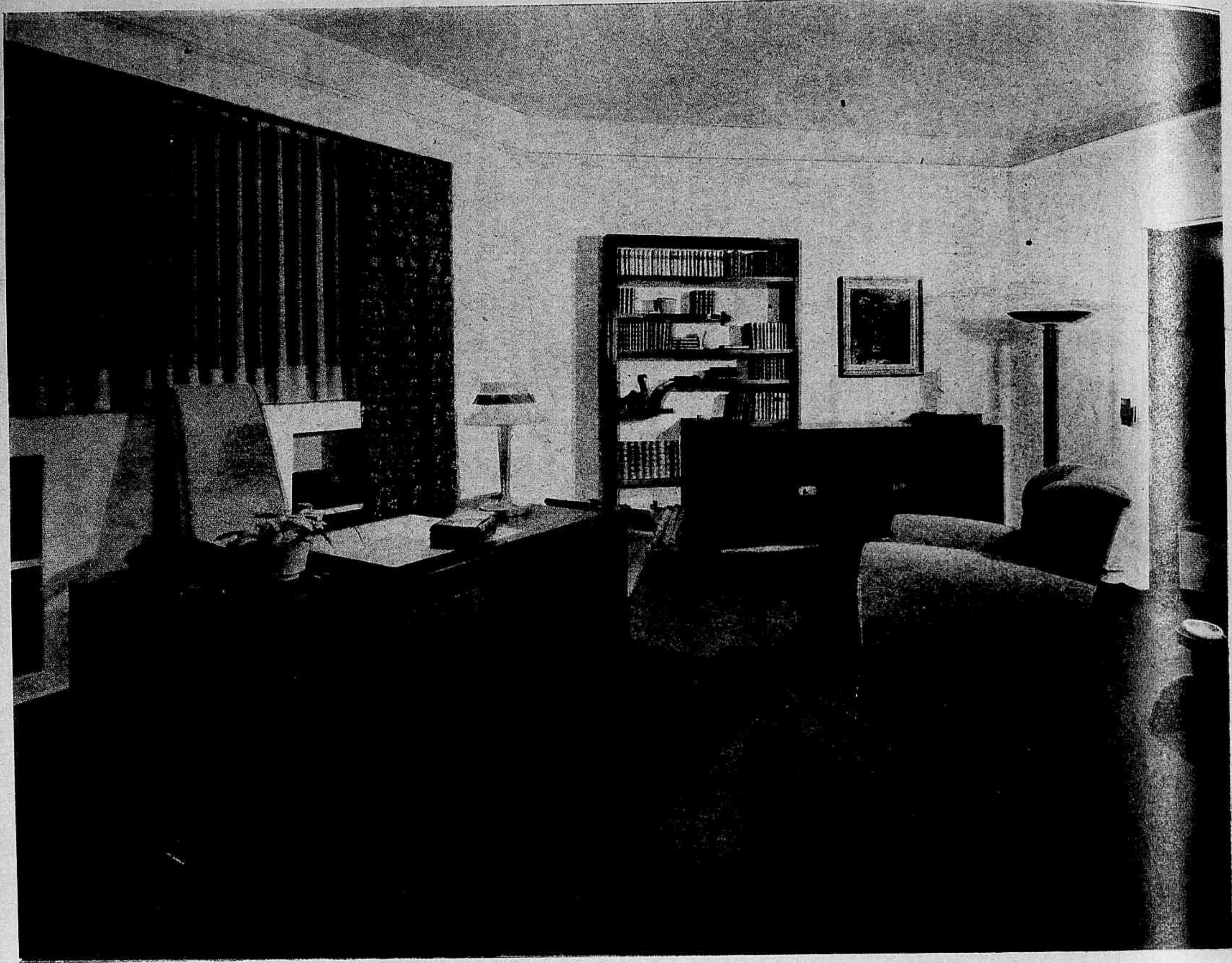
— Começou numa fila de onibus e acabou na fila do açúcar.

— Felizmente dentro em pouco poderei namorar o Artur e papai não me passará nenhum "sabão".

— Como assim?

— E' que o sabão também vai ser racionado.





AMBIENTES ADEQUADOS

A verdadeira arte de um decorador se revela justamente no modo por que ele consiga adaptar todos os moveis e objetos ornamentais de um aposento, ás atividades a que o mesmo se destina. Seguindo esta norma, o artista deve se esforçar para que a sala de jantar seja clara e alegre, o *bar* seja despretencioso e simples e a sala de musica tenha sempre um luxo pesado e sobrio.

Esta foi a preocupação do encarregado da decoração desta biblioteca que logrou organizar um ambiente propicio aos vagares do estudo sem, contudo, prejudicar a luminosidade e a alegria do gabinete.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67

PARA VER PREÇOS E CONDIÇÕES NEM PRECISA

Primavera no Outono

Todos eles vieram de New York e com os acabamentos leves, claros e graciosos que contrastam, admiravelmente com o cinzento e o negro dos «tailleurs». E, agora, confesse: não oferecem uma nota de distinção e primavera, esses modelos outonais?





No "Petit-bar"

Quando você entrar para o habitual «ice-cream» ou «cock-tail» ouvirá, certamente: «Como está graciosa darling?»

Tudo isso porque você escolheu um desses modelos «made in U. S. A.»



A RESPEITO DE MODAS

Chapéus e vestidos...armas de artilharia — para a mulher.

Stendhal.

A aparência de pobreza na mulher é sempre sincera. A mulher nunca se mostra pior do que é...

Charles-Lamb.

O chapéu é o "ultimatum moriens" da respeitabilidade.

O. Wendel Holmes.

Sem a boa indumentária não há compostura, sem compostura não há espírito.

Ben Jonhson.

Toda mulher está de bom humor quando bem vestida.

Dickens.

O remédio mais eficaz para a mulher é um bom vestido.

Robert Burton.

Está bem vestida a mulher cujo vestido ninguém observa.

Anthony Trollope.

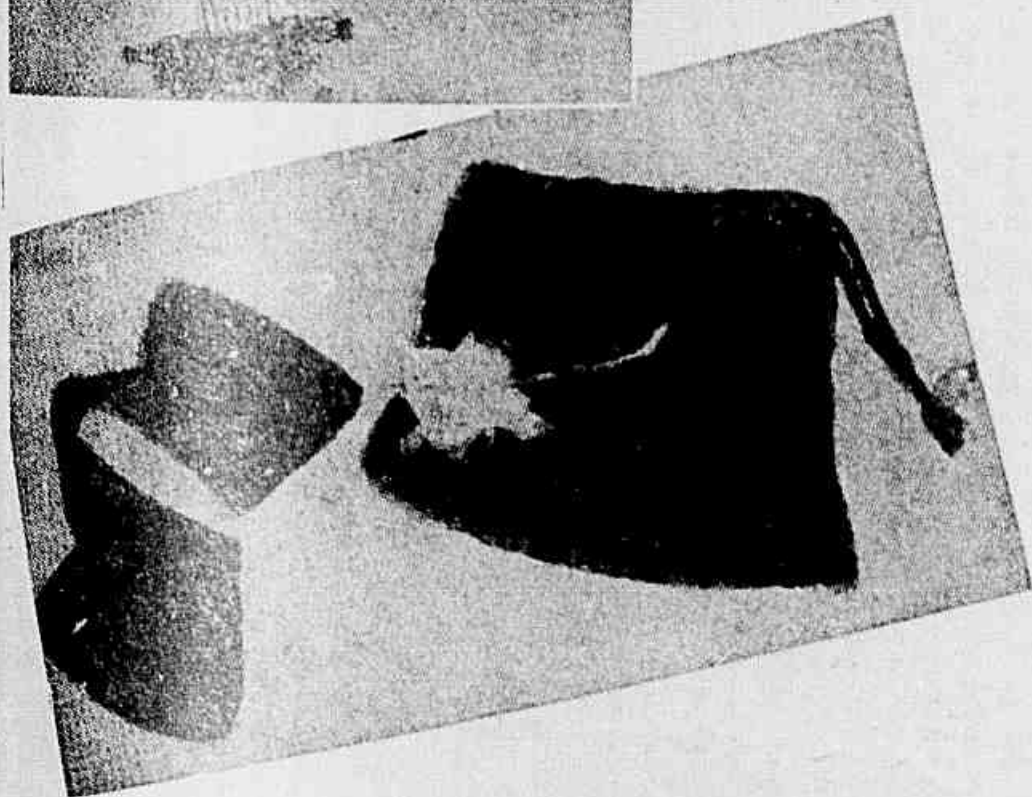
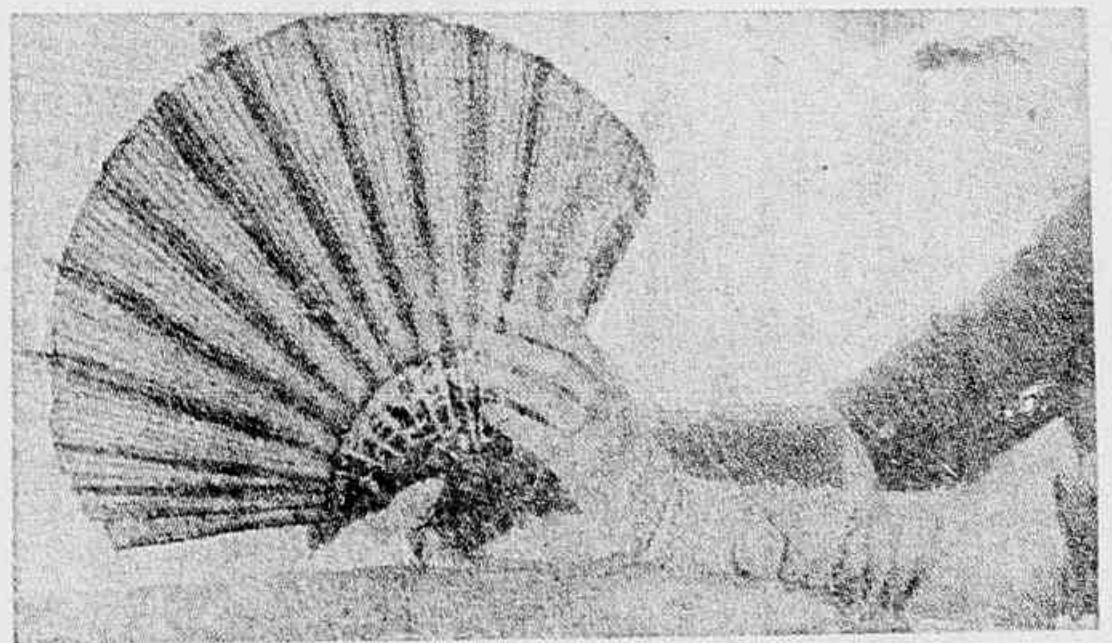
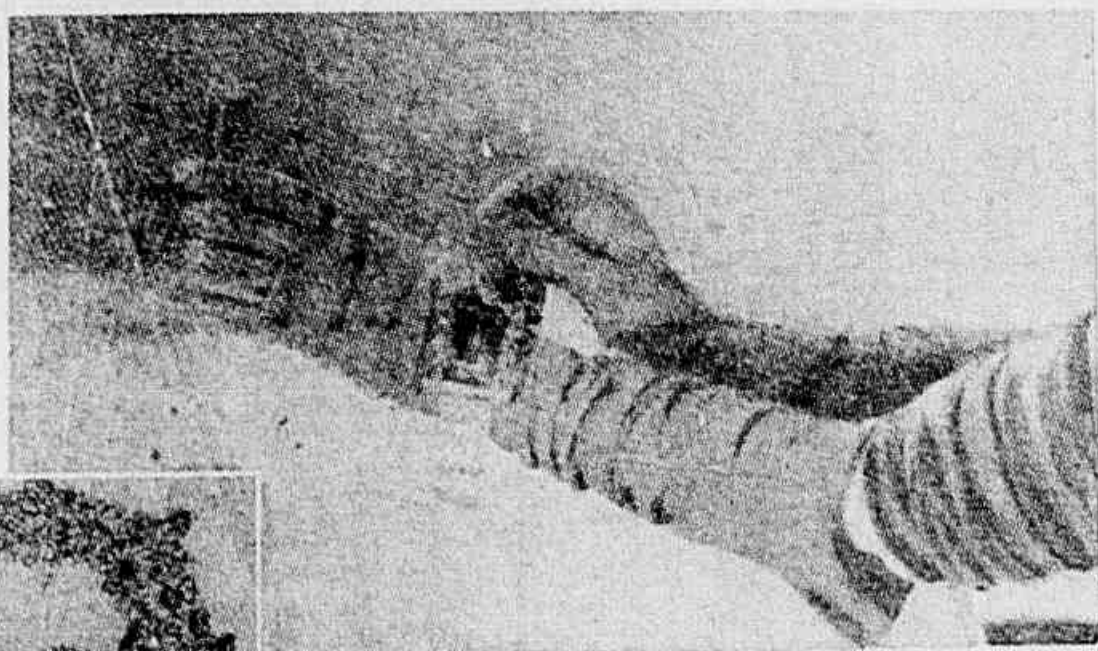
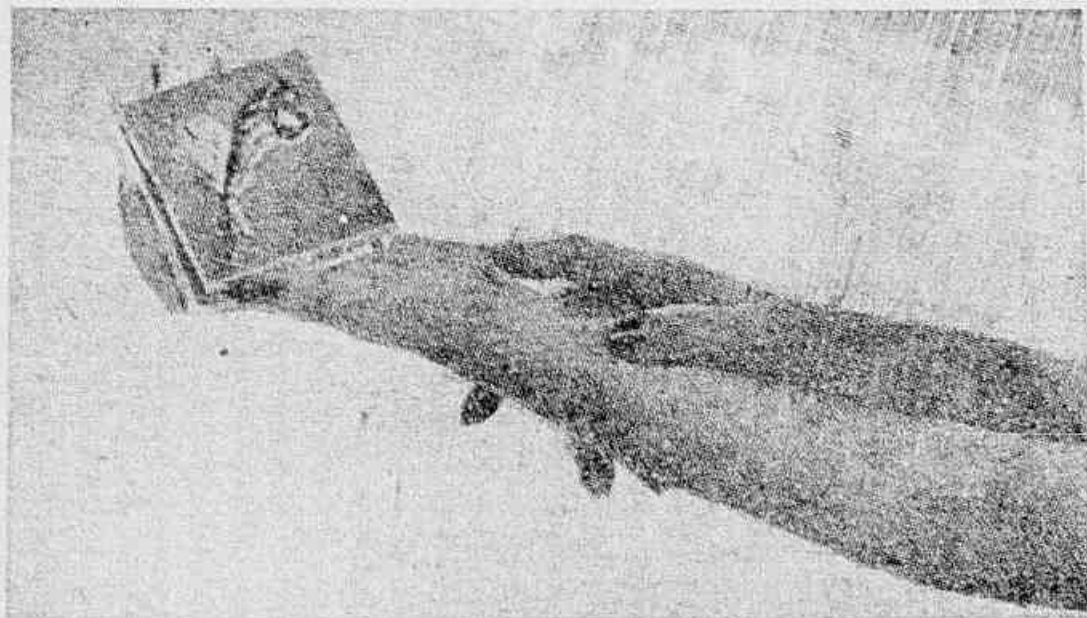
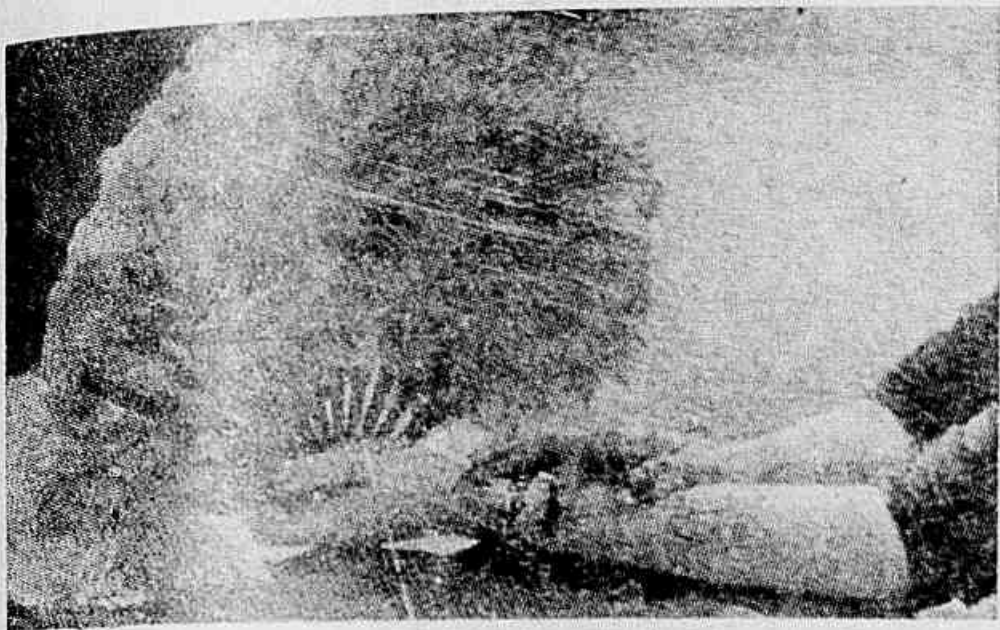
Enchi o seu lar de flores, adornei-a durante quatro anos inteiros; agora esfria comigo porque o vestido não lhe vai bem e... eu ousou dizê-lo...

Ezra Pound.

Para a mulher a certeza de estar bem vestida dá uma sensação de segurança, de tranquilidade que nem a religião consegue...

Emerson.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



Complementos de elegancia

Penas de avestruz cor de fogo formam uma série de rodas neste leque. Armação plástica, combinando.

Estojo de prata. Desenho em ouro e brilhantes.

Pulseira de ouro flexível com um grande topazio, esmeraldas e diamantes.

Lantejoulas cor de cobre brilham num leque de renda preta. Armação de tartaruga.

Gola e bolsa em lã negra.

Frente única, estilo colête: o primeiro em tafetá estampado e o segundo, para "toilette", em renda tipo Chantilly sobre "chiffon" de seda; cores desvanecidas.

"Scarf" de duas peles de marta, joias de ametista e luvas de camurça e renda são uma nota de bom gosto.



Robes de chambre, "rayons" e matelassé...



Nessas criações americanas você encontrará, provavelmente, motivos para a sua elegância íntima. Use "rayon", crepe da China ou setim com "matelassé", na confecção desses modelos.

SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.

O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNÉIA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — 10.



CARNET DE BAILE

Hoje é a noite de sua entrada oficial na sociedade. E assinala, principalmente, o seu primeiro baile. Sei que você tem muitas esperanças e pretende encantar aquele rapaz a quem adora, em segredo. Por isso sugiro esses adoráveis modelos que causaram sensação entre as deba-tantes de New York:

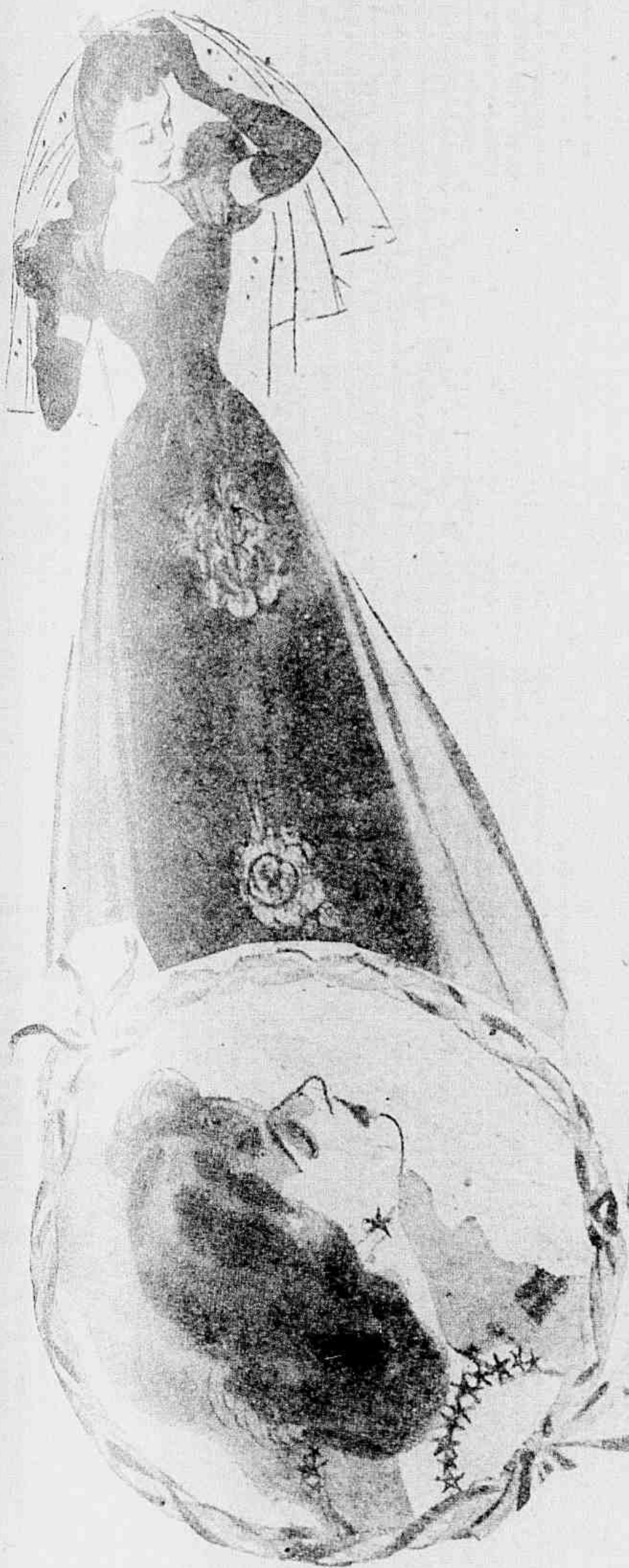
Romântico vestido em setim "rayon" brilhante. Saia muito farta. As pontas das penas de avestruz enfeitam a blusa.

Maravilhoso corpete de estilo, em setim "rayon" brilhante. Enorme saia de filô rayon. Lindo em cor de "champagne".

Três camadas de filô "rayon" formam a vaporosíssima saia "ballet". O corpete justo é de setim "rayon".

Uma saia de filô sobre combinação de tafetá formam com o corpete, em setim rosa, um conjunto capaz de suscitar a admiração até... da sua melhor amiga.

"Clamouroso" é o nome desse modelo em filô negro enfeitado de flores.



FESTIVAL

Côres vivas, contrastes fortes para alegrar a chegada do inverno. Flôres, listas, rayons estampados para conjunto de lenço e écharpe e o vermelho predominando como um desafio ao cinzento outonal.

E' como o grito dos trópicos respondendo ao adeus do verão, ou talvez o desejo do Outono de saudar a Primavera que virá...



CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



Aos apreciadores
DOS PRATOS SABOROSOS
— ASSEGURAMOS QUE,

todos os alimentos
preparados com Maizena
Duryea são deliciosos e
de fácil digestão. Maizena
Duryea é um auxiliar indispen-
sável da ar-
te culinária.

MAIZENA DURYEA
torna os alimentos
mais saborosos.
A VENDA EM
TODA PARTE



"From America"

Dois "big-hits" para a estação. O primeiro, próprio para louras elegantíssimas que tenham como Diana, a beleza das formas e do movimento. O segundo para os tipos essencialmente "intelectuais".

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



PRISÃO de VENTRE?



Pílulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS ÍNTESTI-
NOS SEM TORTURA-LOS.



Senhoras

Capsulas

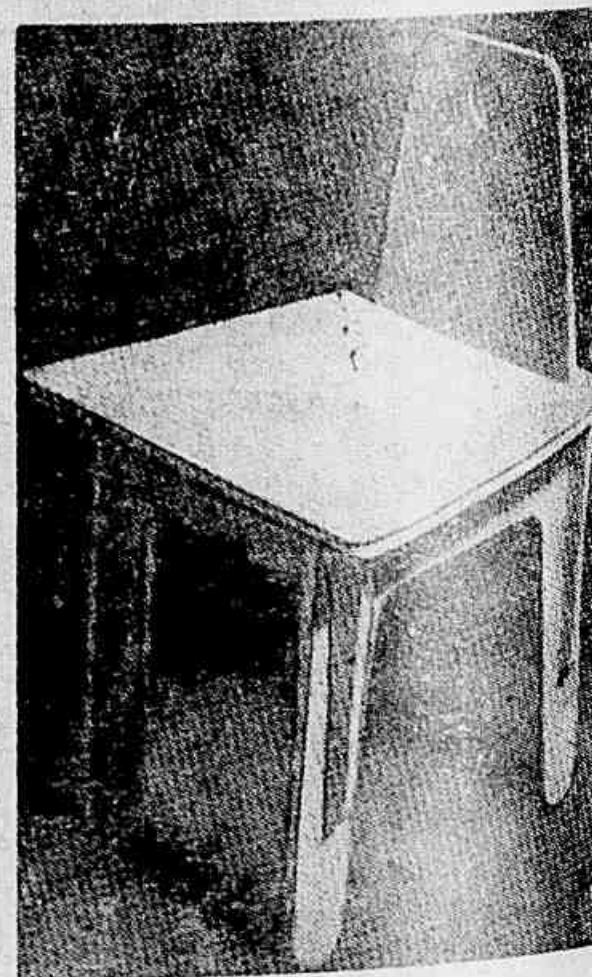
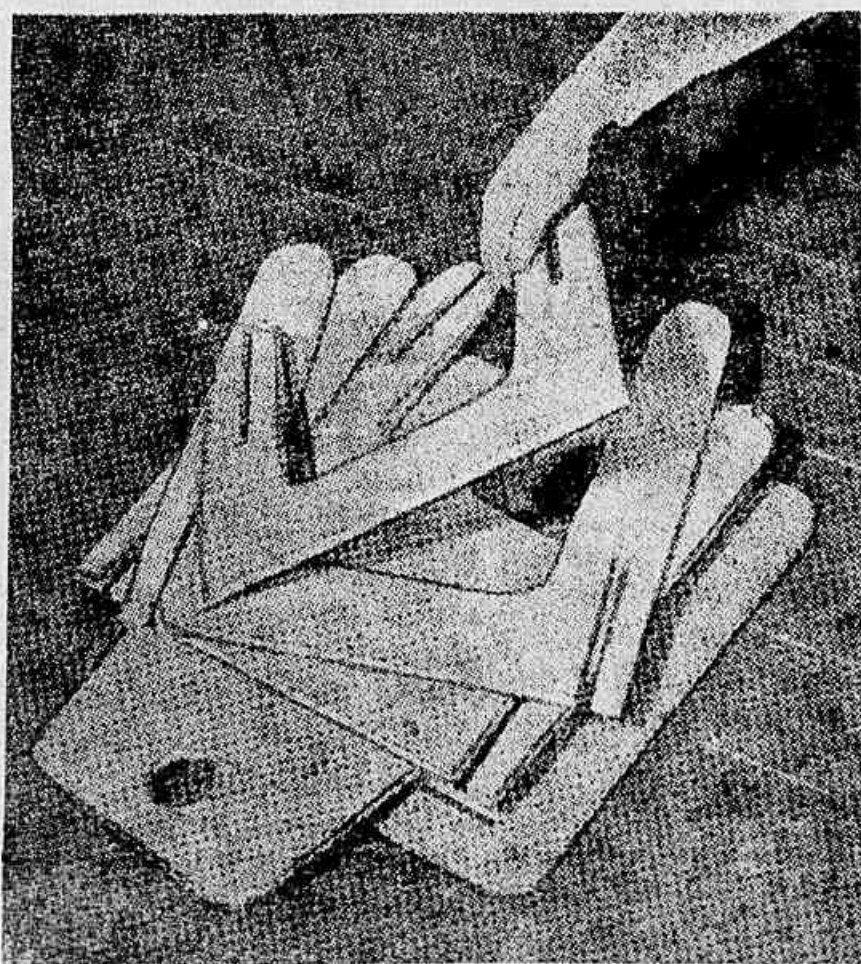
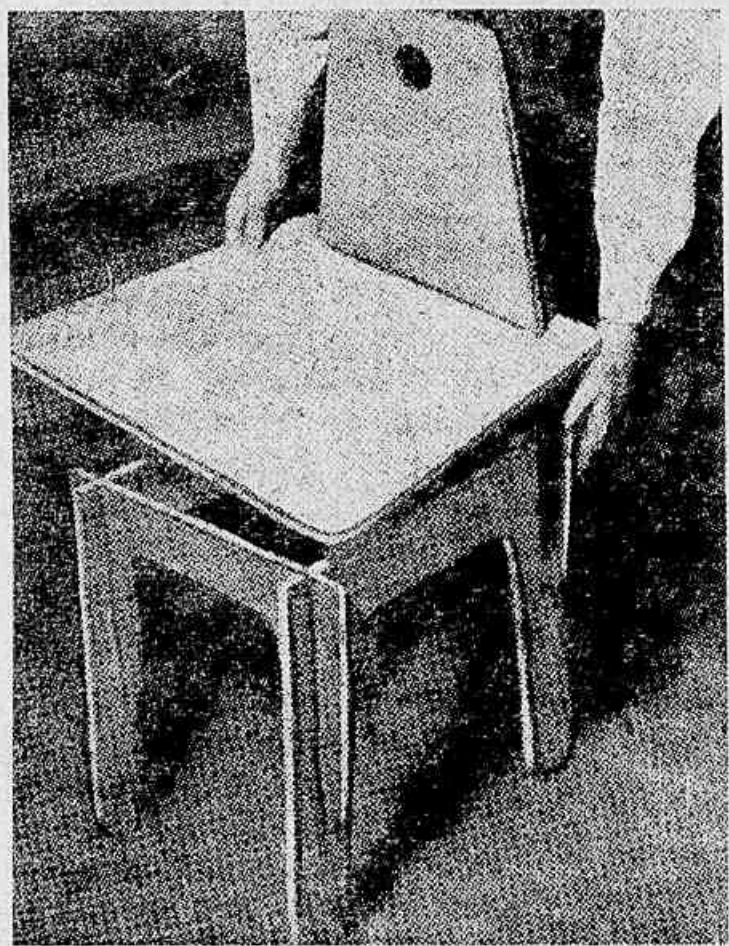
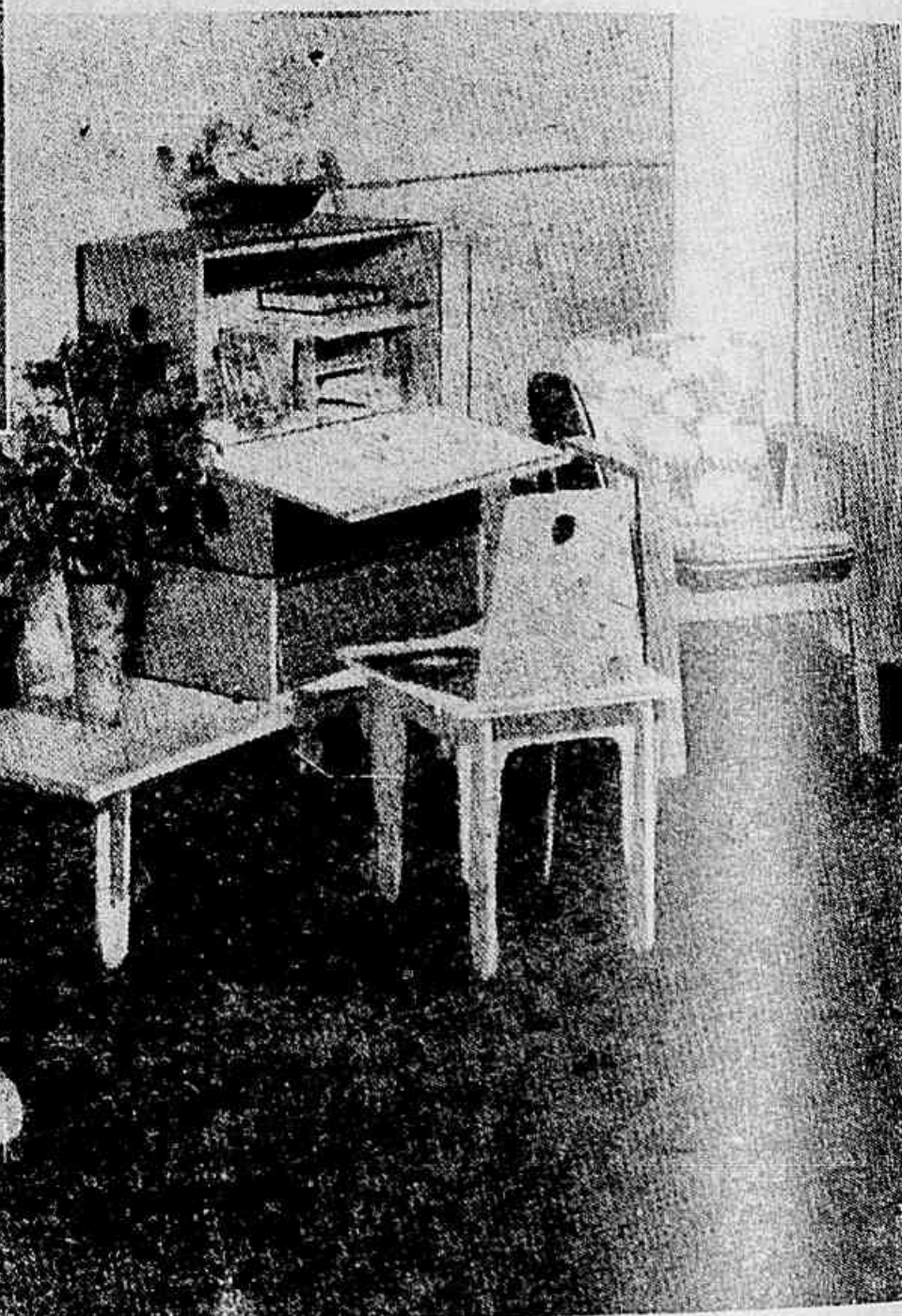
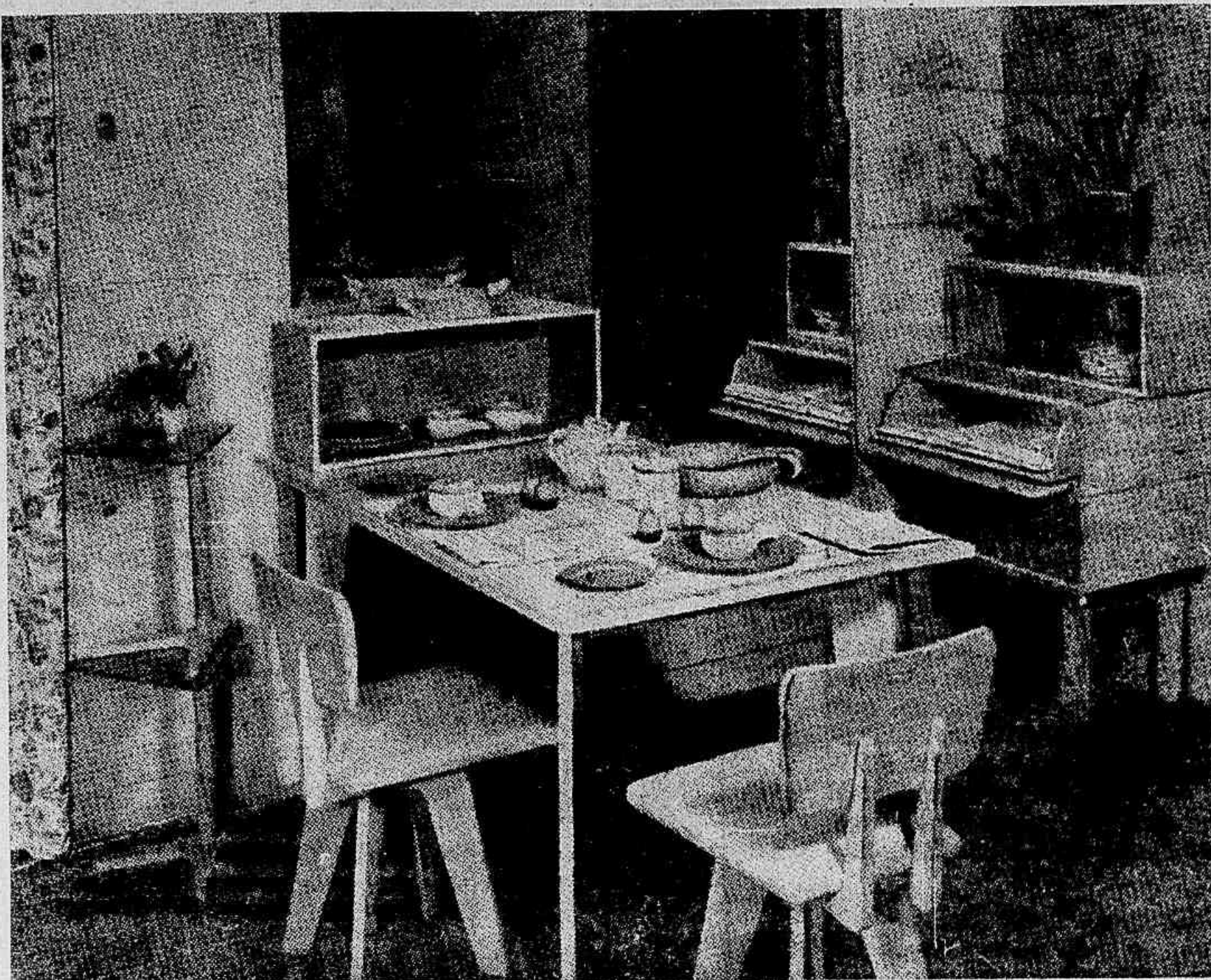
MENAGOL

PARA A FALTA DA MENSTRUACÃO

Mobilias em pacote

Novidade norte-americana que tem alcançado grande sucesso. As peças vêm em pacotes e o comprador tem apenas o trabalho de ajustá-las.

Entretanto se o senhor também gosta de interiores simples e alegres poderá confeccionar esse fácil mobiliário de "living-room". E com uma vantagem; a de levar sua mobília, em pacotes, nos dias em que trocar de residência.



O sal e os salgadinhos

Mlle. LAVARIN



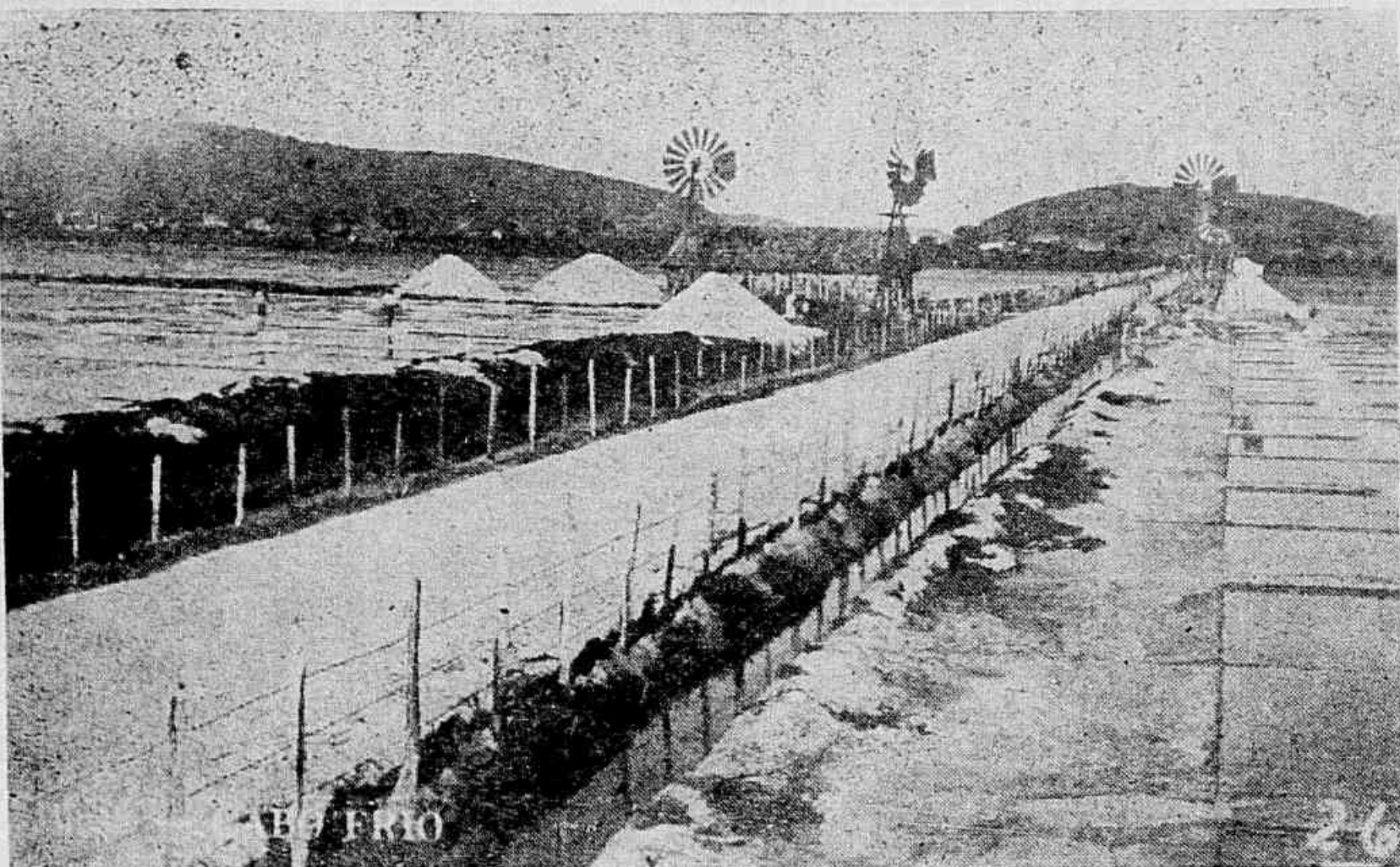
A propósito de uma conversa salgada, a respeito do sal grosso que o vendeiro nos mandou, resolvemos fazer uma crônica salobra sobre o

SAL — que é uma substância dura, seca, friável de sabor acre, solúvel na água e que, ordinariamente se emprega como tempero. É utilizado na economia doméstica e na agricultura; serve para o preparo do ácido hidrocloreto e do sulfato de sódio, portanto para o fabrico da soda artificial; é ainda utilizado para a formação do cloro e dos cloratos descorantes e para dar verniz às louças; daí sua grande importância industrial. Ingerido em determinadas doses funciona como purgativo sendo que em quantidades maiores pode causar a morte.

O sal ou cloreto de sódio é extraído industrialmente das minas de sal gema (das quais as maiores são as de Stassfurt, Wieliczka, Laluz, etc.) das fontes salgadas e da água do mar.

Das minas de sal explora-se a céu aberto ou por meio de poços e galerias. Das fontes salgadas, pela evaporação de sistema diverso entretanto daquele das salinas.

O Brasil tem o sal como um dos produtos minerais mais importantes devido à grande extensão de costas em plena zona torrida. Mas como vem acontecendo desde os tempos coloniais, não se desenvolveram nem foram aproveitadas convenientemente as salinas ou marinhas. No Rio Grande do Norte a indústria é mais ativa, principalmente em Macau e Mossoró-Assú. Ali as salinas são extremamente importantes, produzindo um sal de primeira ordem com 98% de cloreto de sódio e sem vestígio algum do cloreto de magnésio. Em Macau as salinas chegam a ter 20 quilômetros de comprimento e 203 quilômetros de largura. Existem também algumas explorações bastante extensas em Canó, no Estado do Ceará e em Cabo Frio, no Rio de Janeiro. A água do mar (em cuja constituição entram 29 gramas de cloreto de sódio NaCl por litro, além de conter cloratos de magnésio $MgCl_2$, de potássio KCl, os sulfatos de magnésio $MgSO_4$, de cálcio $CaSO_4$, e de potássio K_2SO_4 , carbonatos, iodetos, brometos e matérias orgânicas) é recolhida em reservatórios à beira-mar; passada de uns para os outros e evaporada ao ar livre, deposita, por cristalização, o



cloreto de sódio. É a esse conjunto de taboleiros ou reservatórios que a água salgada percorre para se depurar, evaporar e cristalizar, que se denomina marinha ou salina. Depois disso é refinado para fins domésticos, principalmente tendo em vista a eliminação dos sais de magnésio deliquescentes, tratando-o por meio de água de cal, ou lavando-o com um soluto saturado de cloreto de sódio, privado de sais magnesianos pelo tratamento com carbonato de sódio.

Depois de bem refinado, utilizamo-lo para temperar deliciosos pratinhos como:

NHOQUIS A ROMANA — **INGREDIENTES:** — 300 grs. de sêmula de farinha de trigo; 1 litro de leite; Sal; 2 ovos; Manteiga; Queijo ralado.

Deixe a sêmula de farinha de trigo cair no leite a ferver. Tempere com sal e deixe cozinhar uns 20 minutos mais. Tire do fogo, misture os ovos e estenda a massa, da espessura de 1 centímetro, sobre o marmore humedecido. Assim que esfriar, corte em rodela, arrume num prato e leve ao forno, deixando entretanto o centro vazio. Regue com manteiga e polvilhe queijo ralado e leve a tostar um pouco. Arrume-os contornando bifés, picadinho, etc.

PANQUECAS A' MODA DE FRANÇA — **INGREDIENTES:** — 8 colheres de farinha de trigo; 4 chácaras de leite; 4 gemas; sal e manteiga.

Misture tudo bem e frite em pequenas porções na manteiga, em partes iguais. Devem ficar finas e com o contorno de um pires. Vire dos dois lados, dobre no meio, escorra bem e arrume num prato. Sirva polvilhadas com açúcar e canela com recheio de geléia ainda quentes. Se quiser pode enrolar as panquecas como canudinhos.

"CROQUETTES" DE GALINHA — **INGREDIENTES:** — Carne de galinha assada ou cozida passada na máquina; 1 colher de manteiga; 1 chávena de leite; 1 chávena de farinha de trigo peneirada; 2 gemas; $\frac{1}{2}$ lata de *petit-pois* escorridos; pão torrado em pó, banha e legumes.

Misture o leite com a manteiga e leve ao fogo para ferver. Quando isto suceder, jogue dentro a farinha de trigo. Cozinhe mexendo bem e depois junte duas gemas, a galinha passada e os *petit-pois* escorridos. Deixe esfriar bem e faça pequenas *croquettes* do mesmo tamanho. Passe-as em pó de pão torrado, depois nos ovos batidos e novamente no pó, fritando-as em banha. Arrume-as no centro do prato circundadas por legumes em pérolas.



CASAQUINHO MODERNO

Agora que estamos na proximidade do inverno fazemos sortimento de *sweaters* e *pullovers*. Em geral, em cada família, há sempre alguns elementos cujas mãos privilegiadas se encarregam de tal mister. Portanto conhecem bastante as regras gerais para a confecção de blusas e casaquinhos. Especialmente, a essas pessoas, oferecemos esse modelo com as instruções somente para a execução dos adornos. Estes poderão ser aplicados em modelos, confeccionados em pontos diferentes.

ADORNOS: — Trabalha-se com agulha de ganchinho empregando-se lã tipo *cashemira* em cor vermelho viva.

BASE: — Fazem-se 44 cadeias, um meio ponto na segunda cadeia da agulha, 1 meio ponto em cada uma das 6 cadeias seguintes; 1 meia vareta em cada uma das 7 cadeias seguintes; 1 vareta em cada uma das 7 cadeias seguintes; 3 varetas duplas em cada uma das 7 cadeias seguintes; 1 meia vareta em cada uma das 7 cadeias seguintes; 1 meia vareta em cada uma das 7 cadeias seguintes; um meio ponto em cada uma das 6 cadeias seguintes.

Para rematar fazer 4 deste modo.

FOLHA GRANDE: — Fazem-se 14 cadeias; 1 vareta dupla na quarta cadeia da agulha; 1 vareta dupla em cada uma das duas cadeias seguintes; 1 vareta em cada uma das 3 cadeias seguintes; 1 meia vareta em cada uma das 3 cadeias seguintes; 1 meio ponto em cada uma das 2 últimas cadeias. Continua-se sobre o outro lado da cadeia trabalhando no contorno da folha 1 fileira de meios pontos. Une-se com ponto deslizado. Fazem 4 iguais.

FOLHA MEDIANA: — Fazem-se 12 cadeias trabalhando-se da mesma forma que para as folhas grandes, fazendo-se uma vareta dupla e uma meia vareta menos. Fazem-se 8.

FOLHAS PEQUENAS: — Fazem-se 10 cadeias. 1 vareta na terceira cadeia da agulha; 1 vareta em cada uma das 2 cadeias seguintes; 1 meia vareta em cada uma das 3 cadeias seguintes; 1 meio ponto em cada uma das 2 cadeias seguintes. Terminar com a folha grande e fazer 8.

LUARES: — Fazem-se 3 cadeias. Unem-se para formar aro. Trabalham-se 8 meios pontos e unem-se com ponto deslizado. Fazem-se 28. Aplicam-se estas peças, como se pode observar na gravura, com pontas perdidas em cada punho.

Este casaquinho faz-se com o seguinte material: 15 meadas de lã tipo *bouclé* em cores claras: *beige*, branco, amarelo, etc... 1 meada de lã em tom vivo, para a confecção dos adornos; 1 par de agulhas n. 4. 1 agulha de *crochet*.

O da gravura é trabalhado em ponto de *jersey*, o que, aliás, o torna muito chic próprio, até mesmo, para trajes de *toilette*.

PENSAMENTOS MUSICAIS:

DE BEETHOVEN:

A emoção é o apogeu da existência; e a música, o apogeu da emoção, é a arte que nos conduz a Deus.

Desde criança, murmurou-me a Musa: "Tenta reproduzir, por escrito, as harmonias da tua alma."

Um músico é também um poeta.

DE SCHUMANN:

"Assim como na natureza a planta esconde no seio da terra as suas raízes, assim deve o artista ocultar a sua idéia quando trabalha; coisas terríveis nos seriam reveladas se pudessemos, em todas as obras, enxergar até o âmago da sua gênese."

Tenho por vezes ímpetos de esmagar o meu piano, cada dia mais incapaz, na sua estreiteza, de conter a minha idéia.

DE LISZT:

Meu piano é para mim, o que para o marujo é a sua nau e para o árabe seu corcel — e mais ainda talvez... pois até hoje o meu piano é a minha palavra — a minha vida, íntimo confidente de todo o meu anseio, de todos os meus sonhos, de toda a minha alegria e todo o meu sofrer!

DE RICHARD WAGNER:

A obra a mais completa do poeta deveria ser aquela que, no seu perfeito acabamento, se transformasse em música.

Como artista e como homem caminho para um novo mundo.





O Lar Torne sua casa um mundo maravilhoso

INTERIORES para um "chalet" provençal



Num "chalet" de arquitetura em estilo provençal, as vigas do tecto, os móveis antigos e essas lampadas e artefactos, combinam admiravelmente com as janelas, revestidas de cortinas de musselina clara e com as cadeiras estofadas em lã verde que se harmonisa com a cor amarelo-clara do papel mural.

O confortável sofá, forrado em "chintz" verde de estamparia floral proporciona a nota de alegria ao ambiente.

MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Móveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

O ENFERMEIRO

(Conclusão da pag. 11)

duas horas não ousei voltar ao quarto. Não posso mesmo dizer tudo o que passei, durante esse tempo. Era um atordoamento, um delírio vago e estúpido. Parecia-me que as paredes tinham vultos; escutava umas vozes surdas. Os gritos da vítima, antes da luta e durante a luta, continuavam a repercutir dentro de mim, e o ar, para onde quer que me voltasse, aparecia recortado de convulsões. Não creia que esteja fazendo imagens nem estilo; digo-lhe que eu ouvia distintamente umas vozes que me bradavam: assassino! assassino!

Tudo o mais estava calado. O mesmo som do relógio, lento, igual e seco, sublinhava o silêncio e a solidão. Colava a orelha á porta do quarto na esperança de ouvir um gemido, uma palavra, uma injúria, qualquer coisa que significasse a vida, e me restituísse a paz á consciência. Estaria pronto a apanhar das mãos do coronel, dez, vinte, cem vezes... Mas nada, nada; tudo calado. Voltava a andar á toa, na sala, sentava-me, punha as mãos na cabeça! arrependia-me de ter vindo. — "Maldita a hora em que aceitei semelhante coisa!" exclamava. E descompunha o padre de Niterói, o médico, o vigário, os que me arranjaram um lugar, e os que me pediram para ficar mais algum tempo. Agarrava-me á cumplicidade dos outros homens.

Como o silêncio acabasse por aterrar-me, abri uma das janelas, para escutar o som do vento, se ventasse. Não ventava. Anoite ia tranquila, as estrelas fulguravam, com a indiferença de pessoas que tiram o chapéu a um enterro que passa, e continuam a falar de outra coisa. Encostei-me ali por algum tempo, fitando a noite, deixando-me ir a uma recapitulação da vida, a ver se descansava da dor presente. Só então posso dizer que pensei claramente no castigo. Achei-me com um crime ás costas e vi a punição certa. Aqui o temor complicou o remorso. Senti que os cabelos me ficavam de pé. Minutos depois vi três ou quatro vultos de pessoas, no terreiro, espiando, com um ar de emboscada; recuei, os vultos esvaíram-se no ar; era uma alucinação.

Antes do alvorecer curei a contusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei; ainda assim, não cheguei logo á cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me; cheguei a pensar na fuga; mas era confessar o crime, e, ao contrário, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até á cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: "Caim, que fizeste de teu irmão?" Vi no pescoço o sinal das minhas unhas; abotoei alto a camisa e cheguei o queixo á ponta do lençol. Em seguida chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico.

A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebê-lo carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalhei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e miopo. Não saí da sala mortuária; tinha medo de que descobrissem alguma coisa. Queria ver no rosto dos outros se desconfiavam; mas não ousava fitar ninguém. Tudo me dava impaciências: os passos de ladrão com que entravam na sala, os cochichos, e as cerimônias e as rezas do vigário. Vindo á hora, fechei o caixão, com as mãos trêmulas, tão trêmulas que uma pessoa, que reparou nelas, disse a outra com piedade:

— Coitado do Procópio! apesar do que padeceu, está muito sentido.

Pareceu-me ironia; estava ansioso por ver tudo acabado. Saimos á rua. A passagem da meia escuridão da casa para a claridade da rua deu-me grande abalo; receei que fosse então impossível ocultar o crime. Meti os olhos no chão, e fui andando. Quando tudo acabou respirei. Estava em paz com os homens. Não o estava com a consciência, e as primeiras noites foram naturalmente de desassossego e aflição. Não é preciso dizer que vim logo para o Rio de Janeiro, nem que vivi aqui aterrado, embora longe do crime; não ria, falava pouco, mal comia, tinha alucinações, pesadelos...

— Deixa lá o outro que morreu, diziam-me. Não é caso para tanta melancolia.

E eu aproveitava a ilusão, fazendo muitos elogios ao morto, chamando-lhe boa criatura, impertinente, é verdade, mas um coração de ouro. E elogiando, convenciam-me também, ao menos por alguns instantes. Outro fenómeno interessante, e que talvez lhe possa aproveitar, é que, não sendo religioso, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel, na igreja do Sacramento. Não fiz convites, não disse nada a ninguém; fui ouvi-la, sozinho, e estive de joelhos todo o tempo, persignando-me a miúdo. Dobrei a esportula do padre, e distribuí esmolas á porta, tudo por intenção do finado. Não queria embair os homens; a prova é que fui só. Para completar este ponto, acrescentarei que nunca aludia ao coronel, que não dissesse: "Deus lhe fale nalmal!" E contava dele algumas anedotas alegres, rompantes engraçados...

Sete dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, recebi a carta do vigário, que lhe mostrei, dizendo-me que fora achado o testamento do coronel, e que eu era o herdeiro universal. Imagine o meu pasmo. Pareceu-me que lia mal, fui a meu irmão, fui aos amigos; todos lêram a mesma coisa. Estava escrito; era eu o herdeiro universal do coronel. Cheguei a supor que fosse uma cilada; mas adverti logo que havia outros meios de capturar-me, se o crime estivesse descoberto. Demais, eu conhecia a probidade do vigário, que não se prestaria a se instrumento. Reli a carta, cinco, dez, muitas vezes; lá estava a notícia.

— Quanto tinha ele? perguntava-me meu irmão.

— Não sei, mas era rico.

— Realmente, provou que era teu amigo.

— Era...era...

Assim por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham passar ás minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintem do tal espólio; era pior do que fazer-me esbirro alugado. Pensei nisto três dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma coisa. No fim dos três dias, assentei num meio termo; receberia a herança e da-la-ia toda, aos bocados e ás escondidas. Não era só o escrupulo era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas.

Preparei-me e segui para a vila. Em caminho, á proporção que me ia aproximando, recordava o triste sucesso; as cercanias da vila tinham um aspecto de tragedia, e a sombra do coronel parecia-me surgir de cada lado. A imaginação ia reproduzindo as palavras, os gestos, toda a noite horrenda do crime...

Crime ou luta? Realmente foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade. Fixei-me nessa idéia. E balanceava os agravos, punha no ativo as pancadas, as injúrias... Não era culpa do coronel, bem o sabia, era da molestia, que o tornava assim rabujento e mau... Mas eu perdoava tudo, tudo... O pior foi a fatalidade daquela noite... até Considerei também que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco; ele mesmo o sentia e dizia: Viveria quanto? Já não era vida, era um molambo de vida, se isto mesmo se podia chamar ao padecer continuo do pobre homem! E quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra coisa. Fixei-me também nessa idéia...

Perto da vila apertou-se-me o coração, e quize recuar, mas dominei-me e fui. Receberam-me com parabéns. O vigário disse-me as disposições do testamento, os legados pios, e de caminho ia louvando a mansidão cristã e o zelo com que eu servira ao coronel, que, apesar de áspero e duro, soube ser grato.

— Sem duvida, dizia eu olhando para outra parte.

Estava atordoado. Toda a gente me elogiava a dedicação e a paciência. As primeiras necessidades do inventário detiveram-me algum tempo na vila. Constitui advogado; as coisas correram placidamente. Durante esse tempo, falava muita vez do coronel. Vinham contar-me coisas dele, mas sem a moderação do padre; eu defendia-o, apontava algumas virtudes, era austero...

— Qual austero! Já morreu, acabou; mas era o diabo.

E referiram-me casos duros, ações perversas, algumas extraordinárias. Quer que lhe diga? Eu, a principio, ia ouvindo cheio de curiosidade; depois, entrou-me no coração um singular prazer, que eu, sinceramente buscava expelir. E defendia o coronel, explicava-o, atribuía alguma coisa ás rivalidades locais; confessava, sim, que era um pouco violento... Um pouco? Era uma cobra assanhada, interrompia-me o barbeiro; e todos, o coletor, o boticário, o escrivão, todos diziam a mesma coisa; e vinham outras anedotas, vinha toda a vida do defuncto. Os velhos lembravam-se das crueldades dele, em merino. E o prazer intimo, calado, insidioso, crescia dentro de mim, espécie de tenia moral, que por mais que arrancasse aos pedaços, recompunha-se logo e ia ficando.

As obrigações do inventário distraíram-me; e por outro lado a opinião da vila era tão contrária ao coronel, que a vista dos lugares foi perdendo para mim a feição tenebrosa que a principio achei neles. Entrando na posse da herança converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos meses, e a idéia de distribui-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação. Restringi o plano primitivo: distribuí alguma coisa aos pobres, dei á matriz da vila uns paramentos novos, fiz uma esmola á Santa Casa da Misericórdia, etc...: ao todo trinta e dois contos. Mandei também levantar um tumulo ao coronel, todo de mármore, obra de um napolitano, que aqui esteve até 1866, e foi morrer, creio eu, no Paraguai.

Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso ás vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias. Todos os médicos a quem contei as molestias dele, foram acordes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo. Póde ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descrição que então lhes fiz; mas a verdade é que ele devia morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade.

Adeus, meu caro senhor. Se achar que esses apontamentos valem alguma coisa, pague-me também com um tumulo de mármore, ao qual dará por epitáfio esta emenda que faço aqui ao divino sermão da montanha:

"Bemaventurados os que possuem, porque eles serão consolados."

DE BOLDINI A PICASSO

(Conclusão da pag. 21)

descendia de Spinoza. Foi a Paris com a intenção de tornar-se escultor. Aquele tempo o modernismo na arte começara a evoluir para seus sentidos mais extremos e a escultura de Modigliani é uma série de bustos torturados e estilizados. Algo influenciado pelo rumeno Brancusi e pela escultura da Costa do Marfim, começou então a pintar e em poucos anos deixou uma série de retratos e nas altamente pessoais. Foi o epitome da vida boêmia de Montparnasse. Sua vida foi uma tragédia de amor, dissipação e miséria. Pintava as mulheres que amava, seus compradores e seus amigos artistas.

Modigliani, morreu em extrema miséria, logo depois da guerra. Sua mulher, francesa, que ele pintou repetidas vezes com a cabeça e o longo pescoço pendidos para o lado como um lírio murcho matou-se no dia de seu funeral. Na década seguinte os que haviam comprado seus quadros por algumas centenas de francos venderam-nos por centenas de mil e muitos deles vieram parar na América. Dezesete dos melhores estão na coleção Chester Dale de Nova York.

PICASSO

Picasso começou sua vida e obra num estilo tradicional; era uma criança prodígio, filho de um professor de arte de Barcelona. Quando veio a primeira vez a Paris estava muito influenciado pelos realistas satíricos e românticos, especialmente Toulouse Lautrec; e surge então na escolha e no modo de tratar seus temas humanos, algo do que chamamos significação social; cenas das vidas do povo emaciado dos circos e cafés.

Mas agora seu intelecto estranhamente experimental começou a orientar sua arte numa direção inteiramente nova. As imagens do que via nunca o satisfaziam. Tomava-as como ponto de partida, como um tema a ser desenvolvido, uma realidade meramente temporária, a ser analisada, dissecada e dissipada. Este processo póde ser novamente observado nas séries de retratos das mesmas pessoas, simples semelhança a principio, invenções irreconhecíveis e fantásticas no tempo em que as pintou.

Seu cubismo parece agora ter iniciado uma série de retratos de Fernando Olivier. Começou a posar para ele em 1905, quando a pintou como a vemos nas fotografias da época com uma face serena, clássica, olhos acentuadamente arqueados e um nariz romano. Visto lado a lado de um retrato posterior, tal como o semi-cubista de 1908, não poderíamos supor tratar-se da mesma pessoa. Mas, si seguirmos as transformações de um quadro para outro, de um busto de bronze para o seguinte, tela a tela, á proporção que ele isola, exagera e altera seus traços, podemos descobrir a origem de cada forma extremamente abstrata implícita nas linhas da fotografia.

Esta transformação, ou metamorfóse, de uma realidade simples e fascinante numa forma ainda mais fascinante, muitas vezes imaginária, tem sido o permanente caráter da arte de Picasso.

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47666

Creanças



Maria Celia, filha do sr. Manoel de Vasconcellos e d. Sylvia de Vasconcellos.



Marlene Ferreira de Carvalho, filha do sr. Pedro Climaco de Carvalho e d. Rosa Ferreira de Carvalho.



Nadyr Ferreira Barbosa, filha de d. Consuelo Ferreira Barbosa e do sr. M. Barbosa.



Wilde, filhinho do sr. Benedito Batista dos Santos e d. Margarida Ponce dos Santos — João Pessoa Paraiba do Norte.



Ricardo, filho do professor Décio Ferreira Cretton e de sua exma. esposa d. Olga Cretton, residentes em Campos, no dia em que completou seu primeiro aniversário.



Maria Helena, filha do sr. Armando de Assis Castro e d. Vitalina de Castro. — Barbacena — Minas.



Rejane, filha do sr. Benedito Batisto dos Santos e d. Margarida Ponce dos Santos. — João Pessoa — Paraiba do Norte.

CREME DENTAL



Eclair